UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO-PPG
ÓRGÃO DE EDUCAÇÃO E RELAÇÕES ÉTNICAS COM ÊNFASE EM CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES ÉTNICAS E CONTEMPORANEIDADE-PPGREC

ADRIANA BATISTA SANTOS CHACHÁ

AGORA NÃO SÃO MAIS "OS" NEGROS E SIM "NÓS" NEGROS: NARRATIVAS DOS INTEGRANTES DO ENCANTARTE SOBRE IDENTIDADE NEGRA

JEQUIÉ-BAHIA
2017

ADRIANA BATISTA SANTOS CHACHÁ

AGORA NÃO SÃO MAIS "OS" NEGROS E SIM "NÓS" NEGROS: NARRATIVAS DOS INTEGRANTES DO ENCANTARTE SOBRE SUA IDENTIDADE NEGRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Linha de Pesquisa: Etnicidade, Memória e Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valmir Henrique Araújo.

JEQUIÉ-BAHIA

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

Chachá, Adiana Batista Santos .

C422 Agora não são mais "os" negros e sim "nós" negros:: narrativas dos integrantes do encantarte sobre sua identidade negra/Adriana Batista Santos Chachá.- Jequié, UESB, 2017.

128 f: il.; 30cm. (Anexos)

Dissertação de Mestrado (Pós-graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade)-Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017. Orientador: Profº. Drº. Valmir Henrique Araújo.

ADRIANA BATISTA SANTOS CHACHÁ

AGORA NÃO SÃO MAIS "OS" NEGROS E SIM "NÓS" NEGROS: NARRATIVAS DOS INTEGRANTES DO ENCANTARTE SOBRE IDENTIDADE NEGRA.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação, em Nível de Mestrado Acadêmico, em Relações Étnicas e Contemporaneidade- PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia/UESB, Campus de Jequié.

Linha de Pesquisa 1: **Etnicidade, Memória e Educação.**

Aprovada em: 17 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Valmir Henrique de Araújo

Prof. Dr. Valmir Henrique de Araújo – UESB **(Orientador)**

Profª. Drª. Zelinda dos Santos Barros- UFRB
Examinadora

Prof. Dr. Benedito Gonçalves Eugênio- UESB
Examinador

JEQUIÉ
2017

Dedico este trabalho as pessoas mais importantes de minha vida, que sempre estiveram comigo, meus maiores e melhores amores: Meus pais Alayde e Osvaldo por todo cuidado, amor e aprendizagem. Meu filho amado Júlio César pela paciência e compreensão, sem o seu amor eu certamente não conseguiria.

Meu esposo Márcio Chachá pelo companheirismo, incentivo e apoio, você foi essencial para esta conquista.

Meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas vocês são inspirações para minha vida.

Obrigada pelo que me ensinaram e ainda ensinam.

GRATIDÃO INFINDA

Retribuir gratidão às pessoas que fizeram e fazem parte desta conquista é algo inspirador. A inspiração surge das lembranças dos momentos de alegria, angústia e de como cada pessoa que contribui de forma tão carinhosa e dedicada, colaborou para tornar este caminho mais leve, o que me faz valorizar para além dos percalços. As delícias desta boa escolha em fazer parte de um curso tão especial, em um lugar ímpar como o Órgão de Educação e Relações Étnicas (ODEERE). A boniteza das pessoas e desse lugar coloriu os meus passos e me guiaram até aqui, é com essa mesma gentileza que busco retribuir.

As vivências acadêmicas por vezes nos exigem um olhar mais frio das coisas e uma atitude menos sonhadora, os prazos fazem isso, é preciso produzir, pesquisar e dá conta de tantas outras coisas e principalmente da sua própria vida com pai, mãe, filho, esposo, irmãos, sobrinhos, amigos, trabalho e em meio às angústias eles/elas foram generosos/as ao perceberem e respeitarem o meu silenciamento e distanciamento decorrentes da responsabilidade que assumi com a pesquisa. Afinal, a academia tem suas exigências, e me senti tão desafiada que busquei exercitar diariamente gestos de gratidão para aqueles que estiveram próximos a mim. Portanto, este é o momento para dizer que me sinto agraciada e agradecida, pois pude contar com pessoas maravilhosas que com amor, dedicação e amizade, permitiram-me seguir adiante e realizar um dos meus sonhos.

Primeiramente, quero agradecer ao Supremo Deus, Criador e Doador de todas as coisas, Ele me permite ir além, sempre.

Aos meus pais Alayde e Osvaldo, obrigada pela doçura, entendimento e aprendizagens. Meus maiores e melhores referenciais, vocês me ensinam o que significa ser gente. Tenho uma imensa gratidão por ter nascido de pessoas tão maravilhosas.

Ao meu filho Júlio César que desde a seleção me incentivava dizendo: “Mãe, vai dá tudo certo, você vai passar”. E em meio às escritas que dividia com ele entre um dos seus desenhos e uma página da minha escrita, me perguntava: “Mãe falta quantas páginas desse livro que você tá escrevendo.” Também me acompanhou nas entrevistas, nas observações, meu grande e verdadeiro amor, esta conquista também é sua, obrigada por ser meu filho. A Márcio Chachá, meu esposo, companheiro de tantos anos, que esteve comigo em cada momento me incentivando e me dizendo que eu poderia. Obrigada, por ser assim tão você,

com sua dureza e delicadeza, me encoraja e mostra que vale a pena continuar. Por ter entendido o meu mau humor, você foi fundamental para esta conquista.

Aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas, obrigada por serem meu prumo e me incentivar, pelos abraços, sorrisos e por alegrarem os meus dias, amo vocês.

Aos meus amigos e amigas, obrigada por entenderem as ausências e principalmente por acreditarem que eu poderia, vocês me ajudaram emocional e espiritualmente, sobretudo por trazerem mais cor para esta caminhada.

Aos meus colegas de trabalho, ao meu chefe, obrigada por todo apoio e disponibilidade sem vocês certamente não conseguiria.

Aos meus colegas e amigos, companheiros que preencheram minha trajetória de mestrado com belíssimas aprendizagens e trocas, Flávia, Jamile, Tamiz, Rita, Milena, Cláudia, Michelle, Neto, Marcão e Adriana, obrigada por dividirem comigo as angústias e as alegrias da academia, pela cumplicidade e amizade.

Aos integrantes do grupo Encantarte, Egnaldo, Liliane, Tâmela, Jackson e Jaqueline, obrigada por terem confiado a mim as suas histórias e ter dividido comigo tantos sonhos e conquistas, vocês são inspiração para minha caminhada, sem vocês nada disso seria possível.

Aos funcionários e amigos do ODEERE, pelos chás e cuidados dispensados todos os dias, acompanhados pelos sorrisos e abraços. Aos professores, em especial Benedito Eugênio, Marise de Santana e Marcos Lopes pelo conhecimento, pelas discussões e por me ensinarem o valor da militância, vocês transformaram o meu caminhar e foram e são fontes de inspiração e conhecimento.

E por fim, porém não menos importante, a meu orientador Valmir Araújo, obrigada pela delicadeza, poesia e por ter acreditado no meu potencial como pesquisadora. O senhor agiu com serenidade e sabedoria, mostrando-me as dificuldades do meio acadêmico, mas me permitindo desfrutar de todas as delícias que ele nos proporciona, pela troca, companheirismo e encorajamento.

RESUMO

Esta pesquisa apresenta como objeto de estudo a construção da identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte em Itabuna–Bahia sobre o processo de construção da identidade negra. Para tanto, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: Como se constrói a identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte? Desse modo, traçamos como objetivo geral: Compreender o processo de construção da identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte. Para tanto, partimos de dois pontos particulares que originaram os objetivos específicos: 1- Identificar os elementos que estruturam o processo de construção da identidade negra dos integrantes do Encantarte; 2 - Investigar as ações antirracistas desenvolvidas no Encantarte; 3 -Compreender as implicações da educação antirracista no/do Encantarte com o processo de construção identitária negra. Desse modo se originou esta dissertação: intitulada *Agora não são mais "Os" negros e sim "Nós" negros: Narrativas dos integrantes do Encantarte sobre sua identidade negra*. Os participantes desta pesquisa são os integrantes que participam do grupo há mais de dez anos, sendo que alguns estão desde a sua criação. Para embasamento teórico, utilizamos alguns interlocutores das relações raciais e da educação, tais como: Gomes (1999; 2001; 2002); Cavalleiro (2001; 2005); Hall (1999; 2011); Munanga (2005; 2006; 2009,2010), Freire (1987; 1996; 2000; 2001; 2003), entre outros, para discutir as categorias: identidade, identidade negra e educação antirracista O caminho metodológico partiu das entrevistas narrativas realizadas individualmente com os integrantes que ministram oficinas culturais, bem como da observação participante nas oficinas realizadas por eles/elas a fim de perceber como se constitui a identidade negra, e como esse processo influencia e é influenciado pela educação antirracista desenvolvida nas oficinas. Assim, compreendemos que a construção identitária negra desses/dessas participantes, está relacionada aos elementos históricos e sociais da comunidade do Bairro Maria Pinheiro, como também do cenário brasileiro. Nesse sentido, eles/elas se constroem considerando o entendimento do papel do negro nesta sociedade, revelado em todas as narrativas pela forma como o negro é socialmente visto.

Palavras Chave: Identidade. Identidade Negra. Educação Antirracista.

ABSTRACT

This research presents as object of study the construction of black identity of the Encantart Group members, in Itabuna-Bahia, on the process of construction of the black identity. For such, we developed the following research question: How it is built black identity of the Encantarte Group members? In this way, the overall aim of the research is understand the process of the black identity construction of the Encantarte Group members. We start from the two special points that originated the specific objective: 1- Identify the elements that structure the process of the black identity construction of the Encantarte Group members.2- To investigate the anti-racist actions developed by Encantarte Group; 3- Understand the implications of the anti-racist education in/from Encantarte Group with the black identity construction. Thus originated this dissertation: titled *Now they are no longer "It" black, but "We" black: Narratives of Encantarte Group members about their black identity*. The participants of this research are the members participating in the group for over ten years, and some are since its inception. To theoretical bases, we use some interlocutors, researcher of racial relations and education, such as Gomes, Cavalleiro, Hall, Munanga, Freire to discuss the categories: identity, black identity and antiracist education such as Gomes (1999;2001;2002); Cavalleiro (2001;2005); Hall (1999,2011); Munanga (2005; 2006, 2009, 2010), Freire (1987,1996,2000,2001,2003),to discuss the categories: identity, black identity and anti-racist education. The methodological analisys was based on the individual narrative interviews with the members who teach in the cultural workshops, also participant observation in their workshops, to understand how the black identity is constituted, and how this process influences and is influenced by the antiracist education developed in the workshops. Thus, we understand that the black identity construction of these participants is related to the historical and social elements of the community of Bairro Maria Pinheiro, as well as the Brazilian scenario. In this sense, they are constructed considering the understanding of the role of the black in this society, revealed in all the narratives by the way the black is socially seen

Key words: Keywords: Identity. Black Identity. Anti-Racist Education.

LISTA DE SIGLAS

ANPEd	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação
CAPES	Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior
CSU	Centro Social Urbano
DEB	Departamento de Educação Básica
EJA	Educação de Jovens e Adultos
FICC	Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania
MNU	Movimento Negro Unificado
ODEERE	Órgão de Educação e Relações Étnicas
PREAFRO	Pré-universitário para Afrodescendentes
SEC	Secretaria Municipal de Educação
UESC	Universidade Estadual de Santa Cruz
UESB	Universidade Estadual do Sul da Bahia

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO 10

I OS CAMINHOS DA PESQUISA: "LÁ VEM ESSA PROFESSORA COM ESSAS COISAS DE PRETO" 13

1.1 O problema de pesquisa e o objeto.....17

1.2 Como chegamos ao caminho.....18

1.3 Abordagem qualitativa e as técnicas de recolha dos "textos de campo".....23

1.3.1 Conhecendo o grupo.....2

1.4 "Eu sou, mas tenho algo antes de mim, que me fez assim": Perfil biográfico dos participantes da pesquisa 30

1.4.1 Egnaldo Ferreira França 31

1.4.2 Tâmela Ferreira França.....32

1.4.3 Liliane Santos 34

1.4.4 Jaqueline Paula 35

1.4.5 Jackson Santos de Souza 36

1.6 Organizações dos "textos de campo" 38

II - COMPREENDENDO A TEMÁTICA–"AI EU FALEI QUE NÃO TERIA COMO ENSINAR ALGO A ALGUÉM SEM EXPLICAR DE ONDE AQUILO COMEÇOU". ..40

2.1 O processo social da Construção Identitária.....47

2.2 Tecendo o conceito de identidade negra.....48

2. 3 Educação antirracista: um ato político e de construção da identidade 53

2.3.1 O Encantarte "extrapolou as fronteiras" da escola 58

III -"SIM, SOMOS NEGROS": NARRATIVAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA DOS INTEGRANTES DO ENCANTARTE 68

3.1 Vivências da Infância no contexto familiar.....68

3.2 Vivências da Infância no contexto escolar 72

3.3 Tornar-se negro no Encantarte: identidade em construção 79

3.4 As atividades do Encantarte: construção identitária negra e a educação antirracista.....83
3.5 O Encantarte e a relação com a construção identitária negra dos seus integrantes alunos, agora educadores 95

CONSIDERAÇÕES "NÃO FINAIS" 99
REFERÊNCIAIS.....105
APÊNDICES.....110

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa intitulada; **Agora não são mais "Os" negros e sim "Nós" negros: Narrativas dos integrantes do Encantarte sobre identidade negra** vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) propõe como objeto de estudo a construção da identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte. Esse grupo atualmente realiza atividades culturais com o público de adolescentes e jovens da cidade de Itabuna, em especial, os moradores do Bairro Maria Pinheiro, do município de Itabuna-Bahia. Nesta pesquisa compreendemos essas ações numa perspectiva de educação antirracista. Extraímos o título da dissertação da narrativa de Egnaldo França, um dos participantes desta pesquisa, ao descrever todo o processo de construção identitária realizados por eles/elas no grupo, buscando promover a autoafirmação da identidade negra de jovens, homens e mulheres que reescreveram e reescrevem suas histórias nessa comunidade.

O interesse pela pesquisa surge no momento em que há uma aproximação com o Grupo Encantarte e com o trabalho desenvolvido por eles. Esse contato se dá por meio de um trabalho desenvolvido pelo Conselho Municipal de Educação da cidade de Itabuna em parceira com a Secretaria de Educação (SEC), através da Comissão Mista[1]. Participaram dessa comissão diversas pessoas engajadas nos Movimentos Sociais Negros, grupos de Capoeira, o Encantarte e também integrantes da SEC. Atuei como uma das representantes da secretaria.

Após conhecer o trabalho desenvolvido pelo Grupo Encantarte, estabelecemos uma parceira e pude conhecer um pouco da sua história, principalmente por meio das narrativas sobre as dificuldades encontradas por eles, no que diz respeito à continuidade das suas ações. Essas dificuldades iam desde a necessidade de uma sede própria, até o fortalecimento do trabalho na escola pública do bairro. Essas ações me chamaram atenção, pois eles/elas ainda conseguiam desenvolver suas atividades e também por aproximarem das minhas intenções em ampliar essas discussões para o espaço da sala de aula, pois ao voltar para escola continuei desenvolvendo um trabalho voltado para as Relações Étnicas como professora da aérea de Ciências Sociais.

---

[1] Essa comissão foi criada em 2010 pela Secretaria de Educação com o intuito de escrever as Diretrizes para o trabalho das Relações Étnicas nas escolas municipais em atendimento a Lei 10.639/03.

Desse modo, as minhas experiências profissionais, associadas à trajetória de vida e formação também fundamentam o interesse pela realização desta pesquisa no Grupo Encantarte. Assim, com a abertura do edital para o Mestrado em Relações Étnicas pela UESB, participei do processo seletivo e fui aprovada com uma proposta de pesquisa que buscou trazer como objeto de estudo o processo de construção da identidade negra. Para tanto, elaboramos a seguinte questão de pesquisa: Como se constrói a identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte? Desse modo, traçamos como objetivo geral: Compreender o processo de construção da identidade negra dos integrantes do Grupo Encantarte. Assim, partimos de dois pontos particulares que originou os objetivos específicos: 1- Identificar os elementos que estruturam o processo de construção da identidade negra dos integrantes do Encantarte; 2 - Investigar as ações antirracistas desenvolvidas no Encantarte; 3-Compreender as implicações da educação antirracista no/do Encantarte com o processo de construção identitária negra.

Para alcançarmos esses objetivos utilizamos como recursos metodológicos as entrevistas narrativas e a observação participante com registro em diários de campo. Os "textos de campo" foram organizados e sistematizados em quadros de forma a atender o foco de análise, que emergiu das narrativas dos integrantes do grupo composto por três mulheres e dois homens.

Dessa forma, esta pesquisa é de natureza qualitativa, utilizamos como método a pesquisa narrativa numa perspectiva que possibilita a compreensão das experiências narradas por aqueles/as que as vivenciaram. A utilização dessa modalidade tem como origem a Poética de Aristóteles, para quem o contar histórias desempenhava e desempenha ainda um entendimento a respeito dos fenômenos sociais (BAUER, 2002, p. 88). Adotamos como instrumento para recolha dos "textos de campo" as entrevistas narrativas realizadas individualmente com os integrantes do Grupo Encantarte, que atuam em cinco oficinas culturais, dentre elas aulas de percussão, dança-afro, capoeira, penteados afros e amostra de cinema.

Ainda no processo de pesquisa, buscamos autores que colabora no sentido de orientar a construção do texto e do entendimento acerca do objeto de estudo. Efetuamos a revisão bibliográfica dos trabalhos correlatos e fundamentação teórica sobre identidade, identidade negra e educação antirracista, destacamos: Gomes (1999; 2001; 2002), Cavalleiro (2001; 2005), Hall (1999; 2011), Munanga (2005; 2006; 2009; 2010), Freire (1987; 1996; 2000; 2001; 2003).

Após estudos sobre o assunto e a análise das entrevistas, esperamos que as narrativas dos integrantes do Encantarte sobre a sua constituição identitária negra, possibilite reflexões pertinentes sobre a comunidade do Maria Pinheiro, e que estas histórias possam inspirar outras comunidades que ainda não se vêem como protagonistas da resistência e desse fortalecimento identitário negro, ou mesmo aquelas que já fazem trabalhos semelhantes possam se sentir fortalecidas nestas ações.

Desse modo, organizamos esta dissertação com os seguintes capítulos:

CAPITULO I - Os Caminhos da Pesquisa: ***"Lá vem essa professora com essas coisas de preto!"*** Neste capítulo apresento a minha trajetória que implicou na construção desta pesquisa, justificando e delimitando os procedimentos metodológicos, o processo de recolha, organização e análise das narrativas. Apresentamos ainda o perfil dos cincos participantes da pesquisa e como se organiza o Grupo Encantarte.

CAPITULO II - Compreendendo a temática – ***"Ai eu falei que não teria como ensinar algo a alguém sem explicar de onde aquilo começou"*** Apresentamos o estado da arte e a revisão bibliográfica da pesquisa, que contribuíram para a compreensão do objeto e do problema de pesquisa, bem como das categorias: identidade, da identidade negra e educação antirracista.

CAPITULO III – "*Sim, somos negros*": Narrativas do processo de construção identitária negra dos integrantes do Encantarte Este capítulo apresenta as análises das narrativas dos integrantes do Encantarte, que foram participantes desta pesquisa, buscando dialogar com teóricos que embasam esta pesquisa. Para tanto, escolhemos os seguintes focos de análise: *As vivências da infância: criança negra no contexto familiar e escolar* que permitiu compreender as vivências dos/das sujeitos na infância no contexto familiar e escolar; *Significado de ser negro* no qual analisamos os elementos que compõem a construção da identidade negra dos integrantes do grupo e como isso se estabelece e a *atuação nas oficinas culturais e sua identidade negra* aqui objetivamos compreender como o trabalho desenvolvido por eles/elas contribui para a construção e fortalecimento da identidade negra dos integrantes e de seus alunos.

Considerações "Não" Finais- Fazemos uma exposição em relação à análise dos "textos de campo", retomamos os objetivos da pesquisa, e apresentamos quais elementos aparecem nessas construções identitárias negras e o trabalho voltado para a educação antirracista. Trata-se, portanto, de abordar as narrativas das experiências de vida e formação dos integrantes do Grupo Encantarte, com enfoque nas questões locais apresentadas por eles e

presentes na sociedade e o trabalho nas oficinas, evidenciando que o processo de construção identitária negra está em constante diálogo num movimento processual e dinâmico de acordo com as suas experiências e a relação com o outro.

I - OS CAMINHOS DA PESQUISA: *"Lá vem essa professora com essas coisas de preto!"*.

> Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. [...] Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura. A cabeça pensa a partir de onde os pés pisam. Para compreender, é essencial conhecer o lugar social de quem olha. Vale dizer: como alguém vive, com quem convive, em que trabalha, que desejos alimenta, como assume os dramas da vida e da morte e que esperanças o animam. Isso faz da compreensão sempre uma interpretação. [...] Porque cada um lê com os olhos que tem. Porque compreende e interpreta a partir do mundo que habita – (BOFF, Leonardo A Águia e a Galinha - 1997).

Escolhi essa epígrafe para iniciar a descrição dos procedimentos metodológicos desta pesquisa, porque antes de descrevê-los, apresento fragmentos do *lugar social*, a partir do qual vejo[2], vivo, trabalho, leio, interpreto e me aproximo do objeto escolhido para este estudo.

Portanto, "Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam". Nesse caminhar, me perguntei: quando o racismo tornou-se um incômodo para mim que sou uma mulher branca? Pois, como tal, nunca sofri nenhum tipo de preconceito racial, pelo contrário, sempre fui eleita para participar de eventos na escola e também sociais, a exemplo das inúmeras vezes que fui convidada a ser porta-aliança nos casamentos em minha cidade natal (Coaraci-Bahia). Nessas ocasiões, recordo-me que os casais que nem tínhamos muito contato, iam a minha casa me convidar e eu acabava indo cumprir esse papel, talvez pelo fato de atender ao estereótipo que "agrada" ao padrão estabelecido socialmente: menina branca, cabelos loiros e lisos.

Passei minha infância e adolescência sem preocupações com os problemas relacionados ao racismo, até me tornar professora da Rede Municipal de Ensino de Itabuna – Bahia, em 2002, em uma creche de uma comunidade periférica e conhecer uma criança negra, com um sorriso apaixonante, que apesar de encantadora, não atraía a atenção dos professores e profissionais, sendo perceptível o distanciamento deles para com ela. Não pretendo aqui criar um julgamento a respeito da postura dos meus colegas, porém, essa é uma situação intrigante e que permanece nos contexto escolar. Como aponta Cavalleiro (2001),

---

[2] Utilizo a primeira pessoa porque se trata das minhas experiências que me tornou próxima deste objeto de estudo

essa escassez de contato físico na relação professor-aluno, evidencia um tratamento diferenciado e pouco afetivo dirigido às crianças negras. Aquela menina vivia com um cobertor, que puxava o tempo todo e não se desgrudava; de pouca conversa, tinha apenas cinco anos de idade, com uma infecção no ouvido e eu sempre me aproximava dela para conversar. Às vezes ficávamos durante todo o recreio sentadas uma ao lado da outra, sem uma palavra, mas com alguns olhares. Até que consegui realizar a primeira assepsia em seu ouvido e ficamos próximas.

Compreendo que essa narrativa revela o que Cavalleiro (2001) descreve:

> Constata-se um sofrimento por parte da criança negra exposta diariamente à situação de violência, o que torna difícil a construção de uma identidade positiva. [...] É importante despertarmos para o fato de que tais práticas, embora não se iniciem na escola, contam com esse ambiente para seu reforço [...]. Temos então no ambiente escolar, a reprodução do padrão da sociedade. O que é compreensível, mas não aceitável (p. 147).

Ainda nessa creche realizei um trabalho para tratarmos sobre identidade, porém, esse momento não tinha esse foco de discutir as questões raciais, era mais um trabalho para falarmos sobre quem eram aquelas crianças, mas não do ponto de vista da identidade negra e/ou branca. Minha relação com aquela menina se estreitou ao ponto dela passar um fim de semana, com a permissão dos pais dela, em minha casa. Comecei a me envolver muito com as crianças e criei uma relação próxima, pois me preocupava muito com as condições desiguais em que elas viviam.

Porém, nesse momento não refletia sobre a cor da pele das crianças, já que a maioria era negra e pobre, apesar de perceber que se tratava de questões raciais, sociais e políticas sérias no Brasil, pois "nos planos econômico, social, político e das relações pessoais, essas diferenças possuem significado em nosso país, quase sempre de desigualdade; ou mais exatamente as diferenças étnicas, culturais, fenotípicas serviram de marcas entre desiguais sociais" (SANTOS, 1989, p. 26). Até então algo me inquietava, mas ainda não compreendia "que mesmo no micro-contexto da relação de poder entre professor e aluno, o problema não está na **diferença**, mas na **des-igualdade**" (GUSMÃO, 2010, p.91, grifos da autora).

Nessa ocasião, fui transferida para outra escola, para atuar como professora na aérea de Ciências Sociais, que correspondia a História, Geografia e Filosofia, na modalidade da Educação de Jovens e Adultos, apesar de ter minha formação em Pedagogia. Assim, fui de um extremo da educação para outro e passei a desenvolver na escola um Seminário de

Pluralidade Cultural, onde os estudantes vivenciavam elementos de várias culturas. Revisitando essa experiência, percebo que nesse período as minhas inquietações foram se transformando em uma necessidade de ser uma professora implicada em formar cidadãos que pudessem conhecer diversas culturas, respeitar as diferenças e buscar romper com discriminações ainda presentes no ambiente escolar.

Em 2004 fui convidada para participar de um grupo de estudos, e logo em seguida recebi o convite para trabalhar na Secretaria Municipal de Educação (SEC), da cidade de Itabuna, no Departamento de Educação Básica (DEB). Ainda na SEC, por conta da minha experiência como docente na aérea de Ciências Sociais, comecei a participar da Comissão Mista, formada para elaborar as Diretrizes Curriculares para as Relações Étnico-Raciais do município. Essa comissão era composta por professores e por diversos segmentos da sociedade, em especial, grupos de capoeira, militantes do movimento negro, entre outros. Tive então, pela primeira vez, contato com o Grupo Encantarte, e pude conhecer um pouco da sua história.

Passado o momento de escrita dessas Diretrizes, encaminhamos o documento para o Conselho Municipal de Educação do município. Enquanto aguardava o parecer, desenvolvi outras atividades, atuei como técnica-pedagógica na coordenação do Projeto Político Pedagógico (PPP) e como técnica na coordenação da Educação de Jovens e Adultos (EJA), acompanhei as apresentações culturais que o Grupo Encantarte realizava nas escolas, com palestras e formação de professores. Buscávamos sempre articular o nosso trabalho com a Assessoria da Diversidade Étnico-Racial, que também compunha o quadro da SEC, e então o grupo ficou cada vez mais presente nas atividades nas escolas.

Quando terminei as atividades como assessora técnica do DEB permaneci como docente na área de Ciências Sociais, nas classes de EJA, em uma comunidade vizinha ao Maria Pinheiro, bairro da periferia de Itabuna onde o Encantarte surgiu. Então, agora com consciência crítica, melhor formada, pude desenvolver o que Freire (2000) apresenta como o processo de criticidade ao qual o sujeito passa ao tomar consciência do mundo e desenvolver uma ação transformadora; este processo se dá por meio da práxis, que é ação-reflexão-ação. Assim, pude perceber as sutilezas que envolvem o racismo na sociedade brasileira, pois vivenciei experiências de vida, formação e profissão que deslocaram o meu olhar de mulher branca que não sofre preconceito racial, formada num sistema de ensino influenciado por uma “estrutura dominante” que limitou e retardou o meu entendimento sobre as diversas nuances da discriminação racial.

Desse modo, tive oportunidade de tornar-me consciente do fenômeno da opressão racial, ao qual estão submetidos os negros. Portanto, não aceito ver se repetir práticas discriminatórias que hierarquizam o diferente e o tratam como desigual, a depender "das relações em jogo para definir o igual e o diferente e assim, num processo de poder e dominação, gerar a marginalização e a exclusão" (GUSMÃO, 2010, p.91), como aquela criança da creche onde trabalhei.

Nesse sentido, o que antes era um incômodo, transformou-se em uma prática antirracista de uma professora que não silencia frente às situações de racismo, mesmo porque Freire (1987, p.78) nos ensina "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão". Assim, busco atuar como docente na desconstrução "do mito de que o Brasil, por ser um país de grande miscigenação, não tem problemas raciais" (ROSSATO & GESSER, 2010, p.33), assumindo a partir do lugar pelo qual vejo, leio e interpreto o mundo uma posição ética de enfrentamento das mais variadas formas de opressão racial.

Entretanto, não se trata de uma tarefa fácil, pois a dificuldade em desenvolver atividades antirracistas na educação escolar, principalmente no que diz respeito à afirmação do pertencimento racial, requer entre outros o apoio da Equipe Gestora, da Secretaria de Educação e de todos os envolvidos na escola. Então, além de esbarrarmos na falta de incentivo, encontrávamos nos estudantes certa resistência, mesmo sendo em sua maioria negros (isso sob minha ótica), pois poucos se autodeclaravam, mas percebia que sempre utilizavam os elementos da cultura afro-brasileira, como os chás, os remédios caseiros, a culinária e, às vezes, a dança.

O fato de não se autodeclararem negros é algo ainda comum na sociedade brasileira, pois fomos formados por uma cultura eurocêntrica que negou ou distorceu a história do negro, provocando uma visão estereotipada desse grupo racial; assim, a cor torna-se o principal marcador do preconceito racial. Então, eles faziam associações pejorativas do tipo: "lá vem essa professora com essas coisas de preto," ou mesmo "professora, isso é coisa do diabo, esse povo não cultua Deus", dentre outras narrativas estereotipadas. Isso supõe um sentimento de negação do racismo e de aceitação de uma lógica imposta pela cultura dominante no Brasil, na qual ser negro está associado a algo pejorativo, e viver em uma periferia significa aceitar esse estereótipo. Desse modo, compreendemos que esse tipo de postura pode impedir e ou retardar a ruptura de barreiras, socialmente estabelecidas, posto que os negros podem internalizar esses estereótipos negativos e acreditarem em lugares

destinados a eles, frente a esse cenário, “não há como nos mantermos neutros” (CAVALLEIRO, 2010, p. 13).

Desse modo, essas experiências de vida, formação e profissão revelam o meu interesse pela realização desta pesquisa no Grupo Encantarte. Importante ressaltar que o fato da minha identidade racial ser branca, supõe privilégios, tanto que muitas vezes, ouvi até mesmo da família e amigos que estava no lugar errado, pois não sentia o preconceito racial no cotidiano.

Contudo, é “preciso optar, pois lutar contra isso não é tarefa exclusiva da população negra, assim superação do racismo deve ser desejada pelos membros da comunidade”. (CAVALLEIRO, 2010, p. 151).

Nesse sentido, ser branca, não me exclui da luta contínua e permanente por uma educação antirracista que proponha, sobretudo, combater “estereótipos e ideias preconcebidas, estejam onde estiverem (meios de comunicação, material didático e de apoio, corpo discente, docente etc). [...] Nela é permanente o combate aos sentimentos de inferioridade e superioridade” (IDEM, p. 150). Considero acima de tudo um ato político de uma professora pesquisadora que busca no seu cotidiano romper com a discriminação imposta pelo grupo racial, do qual faz parte.

Assim, apresentar essa narrativa descritiva e reflexiva significa questionar a minha privilegiada identidade racial que perpassa pelo mundo onde estou, mas “só é objeto do meu pensar como uma questão, um problema, quando me defronto com o outro diferente de mim e aí me pergunto: quem sou?” (GUSMÃO, 2010, p. 89). Foram muitos os porquês que me constituíram, deram sentido e me tornaram quem sou; vários os percalços, desafios e descobertas que antecederam o encontro primeiro com o Encantarte. Entretanto, narrei as histórias conservadas pela memória, um pouco adormecidas, mas não esquecidas que se tornam aqui “experiências refletidas” (SOUZA, 2011, p. 19) e funcionam como um instrumento de formação e reflexão sobre a prática docente que tenho adotado.

1.1 – O problema de pesquisa e o objeto

Nessa perspectiva, elegemos como objeto de estudo o processo de construção da identidade negra do Grupo Encantarte. Chegamos a esse objeto depois de termos analisado algumas pesquisas publicadas no Banco de Teses e dissertações da Comissão de Aperfeiçoamento de Pessoal do Nível Superior (Capes) e também na Associação Nacional de

Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd). Esse levantamento foi de fundamental importância para delimitarmos o objeto de estudo desta pesquisa, pois identificamos a quantidade de pesquisas semelhantes que tiveram como foco grupos de jovens negros que criaram estratégias de enfrentamento do racismo, em sua maioria relacionadas ao trabalho com artes, em especial, a música.

Porém, percebemos o que diferenciava o Grupo Encantarte de tantos outros, primeiro as suas próprias histórias e como elas estavam imbricadas na história da construção do Bairro Maria Pinheiro, depois o fato da educação e neste caso uma educação antirracista está tão presente em suas oficinas. Assim, compreendemos que esse grupo desenvolve uma educação antirracista buscando a compreensão de si e de sua comunidade para o enfrentamento do racismo e o fortalecimento da identidade negra, por meio da arte e da educação, rompendo os limites que lhe são social e racialmente impostos.

Assim, antes mesmo de definirmos a questão principal de pesquisa e, portanto, a metodologia, algumas questões foram importantes para traçarmos este percurso, como por exemplo: Como surgiu o Grupo Encantarte? Quais as suas singularidades? Porque os sujeitos desta pesquisa fazem parte desse grupo? Quais as intencionalidades desse grupo?

1.2 Como chegamos ao caminho

Traçamos um caminho que por vezes parecia custoso, pois precisávamos organizar uma metodologia adequada para interpretarmos o fenômeno estudado. O ponto de partida foi considerar o problema e o objetivo de pesquisa. Assim, corroboramos com Gamboa (2007, p. 10) quando apresenta que o método é a forma pelo qual o pesquisador se aproxima do seu objeto, construindo seu esquema referencial de pesquisa, o que lhe possibilitará o conhecimento e dessa forma a aproximação com a realidade. Portanto, não se trata nesta pesquisa de buscar um método capaz de atender conhecimentos exatos e universais mediados pela objetividade. Neste caso, a proximidade significa implicação, pois consideramos que os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente vivem vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma que os seres humanos experimentam o mundo (CONNELLY & CLANDININ, 2011).

Dessa forma, esta pesquisa, de cunho qualitativo, adota a perspectiva da interação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados. Assim, para Clandinin e Connelly (2011, p. 51), "pesquisa narrativa é uma forma de compreender a experiência. É um tipo de

colaboração entre pesquisador e participantes, ao longo de um tempo em um lugar ou série de lugares". Nessa perspectiva, temos como foco as narrativas de cinco integrantes do Grupo Encantarte, também responsáveis pelas oficinas culturais. Apresentar as narrativas desses integrantes nos faz, enquanto pesquisadores, exercitar o olhar para as suas experiências, pois o narrar de uma história pode evidenciar as relações entre as histórias individuais, sociais e as ações educativas, mesmo porque no "ato de narrar sua história as instabilidades e incertezas se tornam experiências refletidas" (SOUZA, 2011, p. 2).

Esta pesquisa representa a exposição de trajetórias pessoais e coletivas de pessoas, que não se conformaram com a realidade imposta. Eles buscaram ir além das suas histórias, e provocaram adolescentes e jovens de toda uma comunidade a se reconhecerem enquanto sujeitos de direito e capacidade intelectual para resistirem, enfrentarem e assim conquistarem reconhecimento e respeito as suas diferenças tanto no bairro onde moram com em outras localidades.

A escolha das narrativas como método permite aproximarmos de um conhecimento que muitas vezes poderia ser de difícil acesso, por meio de outras formas de pesquisa. Temos como técnica a entrevista narrativa que proporciona, segundo Weller e Otte (2014), romper com a rigidez imposta pelas entrevistas estruturadas, e promover textos narrativos sobre as experiências vividas que, por sua vez, permitem identificar as estruturas sociais que moldam essas experiências, reconstruindo o sentido dado por eles a determinados pontos pertinentes a esta pesquisa, sem interferir nas suas narrativas, pois faremos uma análise de conteúdo e buscaremos compreendê-las.

Este é o foco, a tentativa de perceber no enredo dessas narrativas, as questões a serem discutidas nesta pesquisa, por isso a escolha das narrativas. Pensar quais elementos estão presentes nas narrativas dos integrantes do Grupo Encantarte nos ajuda a compreender a construção identitária desses sujeitos, considerando suas histórias e trajetórias. Então, pensar nesses integrantes, no seu cotidiano e nas ações educacionais desenvolvidas por eles, concerne um diferencial desta pesquisa, pois eles apresentam as suas histórias de forma singular, a exemplo de como o grupo foi constituído, pois estamos falando de sujeitos dentro de um contexto de resistência, educação e cultura de um bairro periférico e de uma cidade específica.

Outro ponto que queremos destacar é o fato dos/das integrantes que colaboraram com esta pesquisa, serem chamados de participantes. Esse posicionamento foi adotado porque os consideramos como partícipes desta pesquisa, pois mesmo com os seus afazeres diários,

reservaram um tempo do seu cotidiano para participarem sempre dispostos/as e prontos para nos receber. Vale salientar, também que eles/elas quiseram ter os seus nomes reais na pesquisa, e quando perguntado eles/elas disseram que é uma escolha. Compreendemos que se trata de um gesto de autoafirmação pertinente para o reconhecimento e valorização de um grupo que se destaca pelas suas ações antirracistas, portanto nominá-los significa que falam e representam a si e ao grupo.

Tivemos em todas as narrativas, mais de dez e em alguns casos até quase vinte páginas transcritas, o que nos deixou bastante satisfeitos e felizes como pesquisadores, pois no início tínhamos receio de causar certo incômodo e resistências por parte do grupo, devido ao fato de ser uma pesquisadora que se autodeclara branca, porém essa sensação foi desconstruída. As narrativas ocorriam sempre em um clima bastante amistoso e descontraído, e tivemos pontos reveladores de suas experiências e muitas vezes narrativas de situações de racismo.

Rememorar essas situações não é algo tranquilo, pois relembrar o passado pode ser um modo de reviver e ressentir dores, por isso prezamos por uma postura humana e dialógica, respeitando o desejo dos/as participantes quando continuar, silenciar e/ou remarcar. Colocamos sempre a cargo deles/delas escolherem quando e onde queriam que ocorressem as entrevistas, dessa forma: três aconteceram na escola que cede um espaço ao grupo, outra em minha casa e outra numa escola que acolhe o projeto.

Ouvir os/as participantes trouxe por vezes muita emoção e agradecimento, pelo fato deles/delas nos confiarem suas histórias, pois algumas de suas experiências estavam guardadas nos “baús” das suas memórias e foram reveladas em alguns momentos por meio de lágrimas e também de muitos risos. Segundo Oliveira (2009) uma das formas de obter confiança para a realização da pesquisa é por meio da convivência, pois quanto mais evidente ficar os objetivos e o porquê da pesquisa, maior a credibilidade e a franqueza e assim buscamos seguir em todas as entrevistas narrativas.

O diálogo é algo extremamente importante na criação de um clima profícuo para as entrevistas, assim tomamos novamente Freire (2001) ao apresentar o encontro como algo que possibilita trocas, construção e reconstrução do conhecimento, na solidariedade dos sujeitos que buscam constituir culturas, saberes, sem relação de opressão, na tentativa de transformar suas vivências em experiências e colaborar com outras reflexões, foi esse o sentimento estabelecido durante todo o processo das entrevistas.

Corroborando com Freire (2001), Luca (2012) nos diz que o diálogo permite um desvelar sem limites, nem ponto final, nem mesmo de partida. Sabemos que devemos traçar alguns percursos para podermos percorrer os caminhos, pois estamos sempre em constante transformação e acontecimentos surpreendentes podem ser revelados, ele expõem que:

> Desvendar-se e desvelar o Outro, num eterno entrelaçar de significados. Dialogando expomos nossa essência e ganhamos mais do que consciência de nós mesmo, de nossas fragilidades e fortalezas, virtudes e limitações, o que queremos e com o que não concordamos, encontrando o nosso lugar na sociedade, que nada mais é do que a expressão da nossa identidade [...] são sempre o resultado de um movimento constante de avaliação e reavaliação da nossa postura perante o mundo (Luca, 2012 p. 591).

Buscamos assim ter essa postura dialógica com cada participante, pois pesquisamos com eles e nunca sobre eles, reconhecemos suas histórias, suas subjetividades e nos preocupávamos em resguardar seus posicionamentos, por isso mudamos a perspectiva inicial do projeto desta pesquisa, que propunha estudar a identidade étnica para abordarmos a construção da identidade negra, pois é assim que eles se compreendem e enunciaram em suas narrativas. Procuramos, a partir dessa decisão, compreender porque eles/elas preferiram esse termo e mantê-lo como objeto desta pesquisa, pois somos conscientes que este estudo não existiria se não fosse pela participação desses sujeitos e as suas narrativas apresentavam constantemente os traços físicos e o lugar que pertenciam. A cada etapa e entrevista realizada e transcrita nos preocupamos em retornar e mostrar o que havia sido feito, para validarem ou não a escrita.

Assim, a constituição dos “textos de campo” foi feita por meio das entrevistas narrativas dos/das integrantes do grupo que realizam as oficinas culturais, com as temáticas: capoeira, dança-afro, afro-brasileira, percussão, penteados de cabelo e amostra de cinema. Portanto, com as narrativas percebemos como eles constroem sua identidade negra, de modo que sejam respeitadas todas as categorias apresentadas por eles. Dessa forma, seguimos os seguintes passos:

a) Estabelecer contato com os cinco participantes com o intuito de apresentar a

proposta e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido das entrevistas;

b) Marcar a realização das entrevistas individuais, considerando a disponibilidade dos

participantes e um espaço adequado, no que diz respeito ao conforto e a qualidade da entrevista;

c) Realização das entrevistas individuais, respeitando a disponibilidade de cada integrante;

d) Transcrição e interpretação das entrevistas narrativas;

e) Retorno da transcrição para que os participantes pudessem validar suas narrativas;

f) Acompanhamento de algumas oficinas como forma de observar a relação estabelecida pelos participantes e seus alunos.

A transcrição e interpretação dos "textos de campo" seguiram os seguintes procedimentos:

1. Organização temática, onde serão levantados os temas apresentados pelos participantes que mais se aproximem do objeto de estudo (identidade negra);
2. Descrição das passagens do tema, do qual o participante mais discorre em detalhes;
3. Análise dessas passagens com a interpretação do pesquisador, momento em que realizar-se-ão algumas comparações na própria narrativa dos participantes. Essas comparações irão ampliar e validar a interpretação.

Para tanto, consideramos a trajetória pessoal desses integrantes, e os percursos que podem ou não apresentar uma linearidade nas narrativas, podendo obedecer ou não uma sequência cronológica. Dessa forma, as entrevistas narrativas colaboram para a compreensão do processo de construção da identidade negra dos/das integrantes do Encantarte, pois é considerado o processo de construção na perspectiva social e individual dessas pessoas, que atuarão como autores e narradores de suas histórias com seus anseios, percursos, e também os porquês de suas escolhas.

Entendemos que a identidade é algo construído no individual e no coletivo, que apresenta em seu cerne elementos que permitem a composição de sua história, por meio das experiências vividas ao longo de sua trajetória, entrelaçada com as predisposições do indivíduo. As narrativas possibilitaram pensarmos nessa construção identitária, composta pelos sujeitos ao longo de sua vida, por meio do olhar do outro sobre a sua história e, quem sabe, também contribuir nesse processo de reconhecimento e autoafirmação.

Assim, a pesquisa propõe compreender as ações de um grupo composto por jovens negros, moradores de uma comunidade periférica, estigmatizada devido aos vários problemas sociais (falta de saneamento básico, ausência de atividades esportivas e de lazer, dentre outros) consegue manter um trabalho cultural, educacional e social por mais de uma década, influenciando tantos outros jovens.

1.3 - Abordagem qualitativa e as técnicas de recolha dos "textos de campo"

Para compreendermos os pontos apresentados acima como forma de alcançar os objetivos desta pesquisa, optamos pela pesquisa qualitativa, pois como aponta Gamboa (2007) são pesquisas que contribuem para a interpretação dos fenômenos sociais, baseada nessa perspectiva dos estudos qualitativos e também nos fatores subjetivos, isso significa compreender o porquê de um fenômeno, sem precisar quantificá-lo. Nesse sentido, Minayo (2008, p. 22) declara:

> A diferença entre o qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística, apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humana, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas.

Com esta opção metodológica nos consideramos sujeitos e objetos desta pesquisa, pois não priorizamos apenas o "concreto" dos fenômenos, e sim aprofundar significados não perceptíveis, como as ações e as relações do Encantarte, buscando valorizar a subjetividade dos seus integrantes. Apresentamos a seguir os instrumentos utilizados na investigação: as observações registradas no diário de campo e as entrevistas narrativas gravadas e transcritas. A técnica da observação foi utilizada por termos como base para o processo de construção identitária a relação do "eu" com o "outro". Desse modo, observar as atividades desenvolvidas nas oficinas ministradas pelos integrantes do grupo significa pensarmos esse processo como relacional, ou seja, a partir da relação entre aqueles que ministram as oficinas e seus alunos.

Buscar perceber o que não havíamos visto antes foi um exercício constante durante esta pesquisa, uma vez que como professora da escola pública já presenciava o trabalho do grupo, então, tornou-se necessário mudar a forma de vê-los, desta vez como pesquisadora, sem desconsiderar que vejo e leio também como expectadora e admiradora do Encantarte.

Esta postura foi de grande valia, pois permitiu ter outras compreensões das suas atividades culturais, ou seja, o que e como o grupo buscava elementos antirracistas para realizar as atividades e envolver tantas e distintas pessoas.

A técnica de observação permitiu obtermos informações explicitas e implícitas na forma de condução das ações do grupo. Como nos apresenta Queiroz et al. (2007), a cientificidade da observação surge quando passa por processos de sistematização, processamento e controle da objetividade. Isto significa que na execução da ação, deve-se ter finalidade científica e um olhar direcionado aos acontecimentos, que pretendemos observar, portanto ter intencionalidade de pesquisa. É importante pensarmos que isso não se configura uma rigidez, ou uma viseira; cabe ao pesquisador também um olhar sutil, porém atento ao seu objeto de pesquisa.

> Não se trata apenas de ver, mas de examinar. Sendo assim, pode-se dizer que a observação é tão ampla e abrangente que, de uma forma ou de outra, utiliza todos os procedimentos de pesquisa. A observação constitui elemento fundamental para a pesquisa, principalmente com o enfoque qualitativo, porque está presente desde a formulação do problema, passando pela construção de hipóteses, coleta, analise e interpretação de dados, ou seja, ela desempenha um papel imprescindível no processo de pesquisa (QUEIROZ et al., 2007, p. 277).

A observação nesta pesquisa teve um papel muito importante, pois foi por meio dela que observamos as relações estabelecidas entre os integrantes e o seu público alvo. Essas observações foram registradas no Diário de Campo, instrumento que potencializou a recolha dos “textos de campo”, pois nele podemos destacar os olhares, o silêncio, o dito, o não dito e também os sentimentos ali envolvidos. Percebemos que as oficinas se apresentam para os participantes como um momento de descontração, aprendizagem e, sobretudo de respeito, independentemente da idade dos participantes, todos observam atentos às orientações dos cinco integrantes e ouvem com atenção indicando que eles realmente representam uma liderança, na qual podem se espelhar.

Segundo Whitaker (2002), o diário de campo, representa mais do que um acúmulo de informações, ele pode conter reflexões diárias, que quando revisitadas, trazem avanços tanto no âmbito da intervenção quanto na teoria. Corroboramos com Costa (2002), quando expõe que o Diário de campo é mais do que um registro de situações ocorridas e sua validade tem relação com o olhar atento do pesquisador, que capta detalhes do campo de pesquisa, colabora com a memória fazendo o pesquisador rememorar situações e trazer também seus

sentimentos para a pesquisa, pois é o momento em que ele retoma aquele lugar, havendo então uma dialética do encontro da subjetividade.

Temos também como "texto de campo" as entrevistas narrativas, que fazem desta pesquisa. Este instrumento metodológico possibilitou conhecer melhor os integrantes, pois as entrevistas ocorreram de forma muito tranquila, respeitando cada singularidade, e para nossa surpresa, nos foram reveladas situações bem intimas, o que caracteriza o quanto eles se sentiram à vontade nas entrevistas. Em alguns momentos, a vontade era de manter o diálogo com eles/elas durante as entrevistas, porém obedecendo as recomendações da Pesquisa Narrativa não interrompemos e os deixamos livres para narrarem suas histórias.

Apresentamos inicialmente um roteiro, que foi lido e consentido e conseguimos um resultado para além do previsto.

Segundo Bruner (1997, p. 34) "a narrativa é um modo de pensamento, pois ela se apresenta como princípio organizador da experiência humana no mundo social, do seu conhecimento sobre ele e das trocas que ele mantém". Ele destaca o papel das narrativas no processo de aprendizagem humana, por proporcionar o compartilhamento de experiências e vivências entre as pessoas. Na mesma perspectiva, Connelly e Clandinin (2011), teóricos americanos dedicados a estudos sobre as narrativas, afirmam que somos contadores de história, portanto, nossa história permanece viva, tão somente porque a contamos. Assim, eles dizem que:

> os seres humanos são organismos contadores de histórias, organismos que individual e socialmente, vivemos vidas relatadas. O estudo da narrativa, portanto, é o estudo da forma como nós, seres humanos experimentamos o mundo (CONNELLY e CLANDININ 2011, p. 11).

Dessa forma, a pesquisa narrativa é essencial na perspectiva desta pesquisa, como instrumento e método, pois permite perceber as experiências, aprendizagens e mudanças destes integrantes. Compreendemos que ao narrar suas histórias, os participantes estão produzindo conhecimento. Assim, a técnica utilizada foi entrevista narrativa, conforme Schütze (1983; 2011). Ao pensar esse tipo de entrevista, também denominada de "narrativa improvisada", o autor parte do princípio de que a narração está mais na perspectiva de reproduzir em detalhes as composições que orientam as ações dos indivíduos.

É importante ressaltar que o fato de ter sido denominada improvisada, não significa que não tenha um roteiro, ou mesmo uma organização para ser realizada; o termo se dá por conta de proporcionar ao entrevistado certa liberdade para relatar, sem rigidez, as suas

experiências. Assim, logo após a entrevista, o pesquisador deve realizar uma organização temática, com os temas apresentados pelos participantes. Feito isso, considerar os fatos narrados pelos participantes em relação ao tema, com atenção à forma como foi apresentada de maneira a perceber não apenas a narrativa, mas quais estruturas formaram-na, e em seguida, analisá-la.

Essa organização é feita pelo pesquisador. É ele quem interpreta as experiências dos participantes, por isso é de fundamental importância que o pesquisador busque ser fiel às informações apresentadas, pois a sua interpretação parte da sua compreensão imediatamente, a respeito da narrativa. Nessa perspectiva, as entrevistas foram bastante reveladoras, nos levando a pensar que cada integrante tem contribuições que poderiam ser objeto daquelas pesquisas que abordam uma única narrativa de vida, porém optamos neste estudo enunciar a construção identitária negra de todos e todas.

O primeiro passo foi entrar em contato com os cinco integrantes, apresentar a proposta da pesquisa e convidá-los/as a participarem. Após a aceitação de todos e todas, que foi bastante favorável, nos deixando muito grata pela adesão. Assim, aguardamos os encontros individuais com dia horário e local escolhidos por eles e elas, de acordo com as suas disponibilidades. Ao realizar as entrevistas narrativas, apresentávamos o roteiro, o Termo de Consentimento Livre e esclarecido e tínhamos uma breve conversa, onde falávamos um pouco de nós.

Adotar esta metodologia possibilitou obtermos elementos essenciais nas narrativas, que contribuíram para a construção do texto, principalmente na percepção do que realmente iríamos abordar. Portanto, consideramos as narrativas como os “textos de campo” (CONNELLY & CLANDININ, 2011 p.45) principais que fundamentaram esta pesquisa.

1.4 – Conhecendo o Grupo Encantarte

O grupo tem sua história pautada nas reivindicações da comunidade do Bairro Maria Pinheiro, localizada na cidade de Itabuna–Bahia. França (2013) afirma que é a partir da percepção desse processo de exclusão que a comunidade começa a lutar e a reivindicar melhores condições de vida, havendo então um deslocamento no sentido de não aceitar a situação de exclusão decorrente da ausência de políticas públicas. Desse modo, começam a exigir e lutar por seus direitos constitucionais básicos, até então negados a essa comunidade. Essas lutas também se fortalecem quando eles começam a se perceberem como moradores da

periferia. Todos esses sentimentos começam a fomentar uma organização comunitária de ajuda mútua, refletindo na busca pela educação, saúde, saneamento básico, entre outros direitos constitucionais.

É importante pensar também na influência dos líderes religiosos na comunidade. Em todos os levantamentos feitos a respeito das pesquisas realizadas com os moradores, aparece fortemente a presença destes líderes, que contribuíram na organização política e social da comunidade. No estudo feito por França (2013), aparece o apoio dado pelo *Ilê Axé* de *Xangô*, por meio da Mãe Xemim, que reuniu os homens e mulheres em mutirões para erguerem as casas, em substituição aos barracos de papelão, faziam feijoada, fatada (pratos típicos) e serviam para essas pessoas, que por vezes sacrificavam o seu final de semana para uma ação de solidariedade. O mesmo ocorria quando alguém precisava de um remédio ou de um serviço médico, reuniam os moradores e providenciavam atender às necessidades.

Esses encontros ocorriam muitas vezes nos salões da Paróquia Santuário Nossa Piedade (Igreja Católica do bairro), espaço destinado às orações, e também para as reuniões que discutiam as demandas da comunidade. Havia um respeito mútuo em relação à religião do outro, e em um mesmo espaço, começavam a traçar novos caminhos para a comunidade. Naquele momento qualquer diferença religiosa era suprimida, pois eles entendiam que era necessário resolver outras questões. Sobre essa situação França (2013, p. 26) afirma que:

> Seja através dos membros do Candomblé, pela Associação de Moradores ou pelos grupos da Igreja Católica, foram desenvolvidos pelos moradores deste bairro uma forma associativista e cooperativista de organização como alternativa para a resolução dos problemas encontrados. Em todos esses casos a experiência surge a partir da mobilização das organizações de cunho social e/ou religioso, como forma de suprir ou reivindicar melhorias no bairro de acordo com as necessidades básicas dos cidadãos desta localidade.

Pode-se afirmar que ao longo da sua organização essa comunidade se mobilizou e buscou alternativas para reivindicar ações públicas para atender as suas demandas básicas. Percebe-se também que esses moradores estavam atentos não apenas aos mutirões voltados para moradia e saúde, mas também participavam dos debates sobre outros problemas encontrados por eles, demonstrando uma comunidade organizada e consciente, apesar dos baixos índices de escolaridade identificados entre os jovens do bairro. Aliás, essa é uma das reivindicações que resultou em um projeto liderado pela Irmã Margarida, personalidade que teve uma grande influência positiva no bairro, pois fomentou o núcleo de alfabetização popular, que ocorria primeiramente em um barracão, e depois no salão do Centro

Comunitário, onde as pessoas escolarizadas se reuniam para alfabetizar outras, a maioria adultas. Dessa forma, não podemos pensar na formação do Grupo Encantarte, sem considerarmos a participação dos líderes religiosos e da comunidade. Pois, os jovens que participam dos encontros da comunidade católica, atraídos pela participação artística organizada pela Pastoral da Juventude, em especial no coral.

Nesse ensejo e também nos momentos de contato e de ensaios artísticos, eles começam a se reunir para discutirem os problemas sociais vividos por eles e por seus familiares, como também sobre a valorização da cultura afro-brasileira e enfrentamento do racismo. É esse engajamento de jovens, em sua maioria negros, que origina o Grupo Encantarte com o objetivo inicial de promover um processo de conscientização e buscar interferir na retirada das crianças e os jovens em situação de rua e vulneráveis ao envolvimento com o tráfico de drogas, e nessa oportunidade debaterem a respeito das questões sociais enfrentadas por eles, em especial a preocupação em orientá-los. Assim, o Encantarte por meio de ações, envolvendo cultura, educação, arte etc escrevem uma nova história para os moradores da comunidade. O nome do grupo foi escolhido por meio de uma eleição realizada na própria comunidade, que escolheram Encantarte por representar o sentimento e o envolvimento de cultura e arte. Sobre esse início das atividades Egnaldo elabora a seguinte narrativa:

> *ao levar o timbal e a dança-afro para o grupo da Igreja, começa a atrair os jovens, pois eles queriam aprender a tocar e a dançar. Isso por vezes foi à única opção de lazer presente naquela comunidade, porém isso ainda não era suficiente; os organizadores queriam mais do que colocar os jovens para se divertir, queriam discutir os problemas, e tiveram a ideia de utilizar letras de música que retratasse e denunciasse os problemas sociais, e que também tivesse uma essência que se aproximasse do grupo; buscaram então canções do Olodum, Timbalada, Ilê Aiyê, entre outras bandas. (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

.

É importante ressaltar que o Bairro Maria Pinheiro possui marcadores de desigualdade racial e social, posto que a maioria dos seus moradores são negros e pobres. Como nos afirma o autor:

> Desigualdades raciais que acompanham ou atrapalham a trajetória histórica do negro enquanto elemento ativo na construção da civilização brasileira, fazendo-o, ao mesmo tempo, sujeito a vítima de um processo cuja tônica sempre foi a insidiosa maquinação da sociedade dominante de se lhe atar seus vôos de liberdade de expressão cultural, social e política. Contudo, o

> negro soube construir mecanismo de defesa de seus valores culturais, criou estratégias de superação das dificuldades que se lhe tentaram impingir quando de suas ações políticas em busca de uma sociedade mais justa, mais igualitária, sem nunca ceder o fascismo das conquistas pontuais, localizadas aqui e acolá na sua grande marcha pela liberdade (BACELAR, 2001, p. 08).

Esse posicionamento de Bacelar (2001) nos permite compreender que, ao lidar com o processo de discriminação racial e exclusão social, esses jovens tiveram que buscar formas de resistência e de conscientização de suas ações políticas visando uma sociedade mais justa. E uma dessas formas foi um **Diagnóstico Geral da Comunidade** organizado pelo grupo apresentando um panorama da situação social, econômica desta comunidade. De posse desses dados, eles que na época, exerciam a função de agentes comunitários e assim tinham acesso a praticamente todas as casas, começam traçar estratégias para atrair essa comunidade para o debate e efetivação de ações que pudessem modificar a realidade do bairro.

Vale lembrar, que o grupo mesmo com um trabalho realizado no município a mais de uma década, ainda não possui sede própria, tendo a Escola Margarida Pereira, como um espaço para desenvolver as oficinas de dança, percussão, penteados, capoeira e cineclube. Nesse espaço, o Encantarte realiza alguns ensaios, reuniões e também guardam os seus instrumentos. Assim, eles/elas tentam se constituir como um grupo que se caracteriza por adotar ações que consideramos como de uma educação antirracista, a saber: atividades voltadas para a cultura afro-brasileira, envolvendo enfrentamento do racismo, fortalecimento da identidade negra e afirmação do pertencimento racial desta comunidade. Suas oficinas também ocorrem em outros espaços públicos do município.

Assim, eles buscam nas suas ações formas de atrair e envolver toda a comunidade, a exemplo disso as narrativas dos/ das participantes destacam a importância das ações do Grupo Encantarte na construção identitária negra dos/das integrantes e também daqueles que participam como alunos das oficinas, pois dos cinco integrantes, quatro também foram alunos antes de ministrarem as oficinas

> *...E foi dentro do PREAFRO que a gente acabou despertando: Perai, onde eu tô? Quem eu sou? Porque você acaba tendo um choque de realidade, com pessoas que são semelhantes seu e têm pensamentos diferentes, ai você começa a procurar o seu lugar de fato, a começar pela sua cabeça, em organizar o seu. Agora, a partir do momento que eu estou aqui a responsabilidade é outra. Então, talvez por isso a gente acabou desenvolvendo um papel de liderança, assim, sabe, porque eu acabei entrando em contradição com todos aqueles anos que eu vivi, até o momento. Com 25 anos que eu entrei no projeto, assim, acabei vendo que aqueles 25 anos que eu vivi, não é que foi em vão, mas eu estava totalmente*

> *equivocado de tudo que pensava a respeito de identidade, a gente conviveu com várias pessoas, muitas delas com esse pensamento preconceituoso, ou de não se assumir mesmo, a começar pela prática do cabelo, eu convivi com vários amigos de família, que nunca tiveram essa questão de identidade (*JACKSON SANTOS DE SOUZA - *entrevista concedida a pesquisadora em 17-05-2016).*

> *...assim, eu sempre tinha esse lado da identidade negra por conta do Encantarte eu falei a gente podia fazer um seminário afro. Porque eu sempre, desde mais nova eu prestava atenção que na escola não fala sobre essas coisas, não fala sobre a nossa identidade negra, sobre a nossa história, nossos antepassados e tal e ai eu tive essa ideia (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora em 18-02-2016).*

> *O Encantarte mudou a minha vida, porque graças ao Encantarte que eu tô aqui nesse trabalho, é graças ao Encantarte ter trazido isso pra escola que eu tô ai, e se não fosse o Encantarte eu não tava aqui dando aula, tá entendendo, então foi através do projeto Encantarte, que eu tô aqui dando aula com essa nova geração (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora em 23-03-2016).*

> *... eu nem lembro quando eu entrei no Encantarte eu já tinha uma militância, mas não queria me envolver com movimento nenhum, eu lembro que eu queria assim, vai ter uma apresentação do Encantarte eu ia , vai ter alguma coisa do Movimento Negro eu ia, mais sem envolvimento nenhum (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora em 06-042016).*

Essas narrativas descrevem a colaboração do grupo no processo de construção identitária que não se constrói sozinho e precisa dessa interação.

1.5 – Perfil biográfico dos participantes da pesquisa: **"**Eu sou, mas tenho algo antes de mim, que me fez assim":

Como já dissemos anteriormente, para a construção desta pesquisa foram necessárias as contribuições dos cinco participantes que realizam oficinas no Grupo Encantarte, sendo três mulheres e dois homens. Cada um é responsável por um tipo de oficina e também por atrair o seu público, em sua maioria fazem parte da comunidade do Bairro Maria Pinheiro, em alguns casos, as oficinas também são realizadas em outros bairros de Itabuna. Trata-se de jovens com idade média entre 23 a 39 anos, que já estão no grupo há mais de uma década, três deles já exerceram a função de coordenadores, pois essa é uma função rotativa, modificada a cada três anos.

É importante, mais uma vez, destacar que por escolha dos participantes apresentaremos os seus próprios nomes. Inicialmente foi perguntado como eles queriam ser chamados na pesquisa, se gostariam que utilizasse algum pseudônimo, porém, eles informaram que optavam por ter na pesquisa os próprios nomes, por isso a preocupação de, na fase da transcrição, apresentar-lhes o texto transcrito para que eles avaliassem e concordassem com o teor das suas narrativas. Não iremos traçar uma hierarquia na apresentação dos e das participantes, a sequência seguirá uma ordem cronológica da realização das entrevistas.

1.5.1 – Egnaldo Ferreira França

Egnaldo Ferreira França é um dos fundadores do Grupo Encantarte, e um dos principais participantes da pesquisa, visto que ele permanece à frente do grupo até o momento, sendo o responsável pela oficina de percussão. Após idas e vindas entre um ensaio do bloco Encantarte, e as muitas demandas da sua vida, conseguimos realizar a entrevista e antes de apresentar as considerações acerca da narrativa de Egnaldo, expressamos a maneira como tudo foi conduzido. Era noite, depois de uma tarde de ensaio, ele chegou à minha casa, lugar escolhido por ele para começar. Um pouco cansado e com a voz rouca dos ensaios, narrou sua trajetória de forma leve e descontraída. Antes de apresentar o roteiro, conversamos um pouco sobre o carnaval, as expectativas, entre outros assuntos. Acredito ter sido um momento bem interessante, pois entre as conversas paralelas do meu filho e a nossa, conseguimos uma gravação com quase duas horas de narrativa que renderam dezoito páginas de transcrição.

Ele começa dizendo: “Sou Egnaldo Ferreira França, sou a mistura da farinha de Buerarema[3], de minha mãe, com a moqueca de caranguejo de Canavieiras[4], de meu pai. Minha mãe quando me teve, fez um pirão, e esse sou eu”. É interessante, quando ele ressalta duas características das cidades de seus pais para começar a narrativa, pois assim ele apresenta à sua história demarcando com características regionais do lugar de origem dos seus pais, isso como uma forma de dizer: eu sou, mas tenho algo antes de mim, que me fez assim. Ele narra sua trajetória pessoal e profissional, desde a sua infância até os dias atuais, e traz pontos importantes para a pesquisa. Foi estudante do cursinho PREAFRO (criado pelo Grupo Encantarte), licenciado em História, pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC),

[3] Município vizinho a Itabuna, conhecida como a terra da farinha de mandioca. [4] Município próximo a Ilhéus conhecido como a terra do caranguejo.

atualmente cursa uma especialização *lato sensu* em Gestão Cultural na mesma universidade. Se autodeclara negro, casado e pai de três filhas, nasceu em São Paulo, época em que seus pais haviam mudado para lá, no intuito de conseguir melhores condições de trabalho, porém não obtendo êxito, retornam para Itabuna – Bahia. Na tentativa de refazer sua vida, teve sua história marcada por uma infância sem condições socioeconômicas, porém, na sua narrativa está presente a forma como seus pais conduziram sua educação.

Com uma base religiosa fincada entre o catolicismo e as religiões de matriz africana, Egnaldo transita entre uma concepção e outra, como ele mesmo narra: "*todo sábado minha mãe levava a gente pra seção, mesmo sabendo que aos domingos tínhamos que está na missa".* Ele se tornou membro do grupo jovem da Igreja Católica do bairro, e lá exerceu funções como, professor de catequese, crisma, participação no coral, entre outras. Teve os primeiros contatos com a arte por meio do teatro ainda criança, com o professor que ele faz questão de sinalizar que incentivava a conscientização negra, o assumir-se negro e respeitar as diferenças. Em sua narrativa isso fica muito presente:

> *[...] a gente fez uma peça chamado Oferenda, e da mesma forma que ele trabalhava a questão da negritude ele trabalhava a questão da religiosidade, mas uma religiosidade que pairava entre o afro e o cristão, né, e isso fez parte da minha construção, da construção da minha identidade. Eu aprendi a dizer que sou negro, a partir das ideias de Jailton Alves. Eu digo que Jailton foi meu mestre né? Até hoje eu tenho ele como uma grande referência de minha vida, e a memória de Mário Gusmão no trabalho, que ele era aluno de Mario Gusmão, e eu por ser aluno dele acabava por ser o neto de Mario Gusmão (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Nesse trecho de sua entrevista, percebemos o quanto foi significativo para ele ter em sua infância a presença de um professor que tinha como referência o posicionamento de Mário Gusmão um ator negro, que na década de 70 representou um ícone pela sua ascensão social, constituída pela arte e pelos estudos, já que utilizou de estratégias para sobreviver, se posicionar e ter reconhecimento social. Segundo Bacelar (2001), ele viu no teatro uma possibilidade de ascensão, pois seria "o devido reconhecimento social no mundo dos brancos, mas no mundo utópico dos artistas" (p. 69). Assim, podemos pensar nessa influência da vida de Mario Gusmão, em se assumir negro e, ao mesmo tempo, buscar nos estudos uma forma de sobrevivência e de se colocar frente à sociedade, rompendo com os estereótipos impostos pela ideologia do branqueamento.

Ainda no movimento da arte, educação e a igreja, Egnaldo traz para o grupo jovem um curso de dança-afro e percussão, pois para ele os jovens precisavam ter uma atividade que os entretecem, e não os deixassem tanto tempo na rua, mas também pudessem discutir a respeito dos problemas sociais enfrentados pelo bairro. Ele conta que quando conheceu a dança-afro, ainda criança, nunca mais parou de dançar e de refletir sobre as letras das músicas, e considerava importante que outros jovens pensassem sobre isso.

As narrativas de Egnaldo revelam um adulto jovem negro, que vive em uma periferia, acadêmico, religioso, ideológico, político. Protagonizou situações que representam a condição do negro hoje na sociedade itabunense, e porque não dizer brasileira? Como exemplo, a violência policial, falta de infraestrutura no bairro, deslocamento para outra cidade em busca de melhores condições, entre outras. Buscou enfrentar o preconceito e a discriminação racial por meio da cultura, da educação e em especial da arte. Tornou-se um ícone em seu bairro, por ter movimentado toda uma comunidade em busca de melhores condições sociais e educacionais, como ele expõe com orgulho: "*nós vimos que não éramos menos inteligentes, que a gente também podia cursar uma universidade"*. Dono de oratória fácil, contou sua história, e como sua vida e suas identidades foram se entrelaçando com a história do Encantarte, como ele mesmo narrou na última frase da sua entrevista, ao lembrar Cazuza na música Ideologia: "*Se Cazuza queria uma ideologia para viver, a minha é o Encantarte".*

1.5.2 – Tâmela Ferreira França

Nascida e criada em Itabuna, tem o Bairro Maria Pinheiro como uma referência para a sua infância, pois ao falar, relembra com sorrisos as travessuras, a companhia das amigas e dos familiares, e a participação de sua avó paterna e de seu pai. Pela sua narrativa e também pelo seu contexto, vivenciou um período onde o Bairro já não apresentava tantas dificuldades, expressa muito amor pelo lugar de onde veio.

Começa sua narrativa dizendo assim:

> *Meu nome é Tâmela Pereira França, eu sou de 11 de abril 1995,nasci no Bairro Maria Pinheiro é um bairro que amo muito e gosto muito até hoje, apesar de não tá mais morando lá. É, é, eu gostava muito de brincar nas ruas do Maria Pinheiro era como se fosse uma liberdade de brincar com os coleguinhas, vizinhos, primos eu tenho muitos parentes lá , principalmente na rua que eu morava, a maioria era tudo parente e a gente gostava muito de brincar e se divertir. O que eu mais gosto de fazer hoje é dançar,*

> *naquela época eu também gostava de dançar, não sei porque isso mas...apesar disso eu também gosto muito de teatro. Todo mundo lá, os vizinhos também faziam aula de dança, capoeira, percussão todo mundo fazia parte do Encantarte, desde pequenininho, ai a gente foi crescendo e eu fui me envolvendo cada vez mais com a arte (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Tâmela participa do Grupo Encantarte desde criança e ainda pequena sempre quis estrear no teatro do grupo, porém, como não tinha papéis para a sua idade, ficava sempre de fora. Por insistir muito, conseguiu seu primeiro papel como uma criança que não falava nada, porém corria de um lado para o outro e fazia travessuras, como ela mesma diz: "era uma criança muito espevitada". Desde então, nunca mais deixou de participar das atividades do grupo, quer seja com a dança, como também no teatro. Conta que sempre foi muito participativa nas atividades da escola, questionadora, buscava com seus textos denunciar as injustiças sociais, e sempre teve destaque. Ainda no ensino fundamental, provocou a Equipe Gestora da escola que estudava a realizar um Seminário para tratar da questão afro-brasileira, pois considerava que havia poucos momentos para discutir o assunto. Utilizou seu conhecimento, o envolvimento com o grupo e a participação no Movimento Negro para convidar alguns palestrantes e mobilizar todos da escola para esse seminário, demonstrando ser engajada nas questões trabalhadas pelo grupo. E depois desse evento, ficou sendo solicitada pela Equipe Gestora para articular outros eventos com a mesma temática, porém como ela mesma narra, nunca consegue realizar.

Estudante do cursinho pré-vestibular denominado PREAFRO, coordenado pelo Encantarte quer cursar Comunicação Social e deseja ser atriz; se autodeclara negra, participa do grupo há mais ou menos oito anos. Começou como aluna, monitora nas aulas de dança-afro. Foi aprovada em uma seleção realizada pela Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC), chamada Cidade de Paz, com o objetivo de evitar que os jovens se envolvam com drogas. Com uma atividade remunerada, teve que buscar seus alunos na comunidade e divulgar o projeto, porém, também buscava falar sobre o Encantarte. Conseguiu um número significativo de alunos. Atualmente, como professora na oficina de dança-afro também no Encantarte, com turmas sendo compostas, na sua maioria por mulheres, com faixa etária dos nove aos quarenta anos, organiza suas aulas com base na teoria e na prática, com explicações sobre a história de cada passo/movimento, e também das letras das músicas.

Concedeu sua entrevista de forma muito descontraída, com mais de duas horas de narrativa, que rendeu vinte páginas com muito material de análise. Tem no Encantarte não

apenas uma forma de trabalho, pois hoje exerce também uma função remunerada, mas um espaço que provoca a conscientização do que é ser mulher e negra, busca fortalecer outras mulheres que participam do grupo de dança, quer seja na afirmação do cabelo, quer seja enquanto mulher negra.

1.5.3 – Liliane Santos

Esta entrevista ocorreu na Escola Margarida Pereira, local onde ela desenvolve diariamente a oficina de capoeira. Marcamos e desmarcamos algumas vezes, por motivos alheios à nossa vontade, até conseguimos realizar, em meio ao som do berimbau, pois ela deixou um dos seus monitores conduzir a roda enquanto fazíamos a entrevista.

Começa dizendo o quanto foi uma menina quieta na infância, e como era difícil falar sobre ela, pedindo para recomeçar algumas vezes. Teve seu primeiro namorado aos 13 anos de idade, pessoa com quem ela casou e fez questão de trazer no primeiro momento essa informação. Relata que sua história está imbricada na capoeira:

> *[...] minha trajetória de vida praticamente foi na capoeira, porque aos nove anos eu comecei fazer capoeira, era na Igreja ai, no Maria Pinheiro. Na piedade e quando o mestre Alfredo chegou, tinha a Freira Irmã Margarida, e ele montou um projeto social no bairro, porque no bairro não tinha nada, ai ele veio e montou a capoeira. Ai eu vim, eu tinha vontade de fazer Karate, mas como minha mãe não tinha condições entrei no projeto da capoeira, era a única menina espevitada já, o que me mandava fazer, eu fazia, me jogava mesmo, ai comecei a treinar com nove anos (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

A timidez associada a “garra” de Lilian como gosta de ser chamada, reflete uma mulher que também viveu uma infância pobre com dificuldades, criada sem a presença paterna, apenas com a mãe que tinha a profissão de lavadeira de roupa. Entretanto, esta participante conta, que isso a fez mais forte, o fato de ser criada sem o pai, não trouxe a ela nenhuma indisposição, teve a presença do seu padrasto e sempre viu na sua mãe um exemplo a ser seguido. Acompanhava sua mãe com a lavagem de roupa, concluiu o ensino médio, tornou-se evangélica, tem um filho com oito anos, casada com o mesmo namorado dos treze anos. O fato de ser atualmente evangélica não a impossibilita de fazer as rodas de capoeira, fala dessa representatividade da capoeira no sentimento de pertença. Se autodeclara negra e ainda hoje mora no Bairro Maria Pinheiro.

Outro ponto evidente em sua fala é o rompimento de paradigmas, por ter sido a primeira menina do Bairro a participar das rodas de capoeira e também por ser a primeira mulher a receber a corda de contramestre e liderar um grupo de capoeira. Concluiu o ensino médio, foi estudante do PREAFRO e deseja acessar o ensino superior para cursar Educação Física.

1.5.4 – Jaqueline Paula

A entrevista de Jaqueline ocorreu depois de alguns desencontros, na Escola Margarida Pereira, em uma manhã de domingo, acompanhada do seu genro, em meio a choros e sorrisos, essa mulher negra, nos contou sua história em um clima de muita emoção e também descontração. Atualmente, ela está à frente do Encantarte na função de coordenadora e por vezes coreógrafa e estilista.

Ela começa contando sobre sua infância e descreve detalhes de como foi difícil essa fase de sua vida.

> *Meu nome é Jaqueline Paula dos Santos, tenho 34 anos, nasci no dia 28/05/81 em Itabuna, me criei e vou morrer em Itabuna, me criei no Pedro Jeronimo[4] na Vila Nova, onde hoje só mudei de rua, mas continuei no Pedro Jeronimo. Sou filha de Cosmira, que é apelido, né?, o nome é Valdice Paula dos Santos, fui criada sem pai. (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

A espontaneidade de Jaqueline nos proporcionou uma narrativa direta, sem rodeios e preocupações com termos ou palavras, ela simplesmente narrava sua história e deixava bem evidente suas alegrias, tristezas, raivas e indignação.

A vida narrada por ela apresenta-se com muita luta, o seu olhar já demonstra uma mulher que também criou sua filha sozinha, repetindo um pouco a história de sua mãe, mas venceu todos os desafios ao perceber que não tinha mais com quem contar. Descreve a sua trajetória escolar, primeiro como estudante de uma escola particular do próprio Bairro, onde não percebia o preconceito racial, pois estava entre seus pares e depois as dificuldades enfrentadas ao sair dessa escola e frequentar uma escola em outro bairro, conseguiu concluir o ensino médio entre idas e vindas e deseja cursar Psicologia. Também foi estudante do

---

[4] Esse bairro fica localizado nas mediações do Bairro Maria Pinheiro, sendo vizinho e apresenta basicamente as mesmas características.

PREAFRO. Ela narra a falta de preparo dos professores para lidar com as questões de racismo na escola e do quanto isso foi doloroso e um dos motivos que a fez desistir várias vezes da escola.

Importante ressaltar que ao assumir sua identidade negra Jaqueline passa não apenas a aceitar o seu cabelo, como também desenvolver atividades dentro do Encantarte, para que outras meninas e meninos possam também se fortalecer.

1.5.5 – Jackson Santos de Souza

O mais tímido dos/das participantes, de poucas palavras, que nos rendeu seis páginas, porém com muito material de análise, pois sem muitos rodeios ele escolhia pontos específicos que queria contar de sua vida. É o único que nunca morou no bairro Maria Pinheiro ou próximo a ele, porém, viveu situações próximas no que diz respeito à infraestrutura em seu bairro. Também com uma infância marcada pela desigualdade socioeconômica, ele narra a situação da enchente que ocorreu na cidade de Itabuna e fez sua família migrar do lugar onde morava para outro bairro.

> *Bom, meu nome é Jackson Santos de Souza, tenho 35 anos, sou itabunense, negro, brasileiro, sempre morei aqui na cidade. Tive a minha infância e nasci no Bairro Jardim Vitória, somos remanescentes da cheia de 67, meus avós moravam ali, em frente ao Banco Raso. Dessa enchente teve que remanejar algumas famílias e um dos locais foi o Jardim Vitória, próxima a SEAC. Então, ali começa a história de toda a família, naquela região próxima ao SEAC, porque é uma parte mais alta. Então, como a água veio até próximo a igreja do Jardim Vitória, o pessoal escolheu a parte mais alta, não só foi essa família, tinha outras que foram criadas ali também, então, ali criaram minha mãe, meus tios, todo mundo (*JACKSON SANTOS DE SOUZA - *entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Logo no inicio da narrativa ele fez questão de se autodeclarar negro e descreve como esse processo foi doloroso, e como o Grupo Encantarte colaborou com o seu processo de construção identitária. Teve que dividir seus estudos com o trabalho, por isso parou de estudar várias vezes, até concluiu o ensino médio. Quer cursar Cinema, ou alguma aérea voltada para a comunicação, fez algumas tentativas de inserção no ensino superior, mas por enquanto ainda não conseguiu acessar, o que não demonstra indisposição, pois transita em todos os espaços, inclusive, em universidades, sem nenhum problema.

Seus olhos brilhavam cada vez que falava sobre a sua oficina e seu acervo de filmes. Atualmente, desenvolve uma atividade de mostra de cinema, por meio do “Cineclubista” e realiza um trabalho voltado para a divulgação e apreciação de obras regionais, com foco em realidades próximas ao contexto de sociedade brasileira, baiana e itabunense. Após cada exposição estabelece um diálogo com a plateia e encaminha discussões pertinentes ao contexto e ao filme. Sindicalista, divide suas atividades entre as exposições de cinema e seu trabalho na Escola Margarida Pereira. Dentro do Encantarte, já ficou à frente como coordenador e hoje contribui com essa parte cinematográfica e com as oficinas de cinema.

Cada um dos/das participantes contribuiu na construção desta pesquisa de forma singular. Acreditamos que parte da realização deste trabalho é resultado da disponibilidade dos/das /as participantes, como também da forma generosa que cada um/uma, teve em nos auxiliar. Temos, portanto, uma grande responsabilidade e, nos cabe retribuir com uma pesquisa que também atenda ao anseio deles/delas de forma que, sintam-se contemplados/as.

1.6 – Organização dos “textos de campo”

Esta etapa demandou cautela, dedicação e esforço; tínhamos que traçar de forma precisa como atrelar o referencial teórico, com a metodologia, de forma a compreender o objeto deste estudo e assim responder a pergunta de pesquisa. O ponto de partida foi revisitar as cinco transcrições das entrevistas. Fizemos uma leitura atenta, acompanhada de reflexões, apontamentos e memórias. Esta fase foi bem interessante, pois por vezes nos voltávamos ao momento de entrevista e rememorávamos as histórias e como tudo ocorria.

As transcrições foram longas, fruto do tamanho das entrevistas. Temos um material rico e cada parágrafo traz uma grande contribuição, por isso tivemos que selecionar todo o material e organizar cada entrevista em blocos, que apresentavam pontos para responder a pergunta de pesquisa, descartando alguns pontos. É importante destacar que o fato de descartarmos não diminui a importância destas narrativas, apenas tínhamos que escolher os fragmentos mais adequados aos objetivos deste estudo. Por vezes percebemos que cada narrativa, por trazer histórias de vidas tão enriquecedoras, caberia uma nova pesquisa.

Após essa seleção, organizamos em grupos de análise, seguindo um roteiro de entrevista. Vale apontar que esse roteiro não trouxe um enrijecimento das perguntas e respostas, mas servia de base para algumas narrativas e logo após essa leitura eles/elas se

sentiam livres para narrar suas histórias de forma tão natural, que na maioria dos casos eles/elas ficavam com o gravador em suas mãos.

Ao reler as entrevistas, percebemos que apresentavam temáticas complementares, por isso organizamos em alguns eixos temáticos: Que lembranças têm de suas vivências na infância, no contexto familiar e escolar? Como compreende as questões de racismo? Que relação estabelece entre as oficinas desenvolvidas e o seu processo de construção identitária negra?

Depois de selecionar os eixos e agrupar as narrativas, fizemos outra leitura buscando o que cada trecho tinha de central, onde encontramos "unidades temáticas". A partir desses temas, elaboramos três focos de análise.

- ✓ As vivências da infância: criança negra no contexto familiar e escolar:
  - A criança e seu contexto familiar e escolar;
  - Estereótipos
- ✓ Significado de ser negro e como isso se estabelece
  - Questões de raça;
  - Ascensão social do negro.
- ✓ A atuação nas oficinas culturais e sua identidade negra:
  - Educação antirracista;
  - Relação da educação antirracista com a sua identidade negra

Essa distribuição nos ajudou a organizar as narrativas para a compreensão dos objetivos da pesquisa. Para compreender o processo de construção identitária negra a partir das narrativas, buscamos fundamentar nossos estudos em Souza (2004) que apresenta a perspectiva da análise interpretativa – compreensiva que traz a relação da pesquisa com o objeto de forma colaborativa, evidenciam as particularidades de cada história narrada considerando o processo de formação e da pesquisa. Trata-se de considerar como cada participante da pesquisa escolhe narrar-se, ou seja, "suas referências socioculturais, as regularidades e irregularidades históricas dos percursos e trajetórias de vida-formação, bem como pelo aprofundamento narrativo, frente à interioridade, exterioridade e a subjetividade de cada narrativa" (Souza 2004, p. 45). Segundo este autor, este tipo de análise admite um exercício metodológico que busca incorporar "unidades temáticas" através das irregularidades e das recorrências das narrativas, emergindo assim "um diálogo intertextual e de uma análise horizontal das experiências individuais e coletivas contidas nas narrativas"

(SOUZA, 2004, p. 45). No próximo capítulo apresentamos cada unidade de análise, referendado na construção teórica estudada ao longo da pesquisa.

II - Compreendendo a temática: "*Ai eu falei que não teria como ensinar algo a alguém sem explicar de onde aquilo começou"*

Neste capítulo apresentamos os conceitos utilizados nesta pesquisa, que em conjunto com as narrativas dos integrantes do Grupo Encantarte, embasam a discussão sobre a educação antirracista adotada por esse grupo para compreender os seus processos de construção identitária negra. Para tanto, elegemos as categorias: identidade, identidade negra e educação antirracista e nos aproximamos de alguns autores, tais como: Gomes (1999, 2001, 2002), Cavalleiro (2001, 2005), Hall (1999, 2011), Munanga (2005, 2006, 2009, 2010), Freire (1987, 1996, 2000, 2001, 2003), dentre outros. Assim, adotamos o conceito de identidade construída socialmente em um constante processo de interação e transformação, por entendermos que a história de uma sociedade está estritamente ligada à história dos indivíduos e vice-versa.

Nessa perspectiva, faz-se necessário expor, em linhas gerais, o contexto onde o Grupo Encantarte desenvolve suas atividades. O local é a cidade de Itabuna, situada no sul da Bahia, um município centenário que teve sua história marcada pelo plantio do cacau, disputas por terras (entre índios, trabalhadores rurais e os chamados "coronéis"), e pelo comércio. Sua vegetação cercada pela Mata Atlântica, ambiente propício para o cultivo dessa planta que foi trazida em 1746, pelo francês Luiz Frederico Warneaux, e movimentou a economia local durante anos. Tem o seu povo com formação étnica de povos indígenas (Aimoré e Pataxó dos Camacan), negros e brancos, como também sergipanos e turcos. Sua literatura foi escrita principalmente por Jorge Amado[5] e outros escritores locais, considerados artistas da terra, que relatavam, na época, o cotidiano da cidade, que se assemelhava com outro município vizinho, Ilhéus. Ficou conhecida como a terra do cacau, por ser um polo comercial, que atraia investidores de toda a região.

Na década de 80, dois fatos importantes definiram o contexto atual do município. Primeiro, a crise cacaueira em decorrência de um fungo nomeado como "vassoura de bruxa", que por ser muito danoso, proliferou na região, causando uma destruição nas lavouras de cacau, contribuindo para a queda da economia e para o desemprego da região, em especial nas propriedades rurais, onde os fazendeiros tiveram que demitir a maioria dos trabalhadores

[5] Jorge Amado nasceu no ano de 1912, na Fazenda Auricídia, no distrito de Ferradas, no município de Itabuna-Bahia

rurais. Com um número considerável de desemprego, a maioria dos trabalhadores rurais teve que migrar das fazendas para as cidades circunvizinhas, entre os quais, Itabuna, em busca de outras oportunidades de emprego. Nesse cenário de ausências de recursos econômicos, eles construíram suas moradias às margens do Rio Cachoeira, que atravessa todo o município. Ainda nesse período, ocorre uma grande enchente na região, atingindo a cidade e os moradores dessa comunidade Ribeirinha acabam por perder todos os seus pertences, sendo alojados pelo poder público em lugares precários.

Na entrevista concedida por Egnaldo França, ele narra uma cena que marcou a sua infância e retrata um pouco essa situação da enchente:

> *Então, eu tinha quatro anos de idade e me lembro de uma cena muito forte do meu pai com aqueles colchões antigos de mola e eu em cima do colchão, e o meu pai segurando o colchão com um amigo que não lembro quem era, eu em cima e ele com a água nos peitos tentando salvar as coisas de dentro de casa, mas não conseguiu salvar quase nada (EGNALDO FRANÇA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Essa cena narrada por Egnaldo revela o cenário da enchente. O governo municipal, o então prefeito Oduque Teixeira, em uma tentativa de minimizar os problemas, alocou essas pessoas em um Estádio de Futebol, e logo após aglomerou todas essas famílias desabrigadas na Fazenda Vila Campos, que foi desapropriada e teve seus lotes divididos para atender a esses novos moradores, com uma geografia bastante íngreme, com muitos morros e locais desapropriados.

Essa tentativa, que poderia parecer uma suposta solução, teve suas implicações, pois houve uma ação não menos ingênua de delimitar geograficamente quem ficaria ou não em uma aérea periférica do município, longe do centro da cidade e, consequentemente, distante de todos os serviços sociais básicos, apesar de, na época, o bairro não ter uma proposta de favela, e sim como um bairro que passaria por toda a infraestrutura. Porém, o poder público vigente não garantiu a infraestrutura necessária para a sua constituição. Este loteamento não possuía condição para acomodação dessas pessoas, e elas tiveram que buscar parcerias entre seus pares para começar a erguer as suas casas, até então, ainda alguns barracos, como nos descreve o autor:

> Deve-se levar em conta também, que nas situações emergenciais das enchentes, as camadas pobres mais atingidas, normalmente são remanejadas pelo poder público, a título de solução, para locais ainda piores do que aqueles antes habitados. Em outras palavras, as “soluções arranjadas”

> representam o futuro como um presente piorado. E os exemplos não faltam para ilustrar a questão aqui levantada: bairros como "Gogó da Ema" (nas margens do canal do Bairro São Caetano) continuam mais vulneráveis ainda às cheias, pois o referido local inunda até com pequenos índices pluviométricos. Outro exemplo é a favela do Bairro Maria Pinheiro, que surgiu em função do remanejamento dos desabrigados das últimas enchentes, e que por falta de infra-estrutura gerou um foco de violência e marginalização que preocupa a cidade (SANTOS, 2001, p. 27).

Nesse contexto de negação de direitos básicos, surge o Bairro Maria Pinheiro, em um espaço sem nenhuma condição física para ser considerado enquanto moradia, uma área que era um prolongamento do meio rural dentro do setor urbano (GONÇALVES, 1999, p. 40), onde as pessoas tiveram que se organizar e buscar apoio entre elas para refazer e retomar suas vidas. Essa situação demonstra o descompromisso do poder público em relação a essas famílias, e também um sentimento de solidariedade e contribuição mútua, as pessoas começam a se ajudar por meio de mutirões, para a construção dos primeiros barracos. A única instituição que aparece nessa comunidade é a polícia (civil e militar), e a Igreja Católica, que por meio da Irmã Margarida começa se articular politicamente. Vale salientar, que esse foi o primeiro bairro de Itabuna a desenvolver um trabalho voltado para a alfabetização de jovens e adultos.

Segundo Costa (2012), um levantamento feito pela Prefeitura Municipal de Itabuna em 2006 apresenta um bairro com precariedades no serviço de telefonia, água, esgoto, coleta de lixo, iluminação pública e transporte urbano. Ainda de acordo a pesquisa desse autor, o bairro apresenta pouquíssimas entidades organizadas, tendo sua população majoritariamente composta por Afrodescendentes, falta de emprego, com insuficiência de vagas para a rede municipal de ensino, e ausência da rede estadual de ensino, as escolas do bairro só atendem ao ensino fundamental I e II, sendo que para cursarem o ensino médio, esses jovens precisam sair do bairro para outros que ofertam vagas. Assim, o autor afirma:

> As características socioeconômicas das famílias que residem no bairro Maria Pinheiro revelam o quadro de exclusão social acima descrito. Buscando caracterizar melhor as famílias, foram aplicados 71 questionários, correspondendo a 7,4% dos domicílios ocupados do bairro. 70,4% dos entrevistados são mulheres e 29,6% são homens. Quando a cor, 14,1% são brancos, 38% são pardos e 47,9% são pretos (COSTA, 2012, p. 23).

Esses dados são importantes para esta pesquisa, pois contribuem para o conhecimento desta comunidade, onde emerge o Grupo Encantarte. No que diz respeito aos aspectos

sociais, demonstra peculiaridades importantes que correspondem a esta pesquisa, como por exemplo, a formação étnica[6] dos moradores e suas dificuldades. Outro ponto importante apresentado pelo autor é a respeito do nível de escolaridade. Na sua pesquisa ele constata que, ao confrontar o nível de escolaridade com a autodeclaração racial, os negros ainda possuem menor escolaridade do que os brancos.

Concomitante com todos os problemas políticos, sociais e estruturais, o índice de violência se torna algo constante e com propagação cotidiana pela mídia, o que se apresenta como adversária do bairro, pois a divulgação em relação aos moradores é a pior possível; o bairro fica assim, estigmatizado como um lugar de pessoas violentas, que cometem grandes e pequenos furtos e com alto índice de tráfico de drogas. Assim, os moradores começam a ter dificuldades para conseguir emprego, pois o empregador, ao saber onde residem não os contratavam. E eles, por vezes, tinham que ocultar seus endereços, sendo que os empregos aos quais tinham acesso, em sua maioria, eram serviços gerais e domésticos, como relata uma das participantes:

> *com 18 anos eu voltei a estudar de novo, por conta de um emprego que eu perdi, lembro como hoje, minha mãe ia conseguir um emprego com a patroa dela no Lar Fabiano, mais eu não conseguir porque eu não tinha estudo e eu acabei voltando pras cozinhas dos outros, continuei trabalhando nas cozinhas dos outros. (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Outro ponto que trazia indisposição para os moradores era a constante divulgação por meio da imprensa local escrita e falada a respeito da violência. Em pesquisa feita nos jornais da cidade, na época, identificamos a seguinte afirmação:

> Os ladrões implantaram no bairro um clima de terror, medo e violência em que prevalece o silencio das vítimas que temem retaliações das quadrilhas [...] Os moradores temem prestar queixas na polícia e são vítimas de ameaça [...] A partir de determinado horário à noite é proibido sair de casa. Se infligir essa "lei" o morador pode ser punido "com pena que é a perda da vida", conta outro morador (JORNAL AGORA, 2003, p.19).

Todos esses problemas enfrentados pelos moradores trazem para eles, e também para aqueles não moradores, o que Silva (2011) nos apresenta como algo materializado:

---

[6] Trazemos aqui formação étnica por pensar na diversidade das categorias que compõem esta formação, no sentido de raça, no termo biológico (branco, negro, índio, etc), porém compreendemos que o significado étnico e de raça, não se resume apenas ao biológico ele é mais amplo. Nesta pesquisa focaremos na identidade negra, por ter sido este o conceito narrado pelos participantes.

> Os estereótipos, ou seja, os clichês, as imagens cristalizadas ou idealizadas de indivíduos, cumprem o papel social de produzir os preconceitos, as opiniões e conceitos baseados em dados não comprováveis da realidade do outro, colocando esse outro sob rejeição e ou suspeita (SILVA, 2011, p. 17).

Corroborando com Silva (2011), temos em França[7] (2013) a presença dos problemas causados pela imagem negativada feita pela mídia, e também pelos problemas sociais encontrados pelos moradores, assim:

> Uma realidade visível nas periferias, oportunamente explorada principalmente pelos meios de comunicação é o interesse exacerbado pelo viés negativo destas localidades. A generalização provocada pela discriminação tende a reforçá-las sobre os moradores da periferia e a negação da sua origem por parte destes apresenta-se, muitas vezes, como uma espécie de proteção (FRANÇA, 2013, p. 20).

Entretanto, mesmo com esse estereótipo negativo a comunidade do bairro Maria Pinheiro demonstra, em seu cotidiano, os sentimentos de solidariedade, criatividade e mudança, pois eles buscam apesar das adversidades resolverem os seus problemas, visto que não havia/há a presença do poder público. Assim, esta história pautada nas ações positivas desses moradores, que ainda continua ofuscada e pouco reconhecida, revela uma comunidade organizada com estratégias de sobrevivência, baseadas no compromisso de garantir um lugar menos desigual e mais justo, considerando, sobretudo a expressão cultural dessas pessoas. O fato de ter sido esse bairro formado por famílias ribeirinhas, que compartilhavam a mesma experiência de perder todos os seus pertences, tende a provocar nesta comunidade um sentimento coletivo de fortalecimento identitário.

É importante pensarmos nesse processo de nascimento do Bairro Maria Pinheiro e como isso ocorreu, tendo como referência a enchente da década de 80, para começarmos a entender como se constitui a construção identitária negra e o seu fortalecimento, neste caso, do Grupo Encantarte, localizado nesta comunidade, pois esse acontecimento acaba por refletir nos seus moradores mesmo que, muitas vezes, eles não percebam esse movimento. Isso se torna interessante para esta pesquisa, uma vez que a maioria dos entrevistados são

---

[7] Egnaldo França exerce dois papeis fundamentais nesta pesquisa, como referencial acadêmico por meio de sua monografia: **Projeto Encantarte**: Movimentos de Juventude na Afirmação e Formação da Identidade Negra no Bairro Maria Pinheiro, Periferia de Itabuna, Bahia (2000–2013), fruto da graduação em História pela UESC, em 2013, e também como participante das narrativas que compõem esta pesquisa.

moradores do bairro, com suas histórias entrelaçadas nas histórias desta comunidade, no projeto Encantarte, pelos familiares, e por terem também vivido as dificuldades e alegrias deste povo. Sabemos que a organização do Bairro Maria Pinheiro não é o foco desta pesquisa, porém pensarmos na forma como ele se constituiu ajuda a compreender como a história dos/das participantes da pesquisa está entrelaçada com a história desta comunidade.

É a partir dessa ideia individual e coletiva que tecemos nesta dissertação o conceito de identidade e de identidade negra, com intuito de compreender como se desenvolve o processo de construção identitária dos integrantes do Encantarte, oriundos desta comunidade, com sua história baseada em lutas e resistências e que tiveram como aliada a educação antirracista, numa teia que por vezes não foi harmônica e sim cheia de tensões, conflitos e enfrentamentos de preconceitos e discriminação racial que atravessam a formação da sociedade brasileira. Nessa perspectiva, para Lopes (2005), a ideia do racismo, o sentimento de preconceitos e os atos de discriminação não são herdados geneticamente, eles são ensinados e exercitados ao longo de suas histórias e geralmente são exercitados pelos seus pares, familiares e também na escola, assim as pessoas aprendem a ser preconceituosos e a ter atitudes discriminatórias.
Assim, a autora conceitua:

> a) preconceito racial é idéia preconcebida suspeita de intolerância e aversão de uma raça em relação a outra, sem razão objetiva ou refletida. Normalmente, o preconceito vem acompanhado de uma atitude discriminatória;
> b) discriminação racial é atitude ou ação de distinguir, separar as raças, tendo por base idéias preconceituosas (LOPES, 2005, p. 188).

Essas práticas que geralmente são ensinadas durante anos pela sociedade, resultam em comportamentos sociais divididos entre dois pontos, o do discriminador e do discriminado, um que se considera mais importante do que o outro, que pode ditar as regras e ter suas vontades realizadas, enquanto o outro fica à mercê das decisões do discriminador, o que prejudica por vezes a compreensão e o fortalecimento das suas identidades.

O termo identidade conjuga aspectos políticos e sociais, individuais e coletivos, assumidos por uma pessoa, dessa forma cada indivíduo vai ao longo de sua vida se identificando, de forma diferenciada, a partir do seu grupo social, se construindo e assumindo sua identidade e seu pertencimento. A identidade assim vai sendo construída por meio desse processo dialético entre indivíduos e sociedade. “a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser

ganhada ou perdida" (HALL, 1999, p.21). Assim, consideramos a emergência de novas identidades. Nesse sentido, Egnaldo França aponta em sua narrativa:

> *Então, a gente passa a trabalhar com essa questão da identidade, a gente precisa se afirmar não dá pra você lutar contra essa violência que é o preconceito que é a pior violência, a pior violência é o preconceito se a gente não se afirmar, temos que afirmar mesmo o nosso cabelo duro, e eu dentro da igreja tinha que andar com o cabelo raspado, cortadinho porque o cristão tem que ter aquele modelo, ai eu me afastei da igreja (EGNALDO FRANÇA – entrevista concedida a pesquisadora,2016).*

Essa narrativa revela a emergência de uma identidade negra, ou seja, o seu processo dialético de construção, já que se trata de um movimento relacional a partir da interpelação do grupo social que o sujeito tenta participar. Trata-se de uma das formas de resistência, no âmbito do enfrentamento individual, pois o sujeito não aceita ter sua identidade forjada pela instituição religiosa, mesmo porque essa aceitação significa negar a sua descendência negra, evidenciada nas marcas da negritude, nesse caso, a textura do cabelo.

Nessa perspectiva, consideramos que o processo de construção identitária negra desses integrantes, ocorre de acordo com os referenciais da sociedade, dos sujeitos, partindo das suas narrativas, levando em consideração toda essa estrutura que ocasionou no surgimento do Bairro Maria Pinheiro, e de todo o trabalho voltado para uma educação antirracista desenvolvido pelo grupo. Em um momento da narrativa de Egnaldo França ele se autodeclara negro pelo fato de morar em um Bairro como o Maria Pinheiro e viver todas as circunstâncias dessa localidade.

Consideramos identidade como descrita por Hall (1999), um processo contínuo e inacabado, sendo o sujeito submetido, tanto aos seus próprios anseios como pelo próprio movimento imposto pela sociedade. Esse autor apresenta o sujeito do Iluminismo, Sociológico e Pós-moderno, pensando essas mudanças de acordo com o tempo e o espaço, no qual esses sujeitos estão inseridos.

Para discutir a identidade negra nos apoiaremos nos estudos de Munanga (2006), com a discussão sobre a miscigenação[8] e negritude ocorridas no Brasil, que relaciona o processo de construção identitária a partir do momento em que se assume o envolvimento e

---

[8] Neste texto adotamos a ideia de Munanga, (2006, p. 16) que afirma: algumas vozes nacionais buscam atualmente reunir todas as identidades, brancos, negros, indígenas em torno da unidade "mestiça" reunindo todos os brasileiros. Trata-se de uma sutileza ideológica para recuperar a ideia de unidade nacional não alcançada pelo fracasso do branqueamento físico. Essa proposta de uma nova identidade mestiça, única, vai na contramão dos movimentos negros e outras chamadas minorias.

pertencimento a um determinado grupo étnico e social e também discute como ocorreu todo o processo de configuração com base no passado histórico brasileiro.

No que diz respeito à nossa terceira categoria educação antirracista, recorreremos a Gomes (1999; 2001; 2002), Cavalleiro (2001; 2005), Munanga (2005; 2006; 2009; 2010), Freire (1987; 1996; 2000; 2001; 2003), porque apresentam uma discussão fundamental para esta pesquisa. Vale ressaltar que não estamos hierarquizando as categorias, apenas, apresentamos assim como uma forma de organização da escrita, pois entendemos o movimento que se estabelece entre elas.

2.1- O processo social da Construção Identitária

Stuart Hall (1999; 2006), ao longo de sua trajetória de pesquisa, deixou contribuições significativas a respeito do tema identidade. Ele apresenta o termo no plural para explicar as diversas configurações assumidas pelo sujeito ao longo de sua vida, nomeando como velhas e novas identidades. Para Hall (1999), o contexto social da forma dinâmica em que se apresenta exige do sujeito atual identidades fragmentadas, onde o mesmo indivíduo pode apresentar diversas posturas de acordo com o contexto, no qual está inserido ao tempo em que esse próprio contexto se desloca para atender essa diversidade do sujeito, assim tanto o indivíduo como a sociedade vem sofrendo modificações um em detrimento do outro.

O autor chama atenção também para que não tomemos isso como algo pronto ou mesmo estabelecido. Não se trata, segundo ele, de verdades absolutas; são apenas constatações feitas ao longo de seus estudos. Assim ele afirma: “Como ocorre com muitos outros fenômenos sociais, é impossível oferecer afirmações conclusivas ou fazer julgamentos seguros sobre as alegações e proposições teóricas que estão sendo apresentadas” (HALL, 1999, p.9). Dessa perspectiva, o sujeito possui múltiplas identidades: identidades contraditórias, que se cruzam e se deslocam mutuamente, tais contradições atuam social e psicologicamente, ou seja, na sociedade e ‘dentro da cabeça’ do sujeito.

Portanto, não propomos nesta pesquisa estabelecer afirmações definitivas, mas traçar pontos importantes para pensarmos no processo de construção identitária que corresponde a todos/as na atualidade. O tema da identidade perpassa os estudos das Ciências Humanas de forma geral, quer seja na Antropologia, Psicologia ou Sociologia e vem causando interesse em pesquisas na tentativa de compreender esse processo, pois essa construção do sujeito

descreve quais anseios essa sociedade deseja, bem como quais orientações precisam ser definidas para que deem conta das demandas sociais.

Nesse limiar, é importante pensar nos estudos de Hall (1999) que ao tentar explicar esses processos identitários versa sobre as perspectivas do Iluminismo, onde o homem por si só se define trazendo características naturais. Já no Socialismo, o sujeito não se percebe mais autônomo e tem expresso em sua identidade as contribuições da sociedade em que nasce e convive, e o Sujeito Pós-moderno tem suas identidades deslocadas de acordo as suas experiências, onde o processo de globalização é altamente influenciador dessas características.

Trazer esses pontos proporciona a compreensão de que quando o sujeito percebe o seu contexto social e temporal, ele começa a entender que seu núcleo identitário pode dialogar com outros núcleos, estabelecendo assim uma interação entre indivíduo e sociedade; sociedade e indivíduo e indivíduo e indivíduo isso tudo em um movimento constante, que exige desse, um olhar sensível a respeito de si mesmo e do contexto social. Para Hall (1999) a identidade é formada na interação entre o “eu” e a “sociedade”, portanto, construída historicamente e não apenas biologicamente.

Assim, a necessidade do outro e do que o outro representa se torna algo preponderante para essa construção identitária. Porém, não podemos falar desses sujeitos como se eles fossem estáticos sem relacioná-los com o seu meio, sua sociedade, sua história, seu tempo e também sem percebermos isso tudo em uma configuração maior. As várias configurações existentes nesses grupos que compõem um algo maior no qual estamos inseridos, nos autorregulam com regras e normas impostas e por si só vão constituindo esta estrutura coletiva, dita o que podemos ou não fazer, como podemos ou não nos comportar. Portanto, entender a construção da identidade individual requer entender também a construção social de seus grupos e de suas esferas.

Pensemos, então, na perspectiva dos participantes desta pesquisa, que trazem, primeiramente, o contexto social nas narrativas de suas histórias, fazendo a correspondência entre o seu lugar de origem, em especial, a cidade e o bairro que moram. Aqui estamos considerando uma formação mais ampla deste contexto pensando em nível do Estado e País, mas tratamos de forma micro para pensar essa identidade sendo construída nesses pequenos espaços. Dessa forma, conhecer esse processo de construção de identidade em relação ao espaço nos encaminha para um entendimento de que esse sujeito não está destituído do seu contexto, como nos diz Hall (1999).

2.2 - Tecendo o conceito de identidade negra

Para pensarmos na construção da identidade negra dos integrantes do Encantarte, não podemos deixar de revisitar o processo colonizador ao qual esta sociedade foi submetida, buscar esses referenciais nos conduz para a reflexão desse conhecimento histórico-social que fundamenta a sociedade brasileira como racista e assim, dificulta o processo de autoafirmação negra. Nesse sentido, a história do Brasil no que diz respeito à colonização é marcada por um cenário que refletiu a desigualdade racial e social, prevalecendo de forma imposta a hierarquia entre as raças, onde o branco europeu sempre esteve em situações de dominação em relação a outras raças.

Desse modo, a discriminação racial no Brasil ainda é uma realidade, apesar de ter tido avanços e nestes destacamos os movimentos sociais negros que tiveram grande contribuição, buscando o respeito ao reconhecimento das suas culturas, como fator importante da constituição do povo brasileiro, e apesar de termos leis que amparam e punem pessoas que praticam atos discriminatórios, os ranços da colonização ainda imperam no Brasil atual.

Munanga (2006), ao falar sobre a mestiçagem parte do conceito que esse fenômeno é o cruzamento entre índios, negros, brancos, asiáticos e etc, destacando os aspectos “sociais”, “psicológicos”, “econômicos”, “políticos” e “ideológicos”, apresenta para o Brasil o conceito de identidade nacional e a identidade negra, com vista ao mito da democracia racial, que por vezes reforçou e reforça o apaziguamento de conflitos como também o embranquecimento físico e psíquico da pessoa negra na sociedade brasileira. Ele menciona alguns autores brasileiros que contribuíram com esta discussão, quais sejam:

- Francisco José Oliveira Viana (1920) – apresenta mestiçagem como um processo de retorno das características da raça original quer seja ela superior ou inferior e dependendo do cruzamento os mestiços poderiam ser classificados como superiores ou inferiores, ou seja quanto mais clara for a pele desse indivíduo, mais superior ele seria considerado;
- Nina Rodrigues (1957) fala sobre a “incapacidade” dos índios e dos negros, portanto deveriam ser tratados tanto nas esferas institucionais, legais e penais por um modo diferenciado do branco;
- Silvio Romero (1975) afirma que a mestiçagem extinguiria qualquer outra raça, que não fosse a branca;

- Gilberto Freire (1993) - apazigua essa relação de conflito entre o ser mestiço e mostra que as três raças podem contribuir significativamente para o desenvolvimento do país e também viver harmonicamente.
- Darcy Ribeiro(1995) – defendeu o mestiço, afirmando que esse poderia ser considerado como um "negro de alma branca" dependendo do seu "esforço" em acender socialmente e/ou economicamente e passaria a integrar a convivência com o branco.

Todas essas afirmativas mencionadas contribuíram para que o preconceito racial no Brasil, até nos dias atuais, fosse apresentado como um fenômeno social e não racial, pois assumir que somos uma sociedade racista acabaria por desconstruir a imagem difundida, tanto internamente como externamente de uma sociedade racialmente democrática. Assim, a mestiçagem não era vista como uma diversidade racial, mas com uma tentativa de unificação da raça brasileira, pois seria o processo de mestiçagem que resolveria o problema de identidade nacional, pois o negro desapareceria.

Entretanto, não convencido desse posicionamento, a Frente Negra Brasileira[9] apresenta denúncias a respeito das práticas discriminatórias com as pessoas negras, porém buscava por meio da educação a integração da pessoa negra, no intuito de minimizar esse sentimento de inferioridade. De acordo com Munanga (2006, p. 89), isso ocorre porque "[...] a política e a ideologia do branqueamento exerceram uma pressão psicológica muito forte sobre os africanos e seus descendentes. Foram, pela coação, forçados a alienar sua identidade, transformando-se, cultural e fisicamente brancos".

Não podemos deixar de considerar que houve um período, durante a escravidão no Brasil, que as pessoas com características físicas mais negróides, eram sempre mais escravizadas do que àquelas filhas de pessoas negras com brancos. Por isso, os/as negros/as na sua individualidade, percebiam no casamento inter-racial a oportunidade de seus descendentes viverem melhores condições, assim perpassava o ideal branco como possibilidade de afastamento da discriminação.

---

[9] Entidade fundada em 16 de setembro de 1931 em São Paulo, tendo entre seus objetivos promover a "união política e social da gente negra nacional, para a afirmação dos direitos históricos da mesma em virtude de uma atividade moral e material no passado, e para a reivindicação dos seus direitos materiais e políticos atuais na comunhão brasileira" Cf: OLIVEIRA, Laiana de Oliveira**. A Frente Negra Brasileira:** política e questão racial nos anos 1930. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

Munanga (2006) chama atenção para uma das maiores dificuldades em superar a ideologia do branqueamento, qual seja: a falta de auto-definição, de quem é de fato o povo brasileiro. Com isso as pessoas não são conscientizadas de quem são e vivem sempre a *mercê* dessa cultura eurocêntrica, que apresenta a todos/as o ideal de beleza, civilidade, cultura, entre outros. Dessa forma, o negro deixa de ser negro para ser mestiço, pardo, mulato, moreno, ou qualquer outro adjetivo que apresentarem nas estatísticas para camuflar o ser negro. Porém, a partir do momento em que a pessoa negra revisita a sua história, se apropria dela, se afirma e se autodenomina, amparando-se em seus pares, conhecendo as suas lutas, religião, cultura, começa então o reconhecimento sobre quem é, e o processo de construção identitária negra começa a ganhar forma e resistência. Entretanto, devemos considerar que nem sempre essa consciência pode ocorrer por conta dos traços físicos, ela pode se estabelecer por esse reconhecimento pertencimento e identificação. Portanto torna-se importante considerar:

> Seu passado histórico como herdeiros dos escravizados africanos, sua situação como membros de grupo estigmatizado, racionalizado e excluído das posições de comando na sociedade cuja a construção contou com seu trabalho gratuito, como membros de grupo étnico-racial que teve sua humanidade negada e a cultura inferiorizada. Essa identidade passa por sua cor, ou seja, pela recuperação de sua negritude, física e culturalmente (MUNANGA, 2006, p. 14).

É evidente que esse processo de reconhecimento histórico e cultural ainda ocorre a passos lentos devido a todas as formas de manipulação e de negação estabelecidas ao longo da história. Porém, também não podemos deixar de mencionar que esse movimento vem ocorrendo, principalmente em busca da justiça racial e social, onde todos/as possam ser percebidos e tratados como iguais, partindo de suas diferenças, e que seja estabelecida essa igualdade entre todas/os que compõem a sociedade brasileira, independentemente de sua cor de pele.

É importante ressaltar que essa não é uma luta recente, apesar de já ter ganhado mais adeptos, a resistência ocorre no Brasil desde o sincretismo religioso, língua, cultura e culinária, essa noção de identidade consiste nessa dialética entre sociedade e indivíduo, pois essa identidade da população negra no período da escravidão passou por um processo de fragmentação, por vezes roubado, articulado e também negociado com a identidade branca. Pensemos nesse processo sendo roubado pelo fato de muitas pessoas terem sido escravizadas,

inclusive tendo seus nomes de origem modificados por seus “senhores”, articulada e negociada quando pensamos nesse sincretismo religioso, na língua e na cultura.

Munanga (2006) sinaliza três fatores que podem levar um sujeito tomar consciência de sua identidade negra tanto do grupo como individual, quais sejam: os aspectos Histórico, Linguístico e Psicológico, esses fatores apesar de distintos podem apresentar-se diferentes dependendo de cada grupo ou indivíduo, os seja cada um pode se ancorar mais ou menos em cada fator.

Ao destacar o seu pertencimento, pessoas que se autodeclaram negras possuem em si a consciência de sua identidade e buscam o seu fortalecimento, do ponto de vista político, nas relações coletivas, utilizando-se de suas expressões da negritude por meio de suas vestimentas, a forma como trança o seu cabelo, o uso de turbantes e acessórios, na dança, na música, entre outras diversas formas de expressões de resistência, para que negros/as reafirmem o seu pertencimento e a sua identidade negra.

Porém, tanto Hall (1999) como Munanga (2006) afirmam que é muito complicado traçarmos armaduras para objetivar o processo de construção identitária, pois essa construção ocorre a partir da tomada de consciência entre ‘eu’, ‘nós’ e os ‘outros’, para esses autores essa consciência não é desenvolvida entre todas as pessoas. Consideramos, que um grupo de pessoas negras ao receber informações a respeito dessa consciência história, social e política e se apropriam do processo de colonização do Brasil, por meio de uma ótica do colonizado e não mais do colonizador, neste grupo nem todos poderiam assumir ou se identificar e então começar a perceber sua identidade negra.

Outro ponto importante para pensarmos é que o processo de construção da identidade negra, nem sempre está ligado ao biológico, mesmo que este ou esta não tenha a sua pele negra, esse processo está intimamente ligado a história de negação humana e cultural, que marcou e marca atualmente as diferenças sociais e raciais na sociedade brasileira. Assim, a identidade negra não está apenas na consciência da cor de sua pele, ela está estritamente ligado a um sentimento de solidariedade com as pessoas vítimas de racismo e que tem suas vidas marcas de sofrimento e de negação dos seus direitos pelo fato de terem características físicas negras.

A identidade negra é uma configuração que a pessoa pode assumir em qualquer momento de sua vida, ela pode começar pela aceitação dos atributos físicos de sua negritude, antes mesmo dos atributos culturais, mentais ou intelectuais, isso também pode ocorrer de forma dinâmica sem assumir uma hierarquia. Como já mencionamos não é uma tarefa

tranquila, pois requer viver e reviver a experiência de ter sofrido e de ter tido sua identidade forjada, por meio de um processo de alienação. Assim, a afirmação "tornar-se negra" apresenta-se não apenas pela cor da pele, mas pela consciência do que já se sofreu e sofre por ter essa cor de pele e, portanto é necessário que se fortaleça enquanto grupo de resistência negra.

> *[...] hoje eu sou Jacqueline, eu sou a negona, me considero assim, mas eu não me aceitava ainda, não meu cabelo duro, eu alisava por tudo que eu vivi no passado, eu não podia mudar a minha pele, mais eu podia alisar o meu cabelo. Hoje mais não, eu me assumo (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

É por meio desses conhecimentos apresentados pelos autores e desta narrativa da participante, que reforçamos a ideia de que não se pode discutir identidade negra, desarticulada desse conceito de identidade e também de sociedade. A pessoa quando passa pelo processo de reconhecimento, se assume e se orgulha de seu pertencimento, de ser visto e declarado negro e negra e isso vai se engendrando um sentimento coletivo, o mesmo que se estabeleceu lá na formação do Bairro Maria Pinheiro, do Grupo Encantarte e em cada um de seus integrantes que aqui narraram suas histórias de vida, pois isso não ocorreu isoladamente. Sua identidade-eu está imbricada na identidade-nós.

Entendemos que outra categoria fundamental para ampliar esse entendimento é o da educação antirracista, assim tentaremos apresentar a sua contribuição no processo de construção da identidade negra dos integrantes do Encantarte.

2.3 - Educação antirracista: um ato político e de construção da identidade

A educação aparece nesta pesquisa como uma das categorias que balizam este trabalho, por ter delimitado todo o processo de criação do Grupo Encantarte. Vale salientar, que estamos falando de uma educação que começa a ser configurada nas ruas e nos espaços disponíveis para a mesma, só depois de um longo trabalho de resistência o grupo consegue afirmar-se e conquistar o reconhecimento da sua comunidade, inclusive da educação escolar.

Assim, temos uma comunidade que por não ter sido assistida com os direitos fundamentais assegurados pela legislação se organiza para traçar novos caminhos para os seus jovens, pois a perspectiva de ser jovem negro nesta comunidade não era otimista. Assim, por meio de conversas informais e alguns questionamentos, os agentes comunitários fizeram

uma pesquisa no ano de 2001, intitulada como **Diagnóstico Geral da Comunidade**, com os moradores do bairro Maria Pinheiro. O objetivo era identificar a situação socioeconômica dessas pessoas, ou seja, traçar a real situação da comunidade. Mesmo sendo uma pesquisa feita sem a dita "legitimação científica", esse levantamento apresentou indicativos de um quadro notório, porém não dito, que é o da privação de direitos que originam outros problemas, como por exemplo: violência, desemprego e baixa escolaridade. Esse diagnóstico revelou que, dos moradores do bairro 92,5 % são desempregados, apenas 0,74% havia concluído o ensino médio, e nenhum morador tinha nível superior. 85% dos moradores se declararam negros, 80% dos moradores não assumiam residirem no bairro ao procurarem emprego e 77% deles gostariam de morar em outro bairro.

Segundo Glória (2007), esses dados revelam a baixa escolarização, a dificuldade na aquisição de emprego, a baixa autoestima. A autora aponta ainda que esse diagnóstico revela outro ponto importante: o fato de ser negro/a e morador/a do bairro Maria Pinheiro dificultava o acesso ao emprego nos estabelecimentos comerciais de Itabuna, até mesmo em algumas residências, para trabalhar como empregadas domésticas. Muitas mulheres tiveram que negar ou modificar seus endereços para conseguir emprego. Após esse diagnóstico, o Encantarte começa a visualizar um quadro que, embora já fosse deduzido, faltava um registro mais preciso. A partir disso, eles começam a perceber a necessidade de enfrentamento como um grupo com caráter de movimento negro,

> *Eu sei que o Encantarte, se identifica como Movimento Negro a partir desse período da pesquisa, né?, cerca 85% dos moradores se intitulavam negro, ou moreno, pardo, por isso que a identificação do bairro com a questão do tambor, da música, da dança-afro, com o candomblé então a gente passou a ter esse caráter de movimento negro (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora em 17-01-2016).*

Diante desse contexto apresentado no diagnóstico, o grupo propõe sua primeira ação mais efetiva, para além das reuniões, visto que não se mantinha uma frequência considerável dos jovens. O então coordenador, Egnaldo França sugere que sejam realizadas oficinas de dança-afro e percussão, pois ele tinha a formação necessária para aplicá-las, e essa seria uma nova possibilidade de atrair e garantir a permanência dos jovens. França percebe que a música é uma das ferramentas atrativas aos jovens.

Como no bairro os espaços de lazer são inexistentes, a única quadra que existe é abandonada, o grupo começou a utilizar o salão da Igreja Nossa Senhora da Piedade (igreja

católica do bairro), que se constitui como um lugar de encontro para estes jovens. Com a sistematização e frequência dessas reuniões mais sujeitos foram agregando, e o que era um número reduzido, começou se expandir. Com um número considerável de crianças e jovens, e mediante aquele movimento no salão dessa igreja, surgiu então o primeiro conflito, a música afro-brasileira que agrega os jovens, desagrada a Igreja, pois o padre não aceitou que fossem tocadas as músicas que, em sua maioria, traziam a realidade e denúncia social, a exemplo das canções da Banda Olodum, do Ilê Aiyê, com a valorização do negro e a dança-afro eminentemente afro-brasileira. Em entrevista, Egnaldo França, um dos idealizadores do grupo, elabora a seguinte narrativa que:

> *[...] foi quando o padre chamou a atenção da gente. Ele não queria que a gente permanecesse ali porque não ficava bem, segundo as palavras do padre, 'não fica bem você dançar esse tipo de dança-afro e tocar esse tambor em frente à imagem de Nossa Senhora da Piedade'. [...]. Então, a gente começou a ter esse conflito ideológico dentro da igreja [...]. O padre achava que aquilo não ficava bem porque era uma dança-afro que parecia com o candomblé [...]. Essa é uma avaliação que eu faço, nunca precisou o padre vir me dizer isso. Bastou ele dizer 'não' e de forma sutil e convidar a gente a sair. Aí o padre disse que a gente não ficaria, mas dentro da igreja, a partir daquele momento deveríamos procurar outro espaço (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora em 17-01-2016).*

Esse registro evidência o conflito e a fronteira estabelecida entre o Grupo Encantarte e a Igreja Católica, cada um buscando delimitar os seus espaços de acordo com as suas crenças. Para o grupo, as danças e músicas selecionadas não tinha a intencionalidade de relacionar com o culto às religiões de matriz africana, apesar de saberem que os passos da dança-afro davam sentido a um Orixá, e também se identificava com a musicalidade, o objetivo era apenas atrair os jovens. Entretanto, para o padre aquelas demonstrações caracterizavam uma manifestação religiosa, e não representava uma conduta que correspondia ao catolicismo.

É possível percebermos o preconceito evidenciado nessa situação que aparentemente seria apenas uma diferença entre religiões. No entanto, o racismo brasileiro é por vezes muito sutil, como corrobora Munanga (2005, p.18):

> Aqui está o grande desafio da educação como estratégia na luta contra o racismo, pois não basta a lógica da razão científica que diz que biologicamente não existem raças superiores e inferiores, como não basta a moral cristã que diz que perante Deus somos todos iguais, para que as cabeças de nossos alunos possam automaticamente deixar de ser preconceituosas .

Dessa forma, notamos que o processo de aceitação desses jovens por essa igreja estava condicionado a compartilhar das mesmas práticas sociais, como a participação no coral da igreja, quando esses mesmos jovens começam um processo de "empoderamento" cultural, inserindo elementos como dança-afro e música que retratam a realidade do negro, que lhes foram historicamente negados, são então avaliados, julgados e sentenciados e passam a não ser mais aceitos e são convidados a não mais permanecerem no mesmo espaço que defende a ideia de igualdade perante Deus.

Como não poderiam usar mais o salão da Igreja, o grupo começou a desenvolver suas atividades culturais na aérea externa, em frente à Igreja, pois como o bairro não dispunha de uma praça urbanizada ou de outro local aberto adequado, o único espaço era aquele. Essa permanência foi uma demonstração de resistência, pois as condições desse novo espaço também não eram adequadas, sobretudo para dança-afro e luta da capoeira devido ao chão que não tinha calçamento, sendo de cascalho machucava suas mãos e pés, mas era a luta pela sobrevivência do grupo. Passaram então a realizar suas reuniões, ensaios e encontros no salão da Creche Irmã Margarida, situada nas adjacências da mesma igreja, após uma curta permanência, foram novamente expulsos do espaço.

Essa ausência de espaços públicos adequados às práticas culturais populares evidenciam as condições precárias que essa comunidade periférica vivencia, assim como essa não aceitação de um grupo com práticas voltadas a cultura afro-brasileira por parte de instituições pertencentes à igreja católica, traduz o racismo secular de uma instituição eurocêntrica. A autora Lopes (2005), no livro **Racismo, Preconceito e Discriminação**, faz uma proposta aos educadores. Na realidade da escola aqui apresentada, o movimento foi inverso, o Grupo Encantarte extrapolou "as fronteiras da sala de aula", rompeu os paradigmas e fez um convite a escola para aprender com a comunidade.

> O esforço a ser desenvolvido, a partir desta proposta que aqui fazemos, deve extrapolar as fronteiras da sala de aula, derramar-se por sobre a escola e atingir a comunidade em torno dela, permitindo a todos os envolvidos novos comportamentos compatíveis com a conquista da cidadania numa sociedade verdadeiramente democrática (LOPES, 2005, p. 188).

Ainda sem sede própria, os ensaios continuaram e o trabalho se fortaleceu. No ano de 2002, o grupo então participa como bloco afro no carnaval de Itabuna, com o apoio da Associação Cultural Boca de Lata, de Ituberá, e do Bloco Dilazenze, de Ilhéus. Uma

alternativa para driblar as dificuldades pela falta de espaço foi utilizar uma sala da escola municipal para guardar os instrumentos.

Com a aplicação do **Diagnóstico Geral da Comunidade** do Bairro Maria Pinheiro, também foi possível identificar que nenhum morador havia tido acesso ao ensino superior. Essa falta de acesso à educação formal novamente traduz a violência estrutural que a comunidade foi vítima durante tanto tempo, e materializa a denúncia dos movimentos negros, contrariando o argumento de que todos têm os mesmos direitos e condições. Os jovens daquela comunidade não estavam nas universidades por falta de competência, mas sim pela ausência de políticas públicas efetivas de acesso e permanência ao ensino superior.

Com a consolidação de um trabalho de arte e dança-afro, tornou-se necessário a busca por parcerias. Primeiro, com o grupo Ação Negra, que tinha como objetivo combater o racismo, e logo em seguida com o Movimento Negro Unificado (MNU). Por meio dessas parcerias as ações do Encantarte conseguem ganhar espaço na mídia, agora não mais como uma ação violenta do bairro, mas como uma ação educativa. Assim, o Diário do Sul (SANTOS, 2005) publica:

> Contando com 75 por cento de afro-descendentes, o Encantarte assume ter um caráter de movimento negro, atuando na defesa da comunidade numa luta pela consciência negra com educação e arte. Trata-se de um trabalho sem fins lucrativos, que visa sobretudo o resgate de uma auto-estima perdida por problemas de cunho social (DIARIO DO SUL, 2005, p. 05).

Aqui começamos a perceber a mídia dando outra conotação ao grupo, como uma forma de positivar as atividades desenvolvidas por eles, o que provoca maior adesão, e também contribui para a credibilidade e ampliação das ações. O Encantarte ultrapassa as barreiras e passa a desenvolver projetos como: Curso Pré-universitário para Afrodescendentes (PREAFRO)[10] trazendo para a comunidade a parceria de estudantes universitários para serem professores, sem custo para os moradores; Projeto Universidade e Movimento Social, que possibilitou o diálogo entre o grupo e a Universidade da região, Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC); Teatro Popular, onde as peças retratavam a realidade dos jovens com temas variáveis, desde a gravidez na adolescência, discriminação, racismo, entre outros, essa atividade teatral trouxe para o grupo um intercâmbio com a

[10] Curso Pré- universitário, para afrodescendentes desenvolvido pelo Encantarte, que surgiu entre os anos 2003 e 2004, em parceria com o Movimento Negro e a sociedade civil organizada de Itabuna. Atualmente conta com professores voluntários.

Suécia, com o espetáculo teatral *SOU EU*, onde eles puderam divulgar em outro país sua arte, ficando conhecido internacionalmente.

Concomitante com as atividades do cursinho, o grupo desenvolve atividades de divulgação e conscientização política sobre a cultura afro-brasileira, na tentativa de minimizar diversas dificuldades enfrentadas por eles, principalmente no que diz respeito ao autoconhecimento dos moradores desta comunidade, como cidadãos negros e sujeitos de direitos. Suas ações são norteadas pela valorização de símbolos da cultura afro-brasileira, e pelo desejo de promover a cidadania das pessoas que compunham esta comunidade, oferecendo aulas gratuitas de dança-afro, percussão, teatro e capoeira, entre outras. Podemos afirmar que este grupo se propõe a contribuir para uma educação antirracista que traz benefícios para negros e toda população como afirma Munanga (2005, p. 16):

> O resgate da memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional.

Numa breve retrospectiva um grupo que nasce da iniciativa popular enfrenta dificuldades estruturais, e consegue materializar suas diferentes ações por meio de apresentações culturais realizadas no decorrer do ano, com atividades como: participação em festas de largo (carnaval antecipado da cidade, em especial na tradicional festa: Lavagem do Beco do Fuxico), apresentações teatrais no Centro de Cultura Adonias Filho, apresentações nas escolas das redes municipal, estadual e privada em Itabuna. Participaram da elaboração da proposta de Diretrizes Étnico-raciais a ser aplicada em todas as unidades escolares em 2004, compondo a equipe intitulada Comissão Mista. Isso demonstra a contribuição significativa do grupo no que diz respeito ao trabalho voltado para as relações raciais.

2.3.1 O Encantarte "extrapolou as fronteiras" da escola

O Encantarte como movimento negro expande suas ações a partir de um conhecimento mais profundo da realidade da sua comunidade, e de discussões em torno de temas como desigualdade racial e social, cidadania, identidade, cultura, preconceito e consciência racial, dentre outros. Durante sua formação, os integrantes do grupo buscam parcerias do poder público municipal, o que contribui para construção da Escola Dom Ceslau Stanula, em homenagem ao Bispo Ceslau, que teve forte influência no bairro. Porém, anos depois, o nome da escola é modificado em atendimento à Lei Federal nº Lei nº 6.454, de 24 de outubro de 1977[11] que proíbe o nome de pessoas vivas em qualquer bem público, passando assim a ser chamada Escola Municipal Margarida Pereira, espaço sede do grupo.

A parceria entre o Encantarte foi estabelecida, e o grupo pode então utilizar o espaço físico dessa escola pública municipal. Também começam a participar e contribuir no cotidiano da escola. Além disso, desenvolvem há anos junto com o corpo docente e discente, ações de valorização e fortalecimento da cultura afro-brasileira no currículo escolar, minimizando assim, o imaginário e as práticas distorcidas de homogeneização, formação de professores e/ou mesmo o desenvolvimento de projetos pontuais voltados à diversidade, o que proporcionou uma leitura a respeito do pertencimento identitário.

O Encantarte começa a atuar diretamente no pedagógico da escola e contribui com a efetivação da Lei 10.639/03. O que antes era apenas um momento de encontro entre os jovens para debater os problemas sociais e conhecer um pouco da cultura africana e afro-brasileira, se torna espaços de aproximação entre o grupo e a escola. Em entrevista Egnaldo fala a respeito da importância da Lei no desenvolvimento das atividades na escola e as suas limitações na sua aplicabilidade:

> *[...] a Lei 10.639-03 ajudou muito a gente a se inserir dentro das escolas, porque hoje a gente não tá só dentro da escola do Maria Pinheiro, tudo quanto é escola tem vontade de ter o Encantarte, o problema é que chama a gente pra fazer apresentações culturais e artísticas, mas, a gente não quer só isso, quer discutir como é que o menino negro, a menina negra tá sendo tratados dentro da escola, como é que o conteúdo pedagógico e programático do professor tá sendo tratado na escola, como é que a Lei 11.645 tá sendo trabalhado, é isso que a gente quer (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

---

[11] Mesmo a Lei antecedendo a inauguração da escola, ocorreu esse equívoco em nomeá-la com um nome de uma pessoa em vida, porém essa situação foi corrigida alguns anos após a homenagem.

Então, esse trabalho que era realizado com o intuito de reunir jovens, começa a ganhar forma, pois se torna algo legitimado pela própria unidade escolar, por ser uma Lei, e ter sido paralelamente criado pela Secretaria Municipal de Educação uma Assessoria da Diversidade Étnico-Racial, responsável por validar ações como as do grupo nas escolas municipais.

A Lei 10.639/03 traz contribuições importantes para a reflexão e para o desenvolvimento de atividades que pudessem proporcionar esse reconhecimento, sem dar ênfase à cultura eurocêntrica, onde o "ser negro", se configura como algo pejorativo, principalmente no espaço escolar, onde encontraremos esses estudantes, bem como o trabalho desenvolvido pelo Encantarte, pois a escola sempre foi um espaço que também difunde preconceitos e discriminação racial, sendo utilizada por uma elite política e econômica para distorcer e negar conhecimentos e valores da história e cultura negra.

Nesse sentido, provocar a diversidade cultural no ambiente escolar implica em desenvolver experiências de reconhecimento e fortalecimento dos saberes da África e de suas contribuições para a constituição das identidades brasileiras, para além dos aspectos culturais tradicionalmente folclorizados na escola (Munanga, 2005). A efetiva implantação da lei 10.639/03 só é possível quando há mobilização e articulação social de todos os integrantes da comunidade escolar – pais, alunos, funcionários docentes e não docentes – para pensar coletivamente o Projeto Político Pedagógico. A inserção desses conhecimentos no currículo escolar traduz uma concepção de educação que privilegia as construções e deslocamentos identitários de nossa sociedade:

> Há uma nova sensibilidade nas escolas públicas, sobretudo, para a diversidade e suas múltiplas dimensões na vida dos sujeitos. Sensibilidade que vem se traduzindo em ações pedagógicas de transformação do sistema educacional em um inclusivo, democrático e aberto a diversidade (GOMES, 2002, p. 27).

Nessa perspectiva, é fácil entender porque o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira incide sobre noções e práticas de pertencimento étnico e identitário, e de como uma proposta pedagógica pensada para a diversidade contribui no conhecimento, na aceitação e no fortalecimento da cultura negra.

A ação do Grupo Encantarte na Escola Municipal Margarida Pereira, aparece como uma experiência exitosa, pois eles desenvolvem atividades culturais, com um cunho social e educativo, apesar de todos os conflitos em relação à necessidade de estabelecer entre as ações do grupo e o pedagógico da escola uma real aproximação, como narra Egnaldo França:

> *[...] uma situação meio controvérsia estando dentro da escola, e parece que não existe hoje, apesar de que tentamos construir com a Professora Vileide Pacheco o Projeto Político Pedagógico e colocar o Encantarte como uma proposta pedagógica na escola, mas porque que não entrou ainda? Porque não é um projeto da Secretaria de Educação, não é um projeto pensado por professores e coordenação pedagógica na escola. É um projeto da comunidade que quer se inserir e tá se inserindo de forma abrupta dentro da escola, e está lá, mas como é que a gente usa o espaço? Tem essa troca onde os estudantes da escola fazem parte do Encantarte, mas os nossos instrumentos de percussão tá guardado dentro de um banheiro. É dessa forma que a gente tá sendo tratado dentro da escola. Não é nem uma metáfora, é uma realidade. Nós estamos dentro do banheiro da escola, é nossa sala de reunião. Então até a escola entender a verdadeira intenção do Encantarte, o que a gente pretende dentro daquela escola, e da comunidade... Quando a escola entender isso aí, a gente vai voltar a fazer parte do PPP das escolas, aí a gente vai fazer parte das organizações pedagógicas, a gente vai deixar de ser chamado pra reuniões só pra apresentar dança-afro e percussão, e a gente também passa a trabalhar o Projeto Político Pedagógico na Escola (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora ,2016).*

Esse relato do participante da pesquisa aparece como um desabafo e, principalmente, como uma angústia no sentido de se validar um projeto que nasce da comunidade para a escola. Inicialmente, a proposta era de se firmar uma parceria com a escola, para além de ceder o espaço físico, deveria se articular as ações do grupo ao Projeto Político Pedagógico e as práticas pedagógicas cotidianas, e não mais em momentos pontuais que seguiam um calendário escolar, onde o grupo participa como uma folclorização do trabalho para as elações raciais. Dessa forma, ocorreu durante alguns anos devido a implantação da Lei 10.639/03, da parceria da Equipe Gestora e da Secretaria de Educação, ainda assim hoje se encontra com algumas dificuldades para a realização desse trabalho, como podemos perceber na narrativa de Egnaldo, porém as atividades do grupo continuam resistindo e mesmo com todos os impasses eles permanecem na escola.

A proposta é de garantir a valorização e o fortalecimento da cultura afro-brasileira no currículo escolar, minimizando assim o imaginário e as práticas distorcidas de homogeneização, bem como proporcionar uma leitura a respeito do pertencimento identitário. Diante dessa experiência da tentativa de se firmar e fortalecer a Lei 10.639/03 nessa escola podemos perceber que ao contrário do proposto na Lei, essa é uma realidade ainda um pouco distante, pois mesmo considerando todos os avanços que trouxeram para a educação por meio da discussão das questões étnicas sem “rótulos” para o cotidiano escolar, a formação de professores e os inúmeros materiais publicados que tratam sobre a temática, ainda não

vivenciamos o reconhecimento do pedagógico das escolas a respeito da necessidade de conhecermos e autoafirmamos a nossa identidade.

Temos ainda ações pontuais realizadas apenas para cumprir um calendário comemorativo, como critica Munanga (2006), ao questionar o lugar do negro e sua contribuição para a formação da sociedade brasileira, explicando que a cultura negra no Brasil tem suas raízes na ideologia do branqueamento, que há anos vem permeando o imaginário e as ações dos sujeitos. O autor destaca que só através do reconhecimento de nossas particularidades - Quem somos? Onde vivemos? E para onde vamos? - podemos nos fortalecer enquanto integrantes e pertencentes a um grupo. A importância, para o povo brasileiro, da autodefinição como descendentes culturais e históricos de povos africanos é corroborado por Gusmão (2001, p.8):

> Ser herdeiros não nos torna culturalistas, acríticos ou conservadores, mas exige que reconheçamos que o conhecimento, como ciência, não nasce e morre dentro de um tempo determinado, senão que se alimenta do que existe antes dele e fornece alimento ao que lhe sucede, sem nunca deixar de existir como referência.

A escola sempre foi utilizada por uma classe dominante para distorcer e negar conhecimentos e valores da história e cultura negra. A efetiva implantação da Lei 10.639/03 só é possível quando há mobilização e articulação social de todos os integrantes da comunidade escolar – pais, alunos, funcionários docentes e não docentes – para pensar coletivamente o Projeto Político Pedagógico. A inserção desses conhecimentos no currículo escolar traduz uma concepção de educação que privilegia as construções e deslocamentos identitários da sociedade brasileira.

Há uma nova sensibilidade nas escolas públicas, sobretudo, para a diversidade e suas múltiplas dimensões na vida dos sujeitos. Sensibilidade que vem se traduzindo em ações pedagógicas de transformação do sistema educacional em um inclusivo, democrático e aberto à diversidade como afirma Gomes (2002, p. 33). Nessa perspectiva, podemos entender porque o estudo da história e cultura africana e afro-brasileira incide sobre noções e práticas de pertencimento étnico e identitário.

O Encantarte resiste e existe até os dias atuais, há mais de uma década contribui para a inserção de jovens na universidade, bem como para o conhecimento e apropriação da cultura africana. Suas ações são para valorizar a cultura afro-brasileira, como também discutirem os problemas sociais do bairro; são convidados também a participarem de outros eventos como

o Grito dos Excluídos, no sete de setembro, atividades na UESC, nos dias destinados à Consciência Negra, caminhadas organizadas por outros órgãos, entre outros eventos. O grupo passou a ser uma marca positiva do Bairro Maria Pinheiro, sendo inclusive motivo de orgulho entre os moradores. Atualmente, o Encantarte, realiza as seguintes ações:

- **Cursinho Pré-vestibular -** denominado PREAFRO que ocorre diariamente no Grupo Escolar Municipal Professor Everaldo Cardoso, no turno noturno, e atende cerca de 50 alunos, com professores voluntários. Essa foi a primeira ação que ganhou destaque no grupo. Com a sinalização apontada pelo Diagnóstico, e com as parcerias, eles conseguem inserir no Ensino Superior em 2002 o primeiro morador do bairro, sendo aprovado no curso de Química. Após esse momento, eles inscreveram o curso no edital da Fundação Ford e, em parceria com a Secretaria Municipal de Educação, ganham o edital. Assim, expandem a proposta e contemplam mais de três mil pessoas em diversos bairros de Itabuna. Os professores, que na sua maioria eram estudantes de licenciatura da UESC, passam a receber o pró-labore, um valor simbólico. Em 2005, finaliza a parceira com a Ford e com a prefeitura, e o cursinho volta a ser conduzido de forma voluntária. Hoje contabilizam mais de seiscentos estudantes entre universidades públicas e privadas. Muitos desses estudantes já estão com pós-graduação na modalidade de mestrado e doutorado;

- **Oficinas Culturais –** O grupo desenvolve cinco oficinas, sendo elas de capoeira, dança-afro, penteados afros, mostra de cinema e percussão. As aulas ocorrem em parceria com a Escola Municipal Margarida Pereira e com a Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC), em espaços públicos com atendimento gratuito. Os cursos são disponibilizados para todas as faixas etárias, e os educadores recebem um incentivo financeiro pelo trabalho;

- **Formação de Professores –** Em atendimento à Lei 10.639-03, o grupo realiza formação de professores, com o intuito de contribuir para a realização de atividades voltadas à cultura afro-brasileira. Com esse trabalho, o Grupo Encantarte conseguiu ser desenvolver um trabalho nas escolas municipais, e busca também essa parceria com outras unidades escolares. Segundo eles, a proposta é discutir, junto com os professores e professoras como os meninos negros e as meninas negras estão sendo tratados na escola, e de que forma são realizadas as atividades do cotidiano escolar que enunciam a cultura afro-brasileira. Eles

afirmam ainda a necessidade de serem convidados pelas escolas não apenas para as apresentações culturais, e sim para a efetivação do trabalho no currículo da escola;

- **Teatro** - desenvolve peças teatrais nas escolas municipais de Itabuna, como também na UESC, de conscientização e valorização da cultura afro-brasileira. Geralmente, são escolhidos temas que provocam reflexão a respeito da vida dos jovens. Atualmente, estão em cartaz com uma peça que apresenta a vida e obra de Mário Gusmão. Esta atividade ganha mais força em novembro, mês da Consciência Negra, mas eles conseguem agendar pautas nas unidades escolares do município durante todo o ano letivo. No ano de 2015, o Encantarte ganhou dois prêmios nessa modalidade.

- **Bloco Afro –** Anualmente eles saem na abertura do carnaval de Itabuna com o bloco Encantarte, e trazem como tema sempre uma personalidade negra brasileira. Antes dos ensaios, eles promovem estudos sobre a personagem a ser homenageada, e durante um mês ensaiam para o dia da apresentação. Em 2016, o bloco homenageou a escritora Carolina Maria de Jesus, com uma canção escrita por Egnaldo França, e com coreografia de Jaqueline Paula dos Santos. O bloco contou com a participação de homens, mulheres e crianças do bairro Maria Pinheiro, como também de bairros vizinhos e levou para avenida vestimentas feitas pelos próprios participantes, que retratavam a coleta de lixo, roupas recicladas com jornais e garrafas plásticas. Vale salientar, que todos os anos o grupo escolhe uma personalidade negra para ser homenageada, a exemplo do ator Mario Gusmão. Outro ponto importante observado nas reuniões do grupo foi o estudo feito pelos integrantes a respeito de cada personalidade a ser homenageada, uma verdadeira aula de história e de cidadania contada no espaço escolar, que abarca não só os estudantes da escola, mas toda a comunidade que participa dos ensaios.

- **Projeto Tocando em frente –** Esse projeto foi criado em 2001, proveniente também do Diagnóstico feito pelo grupo, ao identificar que a Escola Creche Irmã Margarida tinha o maior índice de reprovação do município e estava em último lugar no nível de aprovação. Criaram o projeto que desenvolvia ações de arte e educação na escola, e conseguiram fortalecer a parceria com os pais e as crianças, e um ano depois a escola foi uma das primeiras no nível de aprovação.

Todas essas ações são realizadas tanto nos espaços da Escola Municipal Margarida Pereira, como também em outras Unidades Escolares do mesmo município e em outros que por conhecerem o trabalho realizado pelo grupo, sempre convidam para participarem de apresentações culturais e de formação de professores. Porém, como é sinalizado pelos integrantes, esse trabalho precisaria de mais apoio, pois a falta de incentivo por vezes financeiro paralisa as ações, como descreve a coordenadora atual do grupo Jacqueline Paula, quando ao realizar uma oficina intitulada *Beleza Afro: Minha Aceitação* se deparou com mulheres que não aceitavam o seu cabelo, por conta de todo o trabalho que a mídia faz em relação ao conceito de beleza, e depois que fizeram esta oficina com penteados afros e também com uma roda de conversa, eles conseguiram semear naquele espaço perspectivas de autoafirmação, o que contribui para a elevação da autoestima, a coordenadora diz que:

> *Mas, elas ainda precisam de uma aceitação melhor. Eu fiquei de fazer um trabalho do Encantarte, só que como a gente não tem recurso pra passagem, fica difícil. Elas pedem aulas de dança, e pra gente seria bom, não assim pra dança, mais pra elas se aceitarem enquanto negras mesmo e se aceitar mais, pra gente seria bom (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora em 06-04-2016).*

A valorização da cultura africana e afro-brasileira, como também o trabalho com a diversidade traz benefícios para crianças negras e para toda a sociedade, que tem a possibilidade de conhecer sua história, afinal, a história africana de afro-brasileiros pertence à formação do povo brasileiro Nesse sentido, para Cavalleiro (2001) uma educação antirracista parte do pressuposto de mostrar para crianças e adolescentes referenciais positivos de identidade negra e da cultura africana[12] e apresenta algumas características para esta educação:

> Reconhece a existência do problema racial da sociedade brasileira. Busca permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar.
> Repudia qualquer atitude preconceituosa e discriminatória na sociedade e no espaço escolar e cuida para que as relações interpessoais entre adultos e crianças, negros e brancos sejam respeitosas. Não despreza a diversidade presente no ambiente escolar: utiliza para promover a igualdade, encorajando a participação de todos/as alunos/as. Ensina as crianças e aos adolescentes uma história crítica sobre os diferentes grupos que constituem a história brasileira; Busca materiais que contribuam para a eliminação do "eurocentrismo" dos currículos escolares e contemplem a diversidade racial,

[12] Entendemos cultura africana com a sua amplitude, não estamos aqui querendo minimizar a cultura africana em apenas uma ou outra, mas de todo o Continente. O Encantarte busca por meio de suas atividades trazer elementos das diversas culturas africanas.

> bem como o estudo de "assuntos negros". Pensar meios e formas de educar para o reconhecimento positivo da diversidade racial.
> Elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados (CAVALLEIRO, 2011, p.158).

Nessa perspectiva, o Encantarte busca realizar as suas atividades, apresentando e ensinando para essas crianças uma educação voltada para a conscientização política de sua história, em busca do fortalecimento da autoestima e da valorização, uma educação com intencionalidade e com planejamento.

Freire (2001) nos revela a importância dessa formação para a educação e para a sociedade, pois reflete e é reflexo das condições sociais e políticas, entre outros fatores postos pela sociedade fruto desse processo educativo. Nas palavras do autor essa concepção se apresenta:

> [...] não é a educação que forma a sociedade de uma certa maneira, mas a sociedade que, formando-se de uma certa maneira, constitui a educação de acordo com os valores que norteiam. Mas como este não é um processo mecânico, a sociedade que estrutura a educação em função dos interesses de quem tem o poder, passa a ter nela um fator fundamental para sua preservação (FREIRE, 2001, p. 175).

Assim a educação como natureza política apresenta-se como um processo de conscientização crítica da realidade de homens e mulheres, que ao tomarem posse desses conhecimentos se libertam ou começam a se libertar dessa relação de opressão imposta pelo processo civilizatório que tanto contribuiu negativamente para as práticas racistas.

Pensar no trabalho do Encantarte na perspectiva de uma educação antirracista que colabora com o fortalecimento identitário negro e busca desenvolver práticas pedagógicas voltadas para a valorização da cultura africana e afro-brasileira, tanto nos espaços formais como nos espaços informais da educação. Nessa perspectiva, Freire (2001) afirma que: libertar pessoas dessas amarras que as impossibilita de conhecerem a si mesma, é por meio desse processo educacional que elas se descobrem e descobrem o seu lugar para daí transformarem a sua condição, mesmo sabendo que "ninguém conscientiza ninguém" apenas possibilita mecanismos para, pois como somos inacabados devemos constantemente buscar esse movimento dialético entre reflexão e ação (p. 128).

A educação faz parte de todo o processo da vida e é com e por ela que começamos a superar essas "incompletudes", porém isso não significa que chegamos a completude, apenas

vamos nos formatando e aprendemos a enfrentar as contradições reveladas no espelho que reflete a configuração social e educacional.

> Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da eqüidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho se não viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo, assim, a distância entre o que fizemos e o que fazemos (FREIRE, 2000, p. 67).

É assim que o referido autor apresenta a educação como ato político e que, por isso, jamais será neutra, portanto as práticas educativas desenvolvidas pelo Grupo Encantarte possibilitam uma educação libertadora, pois está relacionada ao reconhecimento positivo, mas não ingênuo do que é ser negro nesta sociedade e nesta prática tanto os educadores que são os integrantes desta pesquisa quanto os educandos acabam nesse processo dialógico formando-os e se formando. Para tanto, Freire (2001, p. 9) alerta:

> O papel do educador não é propriamente falar ao povo sobre sua visão de mundo ou lhe impor esta visão, mas dialogar com ele sobre a sua visão e a dele. Sua tarefa não é falar, dissertar, mas, problematizar a realidade concreta do educando, problematizando-se ao mesmo tempo.

A educação como ato político apresenta uma prática educativa transformadora que ajuda as pessoas a irem à busca de transformação de sua realidade, pois tal educação procura superar a contradição histórica entre os opressores e os oprimidos, entre os beneficiados e os desfavorecidos dos bens sociais, e assim ter uma sociedade mais democrática e menos dominadora, passando pelo senso crítico que segundo Freire (2001) se torna uma das ferramentas para libertar-se da opressão. Assim, ao desenvolver oficinas educativas com um viés cultural e artístico o Encantarte busca fortalecer a sua identidade negra por meio de sua história e dos elementos trazidos para esse fortalecimento. A exemplo das oficinas de percussão ao introduzir os ritmos, os instrumentos e as suas histórias cantadas em músicas, ou mesmo nas rodas de capoeira ao apresentarem elementos de resistência por meio da luta, como também nas seleções de filmes visando discutir a respeito do papel do negro na sociedade. Essa educação como ato político, começa desde a forma dos educadores se vestirem até mesmo ao seu posicionamento em relação a essas questões, visto que, eles já começam a definir-se como uma identidade negra não acabada e pronta, mas como algo mais fortalecido.

CAPITULO 3 – "SIM, SOMOS NEGROS": NARRATIVAS DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA DOS INTEGRANTES DO ENCANTARTE

3.1 Vivências da infância no contexto familiar e escolar

> *...Mas assim foi tudo superado, eu tive uma infância maravilhosa, eu sempre converso com minha mãe, quando a gente tem tempo de conversar, com minhas filhas e minhas irmãs que eu sempre tive uma infância, que se fosse de voltar atrás, eu acho que voltaria, apesar das dificuldades, apesar de passar necessidade, minha infância foi uma infância que toda criança queria ter, como muitas brincadeiras, com brincadeira na rua, porque naquela época a gente podia brincar na rua, era bandeirinha, era bola, futebol, baleado, gude, tudo que eu podia fazer na minha infância eu fiz, eu digo pra minhas filhas que eu fui muito feliz na minha infância (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora em 06-042016).*

> *A minha família se juntou, então é uma mistura com os negros nagôs com os tupinambás de Olivença da Serra do Padeiro e nessa onda eu podia me assumir como negro ou como indígena, e eu preferir assumir minha identidade negra né, por morar na periferia, por conviver com situações, que é..., que nós negros sabemos que é tão difícil, né? Passar o que a gente passou ali no bairro de não poder sair em determinada hora da noite, com medo da violência, foi uma das coisas que mais marcou a nossa infância (EGNALDO FRANÇA – entrevista concedida a pesquisadora, -2016).*

Neste capítulo apresentamos as narrativas dos sujeitos desta pesquisa, considerando alguns elementos relevantes para abordar experiências vividas, como nos ensinam Clandinin & Connelly (2011, p.108) quando dizem que "há um processo reflexivo entre o viver, contar, reviver e recontar de uma história de vida". Essa perspectiva permite transformar os acontecimentos, as ações e as pessoas do vivido em personagens e enredos colocando esses acontecimentos ordenados no tempo, tornando-se os próprios personagens de suas vidas e dando-lhes uma história (DELORY-MOMBERGER, 2011).

Tratamos essas experiências a partir dos estudos de Josso (2010, p.48) que defende vivermos "uma infinidade de transações, de vivências, essas vivências atingem o status de experiência a partir do momento que fazemos certo trabalho reflexivo sobre o que se passou e sobre o que foi observado, percebido e sentido." Essa autora destaca três formas para elaborar experiências, quais sejam: "ter experiências", que diz respeito àquelas vivências de situações e acontecimentos que se tornaram significativos, mas sem termos provocado; já "fazer experiências" se refere às vivências de situações e acontecimentos que provocamos e o

“pensar sobre experiências” está relacionado às vivências que foram continuadamente trabalhadas para se tornarem experiências.

Para esta análise, compreendemos que os sujeitos/participantes desta pesquisa podem ser agrupados nessas três formas: tiveram vivências significativas não provocadas por eles; fizeram experiências quando como participantes do Grupo Encantarte promoveram acontecimentos/ações para o enfrentamento do racismo e fortalecimento da identidade negra, como conhecimentos da História da África e dos Afro-brasileiros, com uma abordagem antirracista, ao tempo em que pensam sobre suas experiências quando trabalham para transformar as suas vivências em experiências, num movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer, possibilitando reflexão-ação-reflexão (FREIRE, 2001).

Assim, escolhemos como elemento inicial de análise as vivências da infância no contexto familiar e escolar, por compreendermos que nessa fase as vivências são significativas e não provocadas pela criança. Esse processo encontra respaldo na abordagem de Hall (1999) sobre o processo de construção identitária está presente na vida dos sujeitos desde suas primeiras experiências, num movimento contínuo e inacabado. Em seguida, apresentaremos o processo de construção da identidade negra, a partir do momento em que esses sujeitos começam a participar do Grupo Encantarte e provocam ações antirracistas fundamentais para essa construção e depois a influência deles/delas nesse processo em outros sujeitos, neste caso dos alunos que participam das oficinas. Importante ressaltar, que essas ações dialogadas supõem a dialética e a continuidade do processo de fortalecimento identitário, por sua vez inacabado e relacional.

Ao conversarmos com os/as participantes desta pesquisa, percebemos que alguns pontos de convergência de suas narrativas estavam presentes nas suas infâncias, nos contextos familiares e nos espaços escolares. Por isso, abordamos primeiro esses elementos com o intuito de conhecer o processo de construção da identidade negra, por vezes marcada por tensões raciais [13] e pelo mito da democracia racial desde a infância.

Desse modo, a identidade do sujeito negro/negra se constitui em meio à complexidade do processo identitário em relação aos outros, entre a sua autoimagem, mas também como a sociedade impõe que ele/ela seja. Trata-se de um processo que envolve aceitação e negação, entre aquilo que se é em relação ao outro. Em se tratando da sociedade brasileira, um fator

---

[13] Gomes (2008) considera ambíguo o racismo brasileiro porque ele ocorre pela conjugação do pertencimento étnico expressos nos costumes, nas tradições e na história da população negra e também nas características inscritos no corpo, ou seja, nos fenótipos.

predominante é a cor da pele, que muitas vezes demarca os lugares de baixo prestígio social destinado a esses sujeitos. Então, aceitar-se negro é carregar consigo vários marcadores de preconceito e discriminação, dentre os quais, as características inscritas no corpo, como: cabelo, a cor pele inclusive estabelecendo "gradações de cor", socialmente, aceitos na tentativa de "branquear", como: morenos, pardos, mulatos, moreninho entre outros.

Assim, a infância desses sujeitos foi marcada por uma "consciência ingênua" do que é ser negro no Brasil, mas ao rememorarem e refletirem suas vivências e com a identidade negra fortalecida eles/elas percebem as atitudes racistas, como acontecimentos nocivos, pois todos/as narram sempre cenas de desigualdade racial e social. Tais cenas estão fortemente "ancoradas" em suas memórias e relembram a ausência de condições socioeconômicas como um fato marcante, como nos trechos a seguir:

> *... era um período que eu me lembro que quando a gente saia pra ir para escola tinha que tomar café de manhã, e o café da gente era café com farrinha e ai muitas vezes quando o café esquentava de mais aquela farinha virava uma cola, mas tinha que comer porque não tinha outra coisa (EGNALDO FRANÇA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

> *[...] a dificuldade que a gente teve, lembro que a gente morava em uma casa de herdeiros e foi no Pedro Jerônimo na rua Vila Nova e quando minha mãe resolveu comprar o terreno, a gente teve muita dificuldade mesmo, lembro que minha mãe comprou esse terreno por um preço de nada, que foi 200,00 e pra gente foi uma glória. Minha mãe fez um vão só, morava eu, minha mãe e minha três irmãs e minha tia. E dormia um bolo só, minha mãe tinha uma cama de casal que dormia minha mãe e minhas três irmãs e na cama de solteiro dormia eu e minha tia. Lembro que a nossa infância foi um pouco difícil, assim porque a gente não tinha merenda e ia pra escola por conta da merenda e misericórdia a gente comia muito fato, ainda morava com 15 pessoas. A vida ainda era mais difícil, porque além da casa ser pequeninha, só trabalhava, minha tia, mãe e meu tio (começou a chorar) (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora 2016).*

Essas três narrativas expressam o lugar social que por vezes o negro no Brasil é inserido, não se trata de perpetuar noções estereotipadas, mas de destacar a situação de desigualdade social ainda presente. Ao narrarem essas experiências e revelarem as dificuldades por conta do contexto desigual, no qual viveram as suas infâncias, descrevem as condições onde estão inseridos.

Faz-se necessário, destacar que a pobreza e a falta de condições mencionadas nas narrativas, não significa um problema específico dos entrevistados desta pesquisa, tampouco que cabe a eles superar e buscar a resolução por conta própria. Trata-se de uma abismal

desigualdade que recai com mais força sobre os negros nos mais variados indicadores sociais, sendo que "para atingir uma situação de igualdade racial completa, é necessário que os dois grupos (brancos e não brancos) se distribuam igualmente na hierarquia social e econômica" (HASENBALG; SILVA, 1988, p.140). Mesmo porque

> em qualquer indicador social que possamos isolar para uma avaliação comparativa em termos raciais, seja um indicador social pontual, contemporâneo como, por exemplo, a posse de bens duráveis, seja um indicador social disposto em um espectro histórico-temporal mais extenso, como a evolução da escolarização média do brasileiro ao longo do século XX [...]. Comparativamente, os pretos e pardos apresentam os piores índices de escolaridade, de saúde, de emprego, de remuneração salarial, de acesso à habitação digna e ao saneamento básico, além de outros itens que compõem o quadro mínimo de direitos sociais básicos e de cidadania (HASENBALG; SILVA, 1988, p. 134).

Em se tratando de Itabuna-Bahia, município onde o Grupo Encantarte foi fundado e desenvolve suas ações, esses índices não são diferentes e apresenta, aproximadamente "20% da sua população ainda vivendo em situação de pobreza extrema e 43% com renda per capita inferior a meio salário mínimo, o que representam elevados índices de indigência e pobreza" (SANTOS, 2012). Esses dados nos permite concordar que "qualquer tentativa de minimizar a permanência de antigas desigualdades sociais só pode, naturalmente, soar falsa" (IDEM, p. 59).

Ao longo desta pesquisa, estive muitas vezes no bairro Maria Pinheiro, onde o Encantarte desenvolve as suas atividades e pude visualizar a situação de pobreza explícita. Um dos espaços onde é desenvolvido o trabalho é uma rua sem calçamento, esgoto "a céu aberto", lixo espalhado, pois o serviço de coleta não ocorre diariamente, entre outros problemas estruturais. Para ter acesso tive que ir acompanhada com um dos integrantes, com orientação dele mesmo, pois não é todo mundo que pode ter acesso, por conta das situações relacionadas com o tráfico e porque não pertenço àquela comunidade.

Eram evidentes os olhares por onde passavam, essas são evidências de uma comunidade que vive refém da violência não apenas relacionada ao tráfico, mas também em relação a negação de seus direitos, pois não visualizei nenhum posto médico, a escola fisicamente está muito deteriorada e em conversa com alguns alunos eles questionaram: Como gostar de estudar em uma escola com uma estrutura física inadequada? Entretanto, em relação ao bairro o local onde fica situada a escola é considerado o mais estruturado. Mas,

esta condição social e econômica no qual os moradores vivem retrata uma parcela das comunidades periféricas da sociedade brasileira.

Esses são problemas que estavam e permanecem nesta comunidade, foram narrados por eles/elas e ainda persistem. Outras situações foram também apresentadas, como revela outra participante a respeito das dificuldades encontradas por sua mãe, para criar seus filhos: *"Minha mãe, uma mulher batalhadora, guerreira, lavadeira, até hoje ela é, daquela mulher que não leva desaforo de homem tá entendendo.* S*empre criou os outros filhos sozinha" (LILIANE SANTOS, entrevista concedida a pesquisadora, 2016.)* Esta é outra realidade vivida pelas mulheres em sua maioria de comunidade carentes, que precisam criar seus filhos sozinhas, para mantê-los tanto financeira quanto emocionalmente. Nesta narrativa, a Liliane traz a força dessa mulher que se fortalece e busca fortalecer seus filhos, e ela segue narrando: '*E eu te faço uma pergunta:* Hoje *eu não tenho necessidade e nunca sentir a ausência do pai que me fez, porque ela foi pai e mãe pra mim e sempre me apoiou (LILIANE SANTOS – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Diante destas narrativas, percebemos que apesar de apresentarem situações difíceis em suas infâncias não relembraram casos de racismo, discriminações ou agressões verbais pelo fato de serem negros e morarem em periferias. Eles apresentam vivências, porém ainda não fazem uma reflexão daqueles momentos, buscando identificar os motivos pelos quais as condições foram excludentes. Destacamos como marcante neste período as condições precárias vividas por eles/elas, quais sejam: a enchente por morarem em comunidades ribeirinhas, a luta da mulher negra para sustentar sua família e a ausência paterna. Nesse contexto, a experiência do "tornar-se negro" começa pela própria sobrevivência.

3.2 – Vivências da infância no contexto escolar

Dos/ cincos participantes, apenas uma não narra a especificidade de uma infância com carências econômicas essa participante é a mais nova em relação a idade dos demais, e narra a sua infância, como alguém que cresceu, participando das ações do Encantarte, pois ela foi aluna do grupo e hoje atua como educadora e revela boas lembranças desse período. Entretanto, apresenta a infância como sendo "boa" no momento que ela está com seus pares, as mesmas crianças do seu convívio, pois logo após vai narrar os acontecimentos vividos no contexto escolar. Assim, ela elabora a sua narrativa:

> *A infância é uma parte da minha vida que eu realmente não gosto. Só da parte da creche, porque tinha meus amiguinhos do Maria Pinheiro, os meus primos, os coleguinhas que eu brincava na rua, as mulheres que cuidavam da gente são pessoas da minha comunidade, algumas mulheres de lá da igreja, que a gente é da igreja do Maria Pinheiro e eu me sentia em casa (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora 2016).*

Esse trecho da narrativa possibilita compreender o processo de construção de identidade negra, sobretudo por revelar as primeiras relações desenvolvidas pela criança com os amigos e outras pessoas da comunidade, externas à família. Consideramos ser esse o desafio inicial, porque a criança já percebe e se relaciona com o outro, ainda que não provoque os acontecimentos, mas participa e são marcadas por eles. Nesse sentido, para Gomes (2002) a identidade não é inata. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. Trata-se de em processo gradativo de construção social, histórica e cultural que envolve muitas variáveis, onde os sujeitos se reconhecem pertencentes do grupo étnico-racial, a partir da sua cultura, história e relações constituídas com o outro.

Um trecho dessa narrativa de Tâmela cabe destaque, porque ela menciona "*as mulheres que cuidavam da gente".* Ressaltamos o gesto do cuidado como significativo para o fortalecimento identitário da criança negra, porque a identidade é forjada ao longo da trajetória de vida dos sujeitos nos mais variados espaços, pelos quais circulam. Sendo que o "espaço escolar" dentre outros ainda reproduz um modelo que reforça a ideia de uma "suposta superioridade do modelo humano branco" (CAVALLEIRO, 2011 p. 145).

Assim, o afeto demonstrado no cuidar contribui para contrariar as práticas ainda adotadas no "processo de socialização de crianças negras" que tende a imprimir significados, gerando estigmas marcantes e muitas vezes indeléveis. Esse processo do cuidar revelado por Tâmela indica uma atitude positiva por parte das "cuidadoras" e interpretamos como um tratamento acolhedor e de enfrentamento da discriminação racial que as crianças negras estão muitas vezes submetidas nas variadas instituições escolares. Talvez essa atitude se explique pelo fato dessas "cuidadoras" serem da mesma comunidade, inclusive religiosa e terem uma relação nesses outros espaços.

Após essa fase eles/elas começam a narrar suas experiências no contexto escolar. Aqui temos dois polos, primeiro de alguns que passam por essa fase sem narrar, algum tipo de preconceito vivido, mas também outra que apresenta essa fase como muito sofrimento e tensa, pois percebeu, sentiu e vivenciou o que é ser negro ou negra no Brasil, e do como a escola ainda não está preparada para lidar com esse tipo de situação o que acaba por

aprofundar o problema, pois como as crianças não são educadas a conviver com as diferenças, acabam por reproduzir seus preconceitos. Vale salientar, que apenas os homens não narram situações de discriminação e/ou racismo vividos por eles no contexto escolar, isso é mais fortemente apresentado pelas mulheres. Para exemplificar temos algumas narrativas:

> *Hoje, quando lembro da questão da escola fico muito pensativa, porque como eu gostava de brincar, não dei muita atenção para os meus estudos e ai eu, minhas primas, porque era casa de herdeiro morava todo mundo na mesma casa, minhas primas iam pra escola de manhã e eu a tarde, não queria ir à tarde e fingia que não tinha aula e acabava não indo, ai repeti seis anos a 1ª serie, quando fui pra 2ª serie já tava com 13 anos. Até, então eu não sabia nada do que era sofrer com o racismo, preconceito, com nada, porque eu estudava em uma escola da comunidade e todo mundo já me conhecia já sabia do meu jeito e tal. Assim, até os meus, vamos dizer 12 anos eu não sabia desses preconceitos, racismo que a vida traz (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Essa narrativa de Jaqueline corrobora com a de Tâmela anteriormente citada, pois o fato de conviver na mesma comunidade, onde a maioria se percebe iguais, elas conseguem passar por essa fase sem perceber os preconceitos, porque de fato parece não haver, entre eles. Também podemos considerar o fato de não se fazer uma reflexão sobre os marcadores raciais presentes em uma sociedade como a brasileira, por serem crianças e não conseguirem, talvez devido a sua imaturidade e poucos conhecimentos para perceber o porquê estão naquele contexto e o que significa ser negro no Brasil.

Assume a identidade imposta pelo grupo dominante sem questionar qual fenômeno social realmente ocorre, e porque é demarcado dessa e não de outra maneira. Na narrativa de Jaqueline ela apresenta a sua infância com o desconhecimento de preconceitos, percebendo ocorrer, apenas no espaço escolar, onde ela evidencia um desinteresse pelos estudos, acarretando uma condição de baixa escolaridade. Compreendemos esse fenômeno decorrente dos altos índices de exclusão que recaem sobre a população negra no Brasil atingida de várias formas pelo racismo sutil do sistema educacional, evidenciado, por exemplo, na maior proporção de pessoas negras não escolarizadas e pela diminuição da participação de estudantes negros no sistema de ensino (QUEIROZ, 2004).

Ainda no contexto escolar, apresentamos situações vividas pelos/as participantes desta pesquisa que revelam a falta de preparação por parte de alguns professores em lidar com o estudante negro. Neste ponto fizemos questão de trazer duas narrativas com uma considerável distância temporal, pois uma tem 35 anos (Jaqueline) e outra 21 anos (Tâmela) e

mesmo assim vivenciaram em épocas distintas práticas racistas e agressões verbais pelo fato de serem negras.

> *Lembro que a primeira escola eu saí da Congregação no Pedro Jerônimo e fui pra o Isa Brito, uma escola, que fica no bairro Banco Raso e quando cheguei lá eu era muito grande numa turma muito pequena. Aprendi a ler tarde com 12 anos... E nessa sala por eu estudar em um local, que é periferia também, mas uma periferia escondida, né? onde as pessoas pensam que são ricas, porque moram no banco raso. Então, lá vi as minhas dificuldades, porque cá no Pedro Jerônimo eu estudava com pessoas que já me conhecia, pessoas da minha cor, que na época se achavam moreninhas e eu ia no ritmo sou moreninha e tal. Mas, quando eu fui pra o Bairro Banco Raso, o Isa Brito, eu vi minhas dificuldades, porque qualquer brincadeira, eu era a neguinha, eu era a pretinha e aquilo me incomodava, não me afetou tanto, mais me incomodava..... E de lá fui pra 3ª serie no Eraldo na rede estadual e lá eu estudei no Eraldo da 3 a 6 série e quando eu fui pro Eraldo minha dificuldade foi ainda maior, porque lá na rede estadual naquela época (eu não sou muito velha não, sou um pouquinho). Naquela época estudava mais pessoas de pele clara mesmo, você contava de dedo as pessoas negras que estudavam, né, ou se fingiam de branca, porque na realidade, não eram brancas mais tinha a pele clara. E tinha uma menina que me tirava o sossego na 5ª serie, eu tinha que tá alisando, pranchando o meu cabelo, porque senão eu era tachada de neguinha do cabelo duro, passavam a mão no meu cabelo e diziam a furou, furou, furou e aquilo me irritava, me deixava nervosa, mas a gente acaba dando risada da* situação por não entender *(JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

> *...eu ganhei uma bolsa pra estudar em uma escola particular e fui fazer alfabetização na escolinha nova e tava toda empolgada. Ai, fui comecei a conhecer os colegas e por mim mesma comecei a prestar atenção que os meus colegas eram diferentes de mim (pausa) eles eram diferentes até nas suas coisas, que eles tinham, nas coisas que eles levavam pra escola, nos seus materiais, nas mochilas de marca, no jeito deles serem, conversarem. Eu era tímida na escola e sempre sentava quietinha lá, e uma menina que era também tímida não era muito de conversar, e ela sentava comigo. Nós éramos as únicas meninas negras da sala, ela tinha um problema de saúde, lembro que ela tinha uma doença, eu não sabia o nome, ela caia no chão e ficava como se tivesse tendo convulsão, e nenhum colega queria sentar perto dela, só que quando ela não tinha crise, ela era uma criança normal, como outra qualquer e eu não via nada de diferente nela. Mas, meus colegas não queriam sentar perto dela de jeito nenhum e ai só sentava eu e ela no fundo da sala. Eu sempre faço aniversário no mês da páscoa e é um período que sempre tá tendo aula, e meu pai sempre gostava de fazer meu aniversário na escola, eu odiava isso (pause) porque quando tinha aniversário as professoras faziam rodas de meninas e rodas de menino e eu nunca entrava na roda, porque as minhas coleguinhas nunca deixavam entrar na roda, porque a outra menina que era a negra da sala, faltava muito. Então, eu sobrava sozinha. Ai as meninas me empurravam pra fora da roda e eu sempre fui uma criança muito boba, não era agressiva, não falava nada, as meninas me tiravam da roda e eu simplesmente sentava na*

> *cadeira e ficava olhando pra elas (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Nessas duas narrativas, percebemos questões convergentes e precisam ser analisadas, a primeira o fato delas se deslocarem de sua comunidade para estudar em outras, tidas como comunidades não periféricas com moradores com um padrão estético e social diferentes, ou mesmo que semelhantes, o fato de não morarem na periferia o faziam sentir-se "brancos" e segundo essas práticas discriminatórias que ocorrem no contexto escolar, onde as crianças vítimas não conseguem buscar alternativas para enfrentarem essas situações. Nesse contexto, essas atitudes tendem a ser reproduzidas, porque

> *[...] a escola não está preparada pra lidar com esse tipo de situação, não tá mesmo, porque o mesmo que aconteceu comigo quando eu tinha 12 pra 13 anos aconteceu quando eu já era mãe de filho e a escola não tomou providências nenhuma. Creio que se acontecer hoje a escola não está preparada pra lidar com essa situação, não sei dizer todas, mas a escola ainda não tá preparada e acaba deixando a gente pra baixo, cabisbaixo, mas dessa vez eu falei ninguém vai me pisar (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

É importante destacar que elas não relatam nenhum tipo de intervenção feita pela escola. E, é função da escola trabalhar as questões raciais, sobretudo as que envolvem preconceito e discriminação junto com os alunos e alunas para essas atitudes deixarem de existir e possibilitar as crianças perceberem, respeitarem as diferenças e reconhecerem a construção identitária de forma positiva. Trata-se de discutir os elementos que valorizem a cultura africana e afro-brasileira, desconstruindo os estereótipos negativos apresentados durante anos, tanto nos livros didáticos, como no próprio espaço escolar.

Gomes (2002) defende que a trajetória escolar tem grande influência no processo de construção identitária negra, pois é a escola, o espaço que reforça os estereótipos e representações negativadas, sobre a estética negra e o papel do negro da sociedade. Nas narrativas dessas duas participantes o cabelo e a cor da pele são marcadores significativos da identidade negra, visto que como afirma Gomes (2002, p. 3) "ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade", ou seja: *"eu era tachada de neguinha do cabelo duro".* Sendo assim, o espaço escolar também reproduz essa lógica que inferioriza o negro, ao tempo em que valoriza o padrão de beleza branco. Nesse sentido, a afirmação da identidade negra expressada na

“aparência racial”, pode ser vista como um movimento de resistência e de enfrentamento do racismo.

Vale ressaltar outro ponto: o silenciamento no contexto escolar, apresentado por Figueiredo (2010) como algo danoso, pois podem influenciar negativamente no rendimento e na permanência da criança negra na escola, e o silêncio frente às agressões contribui para que essas práticas racistas permaneçam nesse espaço, e muitas vezes essas crianças se sentem sozinhas, sem orientação para se posicionarem. Podemos identificar essa situação nas narrativas a seguir:

> *[...]uma colega minha colocou no quadro que eu tinha mal cheiro no subaco, e aquilo foi minha derrota, porque desisti da escola, não quis mais estudar, mentia pra minha mãe e saia dizendo que ia pra escola e ficava na casa de minha prima. Ai quando dava o horário deu voltar pra casa eu voltava alegre e sorridente dizendo que tinha estudado e quando chegou no fim do ano perdi, mas eu já tava ficando de maior, me sentindo dona de mim, então, isso tirou um peso da consciência de contar pra minha mãe que eu não tava estudando e fiquei um bom tempo sem estudar, tipo eu me matriculava e quando chegava no 3º mês de estudo eu desistia (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

> *Eu comecei a dizer a meu pai que eu queria sair daquela escola, só que ele passava a maioria do tempo da minha infância mais fora do que em casa e ele me perguntava, porque eu queria sair da escola, se a creche tava pagando pra eu estudar lá, só que eu nunca disse a ele o que acontecia... E ai quando cheguei na 3ª série eu perdi de ano, porque eu não fazia nada e fui expulsa da escola, meu pai não sabe, mas foi a minha maior felicidade, perder naquele ano (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

São duas gerações com o mesmo problema, o que nos leva a questionar: o que as práticas educativas estão fazendo para minimizar o racismo nas escolas? E em quantas mais gerações teremos que passar para esse tipo de narrativa não mais ocorrer?

A realidade evidenciada nas narrativas reflete a atualidade, pois crianças negras, ainda são diariamente agredidas verbalmente nas escolas, com atribuições ofensivas que desqualificam a sua identidade e o seu pertencimento racial. Vale destacar, que não buscar desconstruir preconceitos, supõe manter práticas discriminatórias que ainda fazem parte de uma construção social racista. Em muitos casos, crianças e adultos acabam por reproduzir essas práticas sem refletir sobre o seu significado, e a escola não reconhece a existência dos conflitos raciais, tampouco repudia as atitudes preconceituosas e discriminatórias na sociedade e no espaço escolar e o mais grave não cuida para que as relações entre negros e

brancos sejam respeitosas. (CAVALLEIRO, 2011). Segundo Gomes (2002), essas práticas na infância marcam as histórias das crianças negras e são

> talvez, as primeiras experiências públicas de rejeição do corpo vividas na infância e adolescência. A escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre branco (p. 45).

A autora mostra quanto é difícil ser negro e negra em uma sociedade que elege não ingenuamente um padrão de estética que classifica as pessoas por sua cor de pele e textura do cabelo e principalmente reproduz durante séculos um padrão de beleza. Ser negro/negra entre brancos é também uma experiência conflituosa, portanto cabe à escola, como recomenda a educação antirracista, "buscar permanentemente uma reflexão sobre o racismo e seus derivados no cotidiano escolar" (CAVALLEIRO, 2011, p. 158). Talvez essa reflexão tenha início com a escola buscando adotar materiais que contribuam para a eliminação do "eurocentrismo" dos currículos escolares. Nessa perspectiva, construir uma identidade negra na infância em um contexto de racismo, se torna um processo muito tenso ou como narra Jaqueline:

> *[...] a mídia diz que a gente é rebaixada mesmo, porque não é o padrão que a mídia pede, então eu entendia que aquilo não era certo, mas aquilo me deixava em uma zona de não conforto, mas me confortava porque acabava que todo mundo ria e eu entrava na brincadeira, mas eu ficava muito irritada com isso e me deixava muito triste (JAQUELINE PAULA-entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

As formas de enfrentamento utilizadas por Jaqueline, como alisar o cabelo e mesmo rir das "brincadeiras" feitas por seus colegas, demonstra que apesar de reconhecer que aquela era uma situação incômoda ao ponto de deixá-la triste, ela não possuía estratégias para se fortalecer denunciar e ou enfrentar essa situação que acabava se tornando algo "normalizado", pois como ela narra, a mídia produz e a sociedade reproduz. Segundo Gomes (2002), traz que a aparência da menina negra na fase da infância é algo comum entre seus amigos e familiares, porém ao ingressar na escola essa fase passa a ser conflituosa, pois ela se depara com outros sujeitos.

Outro ponto que devemos considerar é a presença/ausência de negros e negras em lugares de destaque, tanto na mídia como nos espaços de trabalho e sociais, na narrativa

destas participantes, elas afirmam que o fato de estarem em uma escola particular e/ou em uma escola em outro bairro, não possuíam colegas com as mesmas características físicas. Jaqueline apresenta que não é o fato de alguns colegas não possuírem os mesmo traços, e sim a questão do lugar, que estudavam e moravam, proporcionava o sentimento de embranquecimento. Nesse sentido, Gomes (2002) defende que a identidade se constrói na relação com o outro e nesta relação se transmite valores e constrói-se na representação com o mundo.

Como então fortalecer e construir uma identidade negra se não há "espelhos" para refletir a imagem dos sujeitos negros, ou mesmo como essa construção pode acontecer se esses sujeitos têm as suas imagens distorcidas nos "espelhos" construídos socialmente que insistem em difundir estereótipos negativos de quem eles/elas são? Esse é um questionamento que nos dá pistas para compreender a perspectiva de educação antirracista adotada pelo Grupo Encantarte, posto que essa metáfora do espelho significa neste texto a ausência de representação negra nos diversos espaços sociais. Sendo assim, ao considerar essa ausência o Encantarte provoca situações e acontecimentos que se tornam significativos para o fortalecimento identitário ou se não há "espelhos", eles buscam construí-los a partir de si e de outras representações distintas daquelas anteriormente legitimadas. Trata-se de um processo complexo, conflituoso e dinâmico, afinal para Gomes (2002) ser negro onde se tem muitos negros já é difícil, mas ser o único negro nesses espaços é ainda pior.

Consideramos então que o contexto escolar representou algo marcante na vida dos/das participantes desta pesquisa, ao ponto de torná-los/las outros/as sujeitos mais fortalecidos do ponto de vista identitário. A falta de práticas educativas desenvolvidas pela escola para o enfrentamento do racismo agrava ainda mais a situação, e essa fase marcada por lembranças negativas. Esperamos que o posicionamento tomado pelas escolas modifique essas práticas, para que as futuras gerações possam afirmar os seus traços raciais, sem sofrer preconceitos e especialmente sentindo-se respeitadas nas suas diferenças.

3.3 Tornar-se negro no Encantarte: identidade em construção

Quando iniciamos esta pesquisa não tínhamos como foco pensar a questão da identidade negra e sim a étnica, porém ao nos depararmos com as entrevistas, percebemos que os/as participantes utilizavam o termo "negro". Assim, também os consideramos negros/negras em

um processo de construção identitária, que por vezes apresentam dores, pois rememorar as práticas racistas vividas não é um processo tranquilo, mas hoje, eles buscam reconstruir significados e se posicionarem frente ao problema racial da sociedade brasileira e afirmarem a identidade negra do Encantarte.

Assim, nesta pesquisa concordamos com a noção de identidade construída na relação com o outro nos diversos espaços sociais. Desse modo, não se trata de um processo isolado e fixo, ao contrário, acontece por meio do diálogo durante toda a vida do sujeito, num movimento interior e exterior, em outras palavras, esse processo depende, sobretudo das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Nessa perspectiva, também acontece a construção da identidade negra, de forma gradativa, envolvendo muitas variáveis desde as primeiras relações sociais, como família, escola etc.

Esperávamos que a construção da identidade negra deles/delas, em alguns ou em vários momentos se apresentaria com as dores peculiares daqueles que sofrem o racismo, pois, tínhamos essa noção devido às leituras sobre o assunto que havíamos realizado, e sabermos que esse é um processo tenso e conflituoso presente na construção identitária negra. Porém, não tínhamos a noção de que fossem tão intensas e dolorosas e o quanto marcou a vida dessas pessoas, por isso priorizamos o termo identidade negra nesta discussão, que se encontra muito presente no cotidiano de homens e mulheres negras.

Os sofrimentos externados por pelos/as participantes fizeram-nos buscar estratégias de enfrentamento, apenas uma participante apresenta o racismo como algo externo à sua realidade, afirmando acreditar nessa prática, porém explica que não faz parte do contexto de vida, pois conviveu e convive “tranquilamente” com essas práticas, o que não deixa de ser uma forma de enfrentamento.

Uma dessas estratégias é a chegada deles/delas no Grupo Encantarte, pois por mais que naquele momento eles não visualizassem no grupo um trabalho voltado para a consciência racial, as atividades desenvolvidas pelo grupo era uma forma de “enfrentar” aquela realidade vivida pelos jovens no Bairro Maria Pinheiro. Inicialmente, eles/elas participam na tentativa de aprender algo, pois eram atividades que buscam promover naquela comunidade uma ocupação para aqueles jovens desassistidos pelas políticas públicas voltadas para a cultura, esporte, lazer etc. Para tanto, organizam diversas ações, como: dança-afro, da capoeira e do teatro, por fazer parte da prática de alguns jovens que exerciam lideranças na comunidade. Porém, mesmo nesse momento inicial eles já demonstram certa consciência racial, pois começam a discutir os problemas enfrentados por eles.

Entre esses problemas enfrentados pelo grupo está a preocupação com a estrutura física do grupo, já que não possuem uma sede própria e as questões sociais da comunidade onde estão inseridos e desenvolvem suas atividades. Portanto, em 2001, elaboraram um *Diagnóstico Geral da Comunidade* com o intuito de compreender e documentar a realidade dos moradores do Bairro Maria Pinheiro e tentar movimentar aquela comunidade para recorrer ao poder público responsável por sanar diversos problemas, como: ausência de esporte, cultura, lazer, saneamento básico, iluminação pública, dentre outros direitos negados a esses moradores.

Com a convivência com outros grupos do Movimento Negro, o Grupo Encantarte começa a ampliar e ganhar forma, então eles percebem que ao fortalecerem sua autoestima e conhecerem a sua história eles estariam contribuindo para esse processo e começam a compreender que o trabalho deveria ter como foco o fortalecimento identitário negro. O que torna possível aos participantes também essa noção de construção de identidade, pois como já vimos a identidade é algo relacional e dinâmica. Assim, mais fortalecidos, alguns deles começam a desenvolver oficinas e atuar frente às situações de racismo com o posicionamento de quem não aceita mais viver práticas racistas, pois já começam a trabalhar no processo de enfrentamento do racismo.

Em se tratando desse enfrentamento, a participação no Grupo Encantarte contribui para essa afirmação identitária, como nos mostra a seguinte narrativa de Jaqueline:

> *...voltei a estudar ai, passei para 5ª e 6ª, passei e fui pra 7ª e 8ª, parei e depois disse a partir de hoje eu não paro mais, e voltei, e fiz o ensino médio regular, só que me deparei de novo com uma situação de racismo e preconceito, só que agora eu já estava fortalecida, eu já entendia o meu lugar, o papel na sociedade, talvez não com tanta aceitação, mas eu já entendia que aquilo não era certo e a partir daquele momento ninguém nunca mais ia vim com racismo com preconceito e eu ia deixar pra lá. Aí tinha um menino na escola de 16 anos era uma turma de 20 anos e esse menino novinho, e ele resolveu tirar onda com minha cara, toda vez que eu passava ele me chamava de urubu, e eu resolvi dá uma queixa dele. Resolvi da queixa dele porque já não aceitava mais aquela situação, quando eu era adolescente, era criança, eu aceitava, porque não entendia aquelas coisas, mas quando passei a entender que a minha cor não era prejudicial a ninguém que precisava me valorizar, e quando falo me valorizar significa buscar qualquer coisa pra me defender, ai fui dar queixa. Mas, eu não dei queixa, porque quando fui na secretaria da escola na época eu estudava no Estadual, a secretaria me disse que ela não podia dá o endereço de ninguém. E chegou ao ponto da secretaria dizer pra mim, deixa isso pra lá menina, quando ele te chamar de urubu, que bom que você tá no céu voando, eu mandei ela... Posso falar um palavrão né? Mandei ela tomar no ...., entendeu né? (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Nessa narrativa de Jaqueline, podemos perceber dois pontos, o primeiro o fato dela se encontrar mais fortalecida em relação a sua identidade negra e após esse fortalecimento demonstrar consciência política e racial para buscar enfrentar esse problema. Não podemos deixar de sublinhar que as situações de racismo e preconceito sofridas por Jaqueline foram determinantes para a sua experiência com a escola, porque ela interrompeu os estudos algumas vezes até retornar e seguir estudando e novamente se deparar e tentar reagir às atitudes racistas por parte de um colega. Entretanto, essa reação não encontrou respaldo com a secretária da escola como quase sempre acontece em situações de racismo no ambiente escolar. Ela narra que esse processo de conscientização se deu no momento em que ela começou a conviver com pessoas que faziam parte de Movimentos Sociais Negros, portanto sem nenhuma intervenção da educação escolar.

Além disso, a forma como a secretária tentou silenciá-la, tratando uma atitude racista como algo natural reforça o mito da democracia racial e minimiza o racismo. Cabe ressaltar, que a atitude dessa profissional pode ser considerada muito relevante, porque esse não é um silenciamento que se limita, apenas a esse caso, inclusive Cavalleiro (2010) denuncia o silêncio escolar como sendo o mesmo que atravessa os conflitos raciais na sociedade e sustenta o preconceito e a discriminação no interior do espaço escolar, porque encontra a cumplicidade de muitos professores. Neste caso, a secretária ao minimizar e pedi que Jaqueline "deixasse pra lá" desconsiderou dois aspectos fundamentais, quais sejam, primeiro: o sofrimento gerado por ideias e atitudes racistas, logo se trata de um silêncio significativo, porque reforça o sentimento de inferioridade e contribui, sobremaneira, para a baixa autoestima na criança negra; segundo: "não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão" (FREIRE 1987, p. 78).

É importante destacar que todos/todas começam suas entrevistas apresentando-se negros e negras e ao longo de suas narrativas vão demonstrando como isso foi se constituindo, desde o próprio meio familiar, que também não deixou de prevenir os atos de racismo e o convívio com outros negros que contribuíram para o enfrentamento, sobretudo, o de se autofirmarem negros também por meio da sua estética.

No caso de Tâmela, ela traz um processo identitário negro mais fortalecido, pois tinha em sua família pessoas que a encorajavam e apresentavam referenciais negros positivos, contribuindo para o seu fortalecimento. Porém, mesmo tendo sido encorajada desde a

infância, ela sofreu e sofre problemas relacionados ao racismo e busca em sua oficina encorajar mais mulheres.

> *O que tocou em mim primeiro pra minha aceitação e afirmação pra depois eu passar para outras pessoas, primeiro antes do Encantarte, começou na minha família, porque eu e minha irmãs também gostava de pranchar o cabelo e ai quem começou chamar atenção disso pra gente, foi o nosso pai: Porque vocês gostam tanto de pranchar o cabelo? Ai ele começou a fazer a gente refletir sobre várias coisas. Vocês que querem ser atriz , você se vê como tal artista da televisão? E as atrizes negras você se parece com tal atriz? E isso me gerou reflexão. E isso me chamando atenção, esse trabalho de reflexão com músicas que eu fiz com as mulheres do CSU[14] ele fez com a gente e também pelo fato da gente escutar desde criança e isso é algo que me toca, porque eu também já passei por vários tipos de discriminação inclusive na infância. Porque eu sempre, desde mais nova prestava atenção que na escola não fala sobre essas coisas, não fala sobre a nossa identidade negra, sobre a nossa história, nossos antepassados e tal e ai eu tive essa ideia (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Essa compreensão de Tâmela está estritamente ligada a sua formação familiar, que traz para dentro das conversas em casa o debate sobre o racismo e a importância desta aceitação, isso se torna importante, pois mesmo com o "bombardeio" midiático ditando a moda e a estética, ela consegue se fortalecer o que não garante a ela tornar-se encime diante de situações de racismo e discriminação, porém permite a ela um enfrentamento mais consciente. Por isso é importante fortalecer a criança negra fazendo com que ela compreenda a sua história, a sua beleza e a contribuição do negro para a sociedade brasileira, mostrar personalidades negras de destaque, que conseguiram se firmar politicamente, para servir de referencial positivo, trazem histórias de superação e de resistência, contribui para esse fortalecimento.

Porém, nem sempre esse processo de fortalecimento da identidade negra ocorre dentro do contexto familiar, ele pode se dá em outros espaços e também possibilitar essa reflexão/ação/reflexão, por isso a importância do outro na construção identitária, pois essa relação dinâmica e dialógica movimenta o sujeito a pensar sobre quem ele é em relação ao outro. Consequentemente, trazer para a sua identidade elementos que irá se constituir, pode agregar positivamente, como também dependendo da forma que for apresentado trazer posicionamentos negativados.

---

[14] Centro Social Urbano – um espaço público onde o Encantarte, também desenvolve as oficinas.

3.4 As atividades do Encantarte: construção identitária negra e a educação antirracista

> *...Ai, fiquei mais um ano com esse cabelo relaxado, só que eu me sentia mal, por que eu tava no projeto que fala sobre a consciência negra, que fala sobre o se aceitar, não que como o meu cabelo relaxado eu não me aceitava como negra, não é isso, mas eu precisava me aceitar por inteiro. E eu ficava me perguntando: Porque eu não me aceitava? Porque eu não aceitava o meu cabelo, se eu tava participando de um projeto que falava tanto sobre o me aceitar? e eu não me aceitava por completo, e ai um dia eu falei assim, vou parar de relaxar o meu cabelo, e ai eu parei (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Esse fragmento da narrativa de Jaqueline revela fortes indícios do seu processo de construção de identidade, a partir da aceitação da transformação do cabelo, ou seja, apesar dela ter consciência da sua cor, ainda tinha dificuldades em se "aceitar por inteiro", afinal o cabelo é uma das marcas mais significativas da estética negra. (GOMES, 2002). Consideramos, se tratar de um movimento reflexivo-dialético que envolve a desconstrução e reconstrução da própria imagem construída e assumida socialmente por cada pessoa. Assim, a identidade vai sendo construída entre indivíduos e sociedade ou como afirma Hall (2006, p.21) a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida". Portanto, Jaqueline também foi interpelada, porque "*tava no projeto que fala sobre a consciência negra, que fala sobre o se aceitar"* e assim ao se identificar com grupo pode afirmar a sua identidade negra *ou "vou parar de relaxar o meu cabelo, e ai eu parei".*

Percebe-se nessa narrativa o quanto esse processo de aceitação é conflituoso, o fato dela narrar esses questionamentos e essa angústia em aceitar-se ou não negra, pode está relacionada a forma de como a sociedade impõem uma estética e também de quais referenciais ela possuía. Vejam que ela menciona que não via o fato de alisar o cabelo como uma negação da cor, porém ela percebia que não se aceitava por completo, e é essa autoaceitação que o grupo tenta promover. Isso se torna uma tentativa, porque não se pode modificar a identidade do outro, apenas contribuir para mudança, aceitação, ou agregar ou desconstruir padrões. Portanto, esse processo dialógico entre "eu" o "outro", "eu" "comigo" se torna fundamental para a construção da identidade e a partir do momento que se relaciona buscando outros referenciais pode compor e trazer mais elementos.

Nesse sentido, foi proposto nesta pesquisa compreender como se dá o processo de construção identitária negra dos cinco integrantes do Grupo Encantarte. Esses/essas jovens negros e negras desenvolvem atividades culturais educativas no formato de oficinas tanto na Comunidade do Bairro Maria Pinheiro como em outros bairros do Município de Itabuna. Partimos da perspectiva de que ao desenvolverem essas atividades eles/elas trazem elementos que compõem a sua identidade negra, pois cada um/uma buscou realizar uma oficina específica de acordo com as suas afinidades e possuem conhecimentos advindos das próprias experiências. Vale salientar, que todas as oficinas têm como perspectiva um trabalho voltado para a cultura africana e afro-brasileira, até porque a maioria dos moradores do Maria Pinheiro é negra.

Assim, o Encantarte promove uma educação antirracista, envolvendo cinco oficinas com o objetivo conhecer a cultura africana e afro-brasileira e por meio dela promover a participação de jovens em atividades culturais, que são: teatro, dança, cinema, estética negra e percussão, contribuindo com o fortalecimento da autoestima desses jovens e também com o pertencimento racial. Esse trabalho é realizado durante todo ano, com dias e horários específicos e atende públicos variados que vão desde crianças até adultos e idosos. Ocorrem sempre em espaços públicos (escolas, centros culturais, etc) e eles/elas. Atualmente, recebem uma contribuição financeira pela Fundação Itabunense de Cultura e Cidadania (FICC) devido a uma seleção realizada por esta instituição.

> *Dai eu já escrevia música, quando eu tava no grupo de jovens na Pastoral da Juventude, mas com o Encantarte que a gente passa a escrever música mesmo, falando sobre a situação da comunidade, sobre autoestima, sobre beleza negra. Então, assim, eu aprendi a ser músico convivendo com pessoas artistas, eu sempre andei rodeado de artistas e aprendi a escrever. Os poemas que eu escrevia, a gente só escrevia poemas que falava da nossa realidade. Então, a história do Encantarte ela gira muito em torno de música, poesia, dança, então todas as coisas que a gente produz acaba tendo muita poesia, música e percussão, porque a construção do projeto se dá dessa forma (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora em 17-01-2016).*

Para compreender quais elementos compõem a identidade negra dos integrantes do grupo, buscamos analisar as suas narrativas e também acompanhar as oficinas desenvolvidas por eles/elas, pois entendemos identidade como algo relacional, assim como descreve Hall (2001, p.11,) a identidade é formada na “interação” entre o “eu” e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas esse é formado e modificado

num diálogo contínuo com os mundos culturais "exteriores" e as identidades que esses mundos oferecem.

Desta forma, sendo identidade algo relacional, que não ocorre no isolamento, precisamos dessa interação com o outro e com a sociedade, para nos constituir. Ao realizar as oficinas eles/elas compõem e trazem elementos dos seus/suas alunos/alunas[15] para a sua própria construção identitária e esse movimento dialético também ocorre no processo de construção identitária dos/das alunos/alunas para com os integrantes do grupo. Portanto, Gomes (2002) afirma que a identidade é:

> negociada durante toda a vida dos sujeitos e ocorre, por meio do diálogo parcialmente exterior, parcialmente interior, com os outros. Tanto a identidade pessoal quanto a identidade socialmente derivada são formadas em diálogo aberto e dependem, de maneira vital, das relações dialógicas estabelecidas com os outros. Esse é um movimento pelo qual passa todo e qualquer processo identitário e, por isso, diz respeito, também, à construção da identidade negra (p. 02).

Assim, podemos pensar que ações desenvolvidas por eles/elas traz uma relevância na construção identitária deles/delas e também de seus alunos/alunas, pois ela se constitui nesse processo dialógico, entre o "eu" e o "outro" como foi apresentado na narrativa feita acima por Jaqueline ao demonstrar os conflitos vividos por ela em relação a aceitação e/ou não do seu cabelo. Compreendemos que o fato dela ser um referencial requer também uma postura diferente, que a leva a se questionar enquanto sujeito atuante na formação de outros sujeitos, numa perspectiva antirracista e arraigada em suas experiências, portanto possui como menciona Hall (1999) múltiplas identidades, por vezes contraditórias que atuam, se cruzam e se deslocam na sociedade e psicologicamente, ou seja, "dentro da cabeça" dos sujeitos.

Como aponta Gomes (2002) e Munanga (2009) o corpo e o cabelo são significativos para o processo de construção de identidade negra, no sentido de representar o que vemos no espelho e como lidamos com isso frente a esta sociedade que apresenta algo contrário do que vemos. Nesse sentido, de acordo com a textura do cabelo e a cor da pele o sujeito pode ser classificado como branco negro ou indígena, se quisermos adotar uma concepção que traz como marcador a raça, a cor e a etnia. Esse pensamento nos permite destacar a narrativa de Jacqueline quando ela afirma: *Hoje eu sou Jacqueline, eu sou a negona, eu, não me aceitava*

---

[15] Utilizamos o termo aluno, porque esse é o termo utilizado por eles/elas ao se referi aos participantes das oficinas, como o sujeito que nessa relação de ensino e aprendizagem participa desse processo e não aquele que está em uma educação bancária como nos apresenta Freire (2000).

ainda não meu cabelo duro, então eu alisava, até por tudo que eu vivi no passado. Eu não podia mudar a minha pele, mais eu podia alisar o meu cabelo (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).

Narrativa reveladora para compreendermos o processo de consciência política e a concepção da identidade negra afirmada, porque como nos aponta Hall (2001) apesar da identidade ser relacional existem núcleos identitários que se relacionam e também permanecem. Portanto, essa afirmação de pertencimento desta participante a diante do seu passado e de como ela se via e agora se vê, por isso ela traz o advérbio de temporalidade, firmando que "*Hoje eu sou Jacqueline, eu sou a negona"* ou ela já se percebe e se identifica como negra. Nessa perspectiva, o corpo significa também a sede para essa construção identitária, assim uma pessoa negra vivencia essa aceitação/rejeição, pois carrega em seu corpo marcas que evidenciam seu pertencimento racial e também a partir delas o preconceito se manifesta. Desse modo, Jaqueline se encontrou numa espécie de encruzilhada na tentativa de minimizar o preconceito racial ou já que "*não podia mudar a minha pele, podia alisar o meu cabelo",* esse esforço dá pistas para considerarmos a negação da identidade negra, afinal para Munanga (2006) a ideologia do branqueamento exerce uma forte pressão psicológica sobre os negros que foram/são forçados a alienar a sua identidade transformando-se física e culturalmente em brancos.

Portanto, é importante que crianças e jovens tenham de acordo com Cavalleiro (2010) o referencial positivo, que às vezes não está presente no contexto escolar. Assim, o Grupo Encantarte busca trazer elementos da cultura africana e afro-brasileira, bem como a afirmação da estética negra positiva para o cotidiano, realizando assim o que a autora chama de uma educação antirracista.

É compreensível essa dificuldade de Jaqueline em aceitar a estética do seu cabelo, pois isso é fruto de uma sociedade e também de uma educação que enfatiza um estereótipo de beleza branca/europeia predominante nos meios de comunicação, o que causa prejuízos ao fortalecimento identitário negro. Vale enfatizar, que nos espaços de convivência social, e em especial no contexto escolar se vivencia essa depreciação ou se não se vê contemplado nos murais, nas apresentações, no espaço escolar. Essa ausência e ou baixa representatividade tende a reforçar o desejo de pertencer ao grupo branco e uma das formas possíveis de aproximação é o alisamento do cabelo. Para Cavalleiro (2010, p. 152):

> Falas negativas e preconceituosas a respeito da cultura, da família e do grupo racial negro podem comprometer o desenvolvimento das crianças e

> dos adolescentes negros contribuindo com um terreno fértil para a instalação de um sentimento de inferioridade e fragilização da auto-estima.

A educação antirracista desenvolvida pelo Grupo Encantarte não ocorre em um espaço formal de educação, como é proposta por Cavalleiro (2010) ela ocorre porque identificamos elementos que podem ser caracterizados como educação antirracista, presentes desde a preparação das oficinas, na execução das atividades e principalmente do cotidiano desses sujeitos.

Para tanto, a educação desenvolvida por eles ocorre nas perspectivas das diversas e diferentes formas consideradas por Gomes (2002) assim a educação é um processo constituinte da nossa humanização sendo realizadas nas famílias, na comunidade, no trabalho, nos movimentos sociais, na escola, entre outros. Nesses espaços são compartilhados saberes escolares, valores, crenças, etc., evidenciados durante os acompanhamentos que fizemos das atividades do grupo e percebemos a preparação, condução e os elementos trazidos para realização das atividades, seguem sempre uma valorização da cultura africana e afrobrasileira, enfatizando referenciais positivos, como personalidades negras que se destacaram e se destacam a exemplo de Carolina Maria de Jesus, Munanga, entre outros. Para Freire (1996, p. 98) a educação é:

> Uma forma de intervenção no mundo, que além do conhecimento dos conteúdos bem ou mal ensinados e/ou aprendidos implica tanto o esforço de *reprodução* da ideologia dominante quanto o seu *desmascaramento.* Dialética e contraditória, não poderia ser a educação só uma ou só outra dessas coisas. Nem apenas *reprodutora* nem apenas *desmascarada* da ideologia dominante.

O cuidado em estudar as personalidades negras constitui uma forma de *desmascaramento* da ideologia dominante, pois ao apresentar a história de vida dessas pessoas e também mostrar o porquê da importância de conhecê-las, significa apresentar uma valorização, por vezes, não realizada na escola, ou acontece apenas em momentos estanques ou em datas específicas, no caso do Grupo Encantarte, eles fazem ações antirracistas durante o ano todo.

Entre as atividades que acompanhamos, cabe destacar como muito significativos os ensaios para o bloco afro que se apresenta sempre no carnaval do município e também em outros, que teve como tema a escritora Carolina Maria de Jesus[16]. Como pesquisadora tive a

---

[16] Carolina Maria de Jesus nasceu em 1914, em Sacramento, interior de Minas, numa família de negros analfabetos. No raiar de 1947, aportou na Estação da Luz, em São Paulo, onde iniciaria uma

oportunidade juntamente com aqueles/aquelas alunos/alunas de conhecer e ter interesse por essa personalidade/escritora a partir do trabalho desenvolvido pelo grupo. Ter um referencial positivo de um/uma negro/negra significa se vê, se espelhar e sentir-se pertencente, pois isso possibilita:

> Aos indivíduos pertencentes ao grupo atingidos pelos preconceitos a reconquista de uma identidade positiva, dotada de amor e orgulho próprios. Nela é permanente o combate aos sentimentos de inferioridade e superioridade, visto que a palavra máxima da educação anti-racista é a igualdade entre os seres humanos (CAVALLEIRO, 2010, p. 150).

Esse tipo de atividade desenvolvido pelo grupo contribui para o fortalecimento identitário dos seus integrantes e também dos seus alunos, por isso o compromisso que eles/elas tem com o estudo e preparação de cada oficina. Esta preparação ocorre desde a escolha das músicas, da dança, dos filmes, ou mesmo do tipo de conversa que se tem em cada oficina como nos narra as participantes:

> *A gente pesquisa, todo menino que entra aqui eu boto pra pesquisar a importância da capoeira na vida dele, porque ele quer treinar capoeira, a gente trabalha a história da capoeira porque tem meninos com dificuldade em leitura, tá entendendo? Então, mando áudio, vídeo, a gente faz, eu levo eles pra apresentação, agora mesmo o "Viv-à-rte" traz cine, que eles vão ver história, vem educadores de outras oficinas e trazem também relatos pra eles, a coordenação do projeto também vem e traz algo que eles tem dificuldade e também passa pra eles (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

> *Eu tenho que explicar de onde aquilo começou porque a dança-afro não surgiu do nada, não caiu do céu uma estrelinha e bateu na cabeça da pessoa e a pessoa começou a dançar, então, eu não podia fazer algo de qualquer jeito, tinha um planejamento, eu fazia a pesquisa da dança, do tipo de dança-afro que tava dando, e sempre começo pela dança-afro primitiva sempre que começo a dar aula ao público novo que não conhece nada de dança, porque a partir daí é que começa a ir pra outras partes, eu ia explicando como é que começou, como é esse passo, porque esse passo dança-afro assim (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora,2016).*

---

caminhada de percalços até se tornar escritora best-seller. Sendo a obra principal o 'Quarto de Despejo" traduzido para 14 línguas em 20 países.

Assim, observamos como se constitui as oficinas, como eles pensam, planejam e projetam a preocupação em fazer um planejamento que contemple a atividade motora, mas também as informações acerca da capoeira contribuem para um currículo que muitas vezes não está presente nas escolas, e possivelmente são conhecimentos que essas crianças e jovens não teriam acesso, se não fosse por meio do trabalho realizado nas oficinas do Encantarte. Estudar capoeira é estudar história e uma história contada por uma ótica de quem pratica essa modalidade há anos, e também fez a experiência de participar das ações como aluna do Encantarte. Trata-se, portanto de uma experiência que se amplia num movimento contínuo, dialético e dialógico, porque não se encerra em um grupo de alunos com tempo determinado.

Nessa perspectiva, se torna parafraseando Freire (2000) um instrumento coletivo para buscar a libertação da opressão racial, um ato político que busca a transformação de si e da sua comunidade.

São conhecimentos que vem sendo difundidos para e com crianças, adolescentes e jovens moradores do Bairro Maria Pinheiro, por mais de uma década, de certa forma contribui para a construção identitária do grupo, pois ao se relacionar com esses conhecimentos e com essas práticas eles/elas acabam por trocarem experiências, e nesse sentido o espelho trazido por Gusmão (2010) do *eu* e do *outro* como alguém da mesma comunidade que representa um referencial positivo. A autora apresenta que a questão da identidade do **eu**, portanto, passa pelo mundo onde estou, ao qual pertenço e em que vivo. Em relação ao planejamento realizado por Tâmela para as suas aulas de dança-afro, as mulheres que participam, já trazem para ela outros referenciais de resistência como ela mesma narra, que não sabia se conseguiria desenvolver esse trabalho, pois muitas inclusive participavam de religiões evangélicas, porém como ela narra, *o passo de dança-afro não surge do nada,* ele tem um contexto e elas precisavam saber dessa história. Essa prática demonstra o compromisso do grupo em realizar as suas oficinas trazendo para os/as alunos/alunas, não apenas a ação, mas principalmente a história e com isso o resgate dessa identidade.

Outro ponto relevante nas observações é a questão hierárquica muito bem estabelecida não de quem manda mais ou menos, mas uma postura de respeito frente a alguém que naquele momento tem muito a ensinar e se tornou um referencial positivo independente da idade para aquela comunidade, pois os integrantes do grupo, com toda a sua luta e resistência tornaram-se referências e isso é perceptível no olhar admirado dos/das alunos e mesmo na forma de se vê, como nos relata a participante:

> *E assim todas as músicas que eu uso é sempre falando sobre a história da identidade negra, da cultura, do como é belo o negro e principalmente sobre a beleza negra. Porque, ,fui percebendo que as mulheres eram assim, como se elas não tivessem ânimo pra nada e ai depois que a gente começou a dança, depois que fui conquistando a confiança delas, fui trabalhando com elas a autoestima, de que forma? Eu chegava com uma música e fui dizendo presta atenção na letra dessa música e percebi que elas gostavam muito. Assim, quando elas tavam dançando, gostavam de cantar as músicas e como elas são pessoas de mais idade e conhecem essas músicas de carnaval que já passou, e são famosas até hoje eu falava presta atenção nessa música? Do que fala essa música? Isso antes de começar a dança, ai elas ficavam pensativas, mas não queriam falar, ai a gente dança-afro e se divertia e depois elas falavam, olha essa música é boa, essa música fala que o nosso cabelo é lindo que não sei o que. Ai eu pensava olha isso é bom. E a partir daí que a gente foi começando. Ai eu chegava e contava uma história pra elas de algo que aconteceu, claro que de coisas positivas que eu passava pra elas e ai eu indicava filmes, e via vídeos, a gente sempre assistia vídeos de pessoas dançando, porque eu sempre ouvia delas a gente é velha pra tá dançando mesmo elas lá. Ai, eu falava não tem outras pessoas dançando, ai pra motivar elas eu procurava vídeos e mostrava pra elas lá e pedia o datashow e passava pra elas e elas se sentiam motivadas. E outra coisa também a partir da dança-afro eu mostrava pra elas o quanto elas tinham que ter o empoderamento delas mesmas. O quanto as mulheres gostam dessa coisa de arrumar, de se cuidar, a partir da dança, eu falava pra elas, dizia hoje a gente vai dançar a dança-afro tal e fazia o planejamento. Quando tava dando a dança-afro, afro-primitiva, eu dizia olha essa dança-afro é de Iemanjá e Iemanjá dança-afro assim porque ela é muito vaidosa, ela dançaafro assim porque ela de se arrumar, porque ela gosta de arrumar os cabelos, de se olhar no espelho e tal. E ai fui percebendo que elas passaram a mudar até a forma que elas iam pra lá , elas começavam a se maquiar e se arrumar, pranchar os cabelos e ai como fui percebendo essa coisa de prancha, porque pra elas tava bonito o cabelo pranchado e eu só ia com o meu cabelo Black, só ia com o cabelo armado. Ai elas falavam, oh! seu cabelo é lindo (TÂMELA PEREIRA FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Com essa narrativa de Tâmela, podemos inferir a troca de conhecimento entre gerações distintas, como ela mesma diz são senhoras que ao participar de uma oficina de dança-afro, passavam a perceber e assim trazer para as suas vivências elementos da cultura africana, que talvez em outro espaço elas não conseguiriam ter acesso. De outro lado, Tâmela começa a estabelecer estratégias, para que ocorra essa aprendizagem e com isso desenvolver uma relação entre quem ensina e quem aprende, pois quando ela começa a se atentar para o que realmente pode dar certo em suas aulas, ela consegue envolvê-las e como educadora se sente também envolvida. Nesse processo de troca, ela vai se constituindo e como tem um

foco o trabalho com referenciais positivos, acaba por desenvolver também uma educação antirracista.

Destacamos dessa narrativa de Tâmela um elemento fundamental para o processo de construção da identidade, se trata da sensibilidade evidenciada quando ela menciona ter percebido o uso da *prancha*[17] pelas mulheres do grupo para alisar os seus cabelos. Esse é um procedimento estético comum entre muitas mulheres negras, que ainda consideram "*bonito o cabelo pranchado".* Contrariando esse processo Tâmela '*só ia com o meu cabelo black eu só ia com o cabelo arrumado"* numa demonstração de afirmação identitária, que leva as outras mulheres reconhecer beleza no seu tipo de cabelo. Esse é uma das formas de contribuir para o fortalecimento da identidade negra daquelas que costumam alisar os cabelos, podendo emergir mudanças significativas no modo como elas usam o próprio cabelo, superando a ideia "do cabelo do negro visto como ruim".

Nesse sentido, Gomes (2002, p. 3) nos fornece pistas relevantes, quando afirma: O cabelo do negro, visto como "ruim", é expressão do racismo e da desigualdade racial que recai sobre esse sujeito. Ver o cabelo do negro como "ruim" e do branco como "bom" expressa um conflito. Por isso, mudar o cabelo pode significar a tentativa do negro de sair do lugar da inferioridade ou a introjeção deste. Pode ainda representar um sentimento de autonomia, expresso nas formas ousadas e criativas de usar o cabelo. Estamos, portanto, em uma zona de tensão. É dela que emerge um padrão de beleza corporal real e um ideal. No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético.

Desse modo, a identidade negra dessas mulheres se fortalece tendo também como parâmetro a estética de uma jovem mulher negra da própria comunidade, que durante as suas ações faz uma mediação a partir da sua percepção do outro. Nesse contexto, ela atuou apresentando outras formas estéticas para o cabelo da pessoa negra, sem expressar-se

---

[17] Trata-se de uma ferramenta utilizada para alterar a estrutura do cabelo com a apoio do calor extremo. Sendo as chapinhas alisadoras podem ser comparadas ao do ferro de passar roupas, que antigamente também era usado para secar e alisar os cabelos. No entanto, vale a pena ressaltar que a tecnologia das chapinhas foi criada para os exclusivamente para alisar os cabelos crespos, e os ferros não.

verbalmente, contudo o seu gesto também pode ser considerado um elemento significativo de afirmação e fortalecimento identitário.

O mesmo processo de afirmação e fortalecimento ocorre com as narrativas de outros/outras participantes/as em atividades distintas:

> *A capoeira é importante porque trabalha tudo: a mente, o corpo, a índole, o caráter, tá entendendo? e o público maior a capoeira chama, porque se você treina, traz seu irmão, seu primo, sai contaminando um ao outro e a capoeira é inclusão, trabalha o deficiente, o síndrome de down, qualquer um. Esses dias um autista tava na roda e os meninos começaram a jogar com ele e ele parado e ai eu comecei pegar ele, balançar o braço dele, levantei a perna dele, e ele ficou rindo, logo mudou o semblante dele e a mãe dele começou a chorar, e quando eu ensinei isso pra ele corria logo pro meu pé e fazia o que eu ensinei a ele. Então, a capoeira ajuda isso e muito, por isso que eu acho que a capoeira acrescenta e deveria ser uma união, assim em questão de tudo, até pra se apresentar que é algo que eles gostam muito, porque na capoeira é que vem o Muculelê, a dança, sai tudo da capoeira, a dança-afro saiu da capoeira, o Muculelê saiu da capoeira, o samba de roda saiu da capoeira, tudo começa pela capoeira (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*
>
> *Nossas apresentações a gente começa com exibição, telão, datashow, visitando comunidades urbanas e rurais, escolas, a gente começa com essa proposta e dentro dessa proposta a gente começa a gravar alguns áudios, fazer algumas gravações com os estudantes perguntando quem é ele? se ele pudesse fazer um filme, ele faria sobre o que? Então, a gente começou a criar alguns docs., algumas curtinhas, com essas atividades de exibição e a gente começou a explorar essa ferramenta e acabamos que explorando essa ferramenta e foi uma parte dessa ideia que a gente fez esse projeto do cineclubista em parceria com a UCCBA, que é a União do Cineclubista da Bahia e toda uma galera de Itabuna, Salvador e de outros territórios da Bahia e a gente acabou construindo esse projeto, é onde a gente começa a incentivar essa pratica de exibição (*JACKSON SANTOS DE SOUZA - *entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*
>
> *Tem um jovem dentro do projeto que é o melhor percussionista que nós temos, ou que nos tivemos e a família dele é da Testemunha de Jeová e ele vai pro projeto, até hoje ele vai escondido, porque eu acho que a família dele é contra acha que esse negócio de batuque é coisa do demônio, e ele é um excelente percussionista ele é cego, ele enxerga muito pouco, ele anda na rua assim ele consegue enxergar os vultos, então por isso que ele consegue andar sozinho na rua, mas ele olhando assim pra gente ele não enxerga o nosso rosto, ele enxerga o formato da gente, mas ele não enxerga o nosso rosto, ele conhece a gente pela voz, mas é uma pessoa que tem uma sensibilidade pra percussão que eu nunca vi alguém tocar como ele (EGNALDO FRANÇA - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

> *...foi incrível porque as meninas do projeto ninguém quis mais relaxar o cabelo, a gente começou a colocar rasta, pra aguentar né? E até as pequenininhas não querem mais relaxar seus cabelos, até as meninas que saíram não quiseram relaxar mais é muito engraçado isso, e eu falava, gente quando tiver uma apresentação a gente vai tudo Black, eu falava gente vai ser muito massa. Ai, a partir do momento que a gente começa a conversar, e vê que as meninas pararam de relaxar, é sinal de o que a gente fala aqui serve pra alguma coisa. Quando a gente fala para as meninas pararem de relaxar, rola um medo, porque o cabelo cai mesmo, fica terrível, mas, você tem que ter personalidade pra conversar com eles, fazer com que eles entendam a personalidade deles, e também a formação do projeto. É claro que você não vai chegar no projeto, com as meninas todas de cabelo escovado, e dizer que a partir de agora ninguém vai mais alisar o cabelo, você vai espantar todo mundo, agora se você começa a conversar com jeitinho e mostra que você também mudou, se você é uma pessoa que dá bons exemplos vão querer te seguir, porque aqui dentro do Encantarte aconteceu dessa forma, elas começam com química e depois acabam sem alisar, e dizem: Ah tia a gente acha seu cabelo lindo e quer ter assim também, então isso é sinal de que eu tô certa, pra mim isso é gratificante (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, -2016).*

Essa educação praticada nas oficinas realizadas no Grupo Encantarte se configura como um ato político, sem neutralidades, pois demonstra uma intencionalidade em requerer de volta os conhecimentos suprimidos em uma educação escolar eurocêntrica. O trabalho realizado atualmente tem um foco bem definido de construção identitária negra. Assim, a concepção da educação antirracista adotada pelo Encantarte reconhece a "existência do problema racial da sociedade" e "elabora ações que possibilitem o fortalecimento do autoconceito de alunos e alunas pertencentes a grupos discriminados" e convive e respeita as diferenças como revelado nas narrativas: ou seja: "*a capoeira é inclusão, trabalha o deficiente, o síndrome de down"; "eu sou cristão; ele é Testemunha de Jeová"; "ele é um excelente percussionista ele é cego, enxerga muito pouco"; "a gente começou a colocar rasta".* Em outras palavras, se trata de sujeitos negros, por vezes com deficiência e que professam crenças distintas, entretanto essas diferenças não são tidas como empecilho para a interação presente nas ações do grupo.

É esta opção política percebida nas oficinas realizadas pelos/pelas integrantes do grupo Encantarte, pois é visível o quanto os/as alunos/as que participam vivem essa ação política, sem neutralidade. Outro ponto perceptível ao acompanhar as oficinas é em relação a afetividade, a forma que ocorre a relação entre os integrantes e os alunos se dá de maneira muito afetuosa, tanto que as mães das crianças concebem a eles/elas a responsabilidade da condução delas de suas casas até o espaço das oficinas, como narra Liliane:

> *Eu gosto sempre de levar todos, eu fico triste porque a dificuldade maior é que eles não têm uniforme e alguns as mães tem condições, compra uma calça e outros não, ai eles vem com short rasgado, treinam e pra mim, parte o coração, porque quando eu vou pra academia dos outros eu tenho que ir com todos uniformizados e eles vão com receio, porque quando eles olham os outros os meninos de lá de baixo, tudo bonitinho fardado, tem uns que fica meio assim e os outros já sabem e não tem vergonha. Daqui de Itabuna, eu me reconheço, que eu sou a única que levo eles a pé, só de vez em quando que meu marido leva de carro mais onde eu for eu levo eles. A gente reúne e cada um leva um valor, uns cinquenta centavos, outros um real, ou o que tiver, ai a gente vai e compra refrigerante e na hora de atravessar a rua faz uma corda de caranguejo, pega um na mão do outro e sai correndo pra atravessar a rua, e eles se divertem (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora,2016).*

Nessa narrativa de Lilian percebemos como o cuidado e a afetividade estão presentes na sua prática educativa, pois como nos apresenta Cavalleiro (2005, p.155):

> Uma pessoa ignorada, maltratada e "descuidada" pode perder o referencial de si mesma, reconhecendo seu fracasso. Pode também tornar-se altamente exigente para consigo mesma, não se permitindo falhar nem errar em qualquer situação. Todos os seres humanos necessitam de afetividade. Todavia, para crianças e adolescentes, isto é imprescindível no processo de aprendizagem. Se durante a formação houver negligencia quanto ao afeto, provavelmente na vida adulta haverá dificuldade de relacionamento social.

Esse é mais um ponto da educação antirracista desenvolvida pelo Encantarte, ao acompanhar essas crianças visualizei que a maioria era crianças negras (isso sob a minha ótica e destacando a cor da pele como marca), que se sentiam acolhidas e valorizadas por Lilian e por todos os outros que desenvolvem as oficinas, essa ação de valorização e acolhimento para uma criança e adolescente contribui para fortalecimento identitário negro, pois um ambiente acolhedor, onde há uma participação positiva da criança e do adolescente negro contribui para que esse tenha um desenvolvimento pautado na igualdade, solidariedade e respeito às diferenças. Nessa perspectiva, Munanga (2010, p.19) afirma

> Graças à busca de sua identidade, que funciona como uma terapia do grupo, o negro poderá despojar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se em pé de igualdade com os outros oprimidos, o que é uma condição preliminar para uma luta coletiva.

Assim, a educação antirracista realizada pelo grupo, está voltada para uma ação humana e coopera para o crescimento mútuo de completude, portanto, os/as alunos/alunas e

seus educadores se cruzam, se deslocam e reconstroem mutuamente a sua identidade negra, por meio de uma luta coletiva, pautada em referenciais positivos que tem como foco, fortalecer, conhecer, reconhecer e afirmar o seu pertencimento racial.

3.5 O Encantarte e a relação com a construção identitária negra dos seus integrantes: alunos e agora educadores

> *A menina de nove anos que foi pra capoeira treinar tinha um pensamento totalmente diferente, era aquele pensamento rebelde, e através do projeto eu mudei, tá entendendo? Hoje eu sou diferente. Assim, eu procuro mostrar pra eles que a menina de 09 anos, 13 anos, 14 anos, não é pra ser mulher de traficante, essa menina é pra ser jogadora de capoeira, educadora física, formada na faculdade, que através da capoeira as mães podem dizer: Há a capoeira não vai levar a nada, não vai dá emprego nenhum ao meu filho, mas leva sim. Eu me dediquei a capoeira, mas ano que vem eu vou me matricular na faculdade, eu já tenho uma visão assim, hoje eu tenho um certificado de educadora social, pelo "Viv-à-rte", porque através de projetos sociais eu vim ver que tem outras ações que podem tá ajudando (LILIANE SANTOS - entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

A narrativa de Liliane demonstra a importância dos projetos sociais em uma comunidade que não tem muitas oportunidades, como a do Maria Pinheiro, quando ela narra a importância da capoeira na vida dela e de tantas outras meninas e meninos dessa comunidade ela não está se referindo apenas a uma prática esportiva, mas algo que possibilite a compreensão do lugar social que estão, porque estão e quais possibilidades podem ter, diante desse contexto. Nesse sentido, a educação está atrelada a sua construção identitária, onde podem ser autores das suas histórias. Esse não é um processo tranquilo, pelo contrário, Gomes (2002) afirma que:

> Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais, no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal (p. 02).

Assim, esse processo educativo desenvolvido pelo Grupo Encantarte contribui para a construção identitária negra dos/das alunos/alunas e também de seus integrantes, e isso ocorre devido ao posicionamento antirracista de educação desenvolvida por eles/elas que

buscam apresentar para a comunidade referenciais positivos de personalidades negras e da cultura africana.

Em outras narrativas também percebemos a contribuição do trabalho realizado pelo grupo no que diz respeito a outras construções identitárias, pois dos cincos integrantes quatro que hoje realizam oficinas começaram como alunos e hoje estão à frente dessas oficinas. Todos os cincos se autodeclaram negros e apresentam como se deu esse processo, que por vezes foi doloroso.

> *...foi indo, foi indo, foi indo, eu querendo me libertar da química, mais a gente não conseguia se libertar eu falo a gente, porque quando eu me libertei, as minhas filhas também se libertaram, então foi a família toda e o Encantarte me ajudou muito nisso, porque eu participava de palestra, eu lembro que foi em uma palestra com Alba Cristina e ela com aquele Black todo dela, e ai, foi indo, foi indo, e eu falava, meu Deus eu preciso me libertar e ai eu me libertei da tal da química (JAQUELINE PAULA – entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Jaqueline narra esse processo de aceitação da identidade que é doloroso, pode levar tempos para que ocorra, pois aceitar os atributos físicos em uma sociedade que não os reconhecem como esteticamente bonitos interfere em diversos aspectos como nos apresenta Munanga (2010 p 19):

> A recuperação dessa identidade começa pela aceitação dos atributos físicos de sua *negritude* antes de atingir os atributos culturais, mentais, intelectuais, morais e psicológicos, pois o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade.

O fato de começar a aceitar seus atributos físicos, como narra essa participante ao abandonar o processo químico para alisamento do cabelo, não significa que os problemas cotidianos do racismo são enfrentados com menos dor. Porém, o fato de aceitar o seu corpo e perceber em seus pares que esses “atributos físicos” também são aceitos, como ela narra em relação a família, contribui para o fortalecimento de sua identidade negra e assim o enfrentamento do racismo tendo como base a sua autoestima e a consciência de sua história, pois no caso do Encantarte já sinalizamos que eles/elas não utilizam da estética pela estética, mas sim como um ato de resistência. Ao narrar ***minha família toda se libertou*** ela reforça o ato de militância e da coletividade.

O mesmo ocorre com Jackson ao narrar sua ida a Salvador e se deparar com outros negros iguais a ele fisicamente e que já haviam passado por esse processo de construção identitária ou mesmo já estava em outro momento de entendimento em relação aos "atributos físicos" negros.

> *E foi dentro do PREAFRO[19] que a gente acabou despertando : Perai, onde eu tô? Quem eu sou? Porque você acaba tendo um choque de realidade, com pessoas que são semelhantes seu e têm pensamentos diferentes, ai você começa a procurar o seu lugar de fato, a começar pela sua cabeça, em organizar o seu, agora a partir do momento que eu estou aqui e acho que a responsabilidade é outra. Então, talvez por isso que a gente acabou por desenvolver um papel de liderança, assim, sabe, porque eu acabei entrando em contradição com todos aqueles anos que eu vivi, até o momento, com 25 anos que entrei no projeto assim, acabei vendo que aqueles 25 anos que vivi, não é que foi em vão, mas que eu estava totalmente equivocado de tudo que eu pensava a respeito de identidade, a gente conviveu com várias pessoas muitas delas com esse pensamento preconceituoso, ou de não se assumir mesmo, a começar pela prática do cabelo, eu convivi com vários amigos de família, que nunca tiveram essa questão de identidade, quando eu fui pra Salvador mesmo, eu falei que porra é essa? que lugar que eu tô? é que eu vi que nada daquilo que eu vivi aqui é verdade, né?. Que a gente tem que seguir um padrão de beleza que não existe. Dentro do PREAFRO a gente começou a ter essas contradições, o próprio Toninho chamou atenção pra isso que ele foi professor do PREAFRO, e foi quando a gente criou essa matéria de discussão étnico-racial que foi logo com o processo de cotas na UESC[18]. Então, a discussão tava muito efervescente, e isso ajudou muito a gente de fato a começar a compreender, qual o papel do negro na sociedade e o negro consciente, então, quando você a partir desse momento tem a consciência crítica , principalmente do racismo ai a gente começa a colocar as ideias no lugar, e foi basicamente isso que aconteceu, foi uma contradição total, e ai o pensamento muda assim, ai, a partir dessas parcerias que a gente construiu aqui, eu comecei a frequentar por curiosidade e por aceitação de nossas raízes, de valores das nossas raízes (*JACKSON SANTOS DE SOUZA - *entrevista concedida a pesquisadora, 2016).*

Esse processo de construção identitária emerge a partir da tomada de consciência entre nós e os outros, assim a partir do momento que Jackson se dá conta de que existe para além de Itabuna um lugar onde existem pessoas com essa identidade já mais fortalecida, ele começa a perceber que pode ser diferente e ele pode "aceitar suas raízes".

Não queremos aqui afirmar que esse processo de construção identitária ocorreu com todos os integrantes de forma igual, pois sabemos que todos processam e constroem suas identidades e nesse caso sua identidade negra de acordo com as suas experiências e a forma

---

[18] Universidade Estadual de Santa Cruz

com o qual eles/elas se relacionam. Porém, não podemos deixar de considerar que o fato desses jovens, ao participarem de atividades com o objetivo de reconhecer o problema racial na sociedade brasileira a partir de uma educação antirracista que priorize a cultura africana a afro-brasileira, bem como o conhecimento e reconhecimento de suas histórias, isso pode contribuir para a construção, afirmação e reafirmação de uma identidade negra, onde os pares, ou seja uma comunidade, um grupo trabalha cotidianamente para a valorização e consciência política da história do negro no Brasil.

CONSIDERAÇÕES “NÃO” FINAIS

Nesta dissertação buscamos contribuir com as discussões acerca de um *eu* que se constitui *negro,* que traz consigo marcas históricas e sociais de um passado marcado por exclusão e negação, mas também por lutas e resistências. Atrelado a isso, apresentamos histórias narradas por jovens que se construíram negros considerando a sua comunidade, a sua história e o seu trabalho articulado a uma concepção de educação antirracista realizada com o intuito de superar e/ou minimizar as desigualdades raciais e sociais por meio do fortalecimento da identidade negra, da cultura, e assim contribuir na construção identitária negra de outras pessoas. Portanto, chegamos ao fim desta dissertação, mas não do diálogo. Por isso escolhemos considerações “não” finais, por pensarmos que a identidade se encontra sempre em processo de construção e por entendermos que a luta, o enfrentamento ao racismo e a busca por igualdade de condições e oportunidades é de todos e todas e, portanto, permanece e não podemos finalizá-la.

Não temos como objetivo apresentar conclusões, pois ao considerar identidade como algo inacabado e por se tratar de experiências vividas, não poderemos estabelecer um “veredicto”, como se pudesse “encaixar” pessoas neste ou naquele conceito. Trago aqui as narrativas daqueles/as que viveram inúmeras dificuldades decorrentes da desigualdade racial e social, mas que não se renderam ao preconceito e à discriminação, pelo contrário, buscaram enfrentar e modificar a sua realidade pela arte e educação antirracista.

Chegamos nesta fase com uma mistura de sentimentos como alívio e ansiedade, por compreender que apesar de todo trabalho o processo de construção de uma escrita é trabalhoso, porém compensador. Chegar a este momento significa que de certa forma avançamos em uma discussão que se renova a partir do momento que encontramos outros sujeitos, outras obras e outras vivências. Essa é uma das contribuições dos trabalhos acadêmicos: possibilitar indagações, avanços em um processo de construção e reconstrução da teoria e das experiências.

Este estudo teve como inspiração o Grupo Encantarte e nele as pessoas que realizam oficinas, ou seja, desenvolvem uma educação que nesta pesquisa consideramos antirracista, são cinco jovens sendo, três mulheres e dois homens participantes desta investigação, que foram fundamentais para compreendermos os elementos que compõem a identidade negra e

como a atividade desenvolvida por eles/elas colaboram no processo de construção das identidades de outros.

Durante as leituras, orientações e reflexões cuidadosas foram feitas no intuito de buscamos seguir um caminho que conduzisse a compreensão do que nos propomos pesquisar. Assim, a escolha foi por uma pesquisa qualitativa, tendo como instrumentos metodológicos as entrevistas narrativas e a observação participante registrada no diário de campo. Buscamos também fundamentar este estudo em autores que colaboram com as categorias apresentadas nesta pesquisa como: identidade, identidade negra e educação antirracista.

Para tratar de identidade buscamos respaldo teórico nos estudos de Hall (1999,2011), em relação a identidade negra consideramos a abordagem de Munanga (2005; 2006 2009,2010) e Gomes (1999; 2001; 2002), para atender a educação antirracista nos ancoramos em Gomes, Cavalleiro (2001; 2005), e Freire (1987, 1996, 2000, 2001,2003), esses autores atrelados ao estado da arte das produções cientificas sobre o tema, colaboraram para o entendimento e também para percebermos que esta pesquisa é relevante, pois se trata de um assunto que deve sempre ser revisitado, pois o contexto da pesquisa e da sociedade indicam que esse é um estudo que carece ainda de muita investigação.

Compreendemos os avanços conquistados, principalmente, devido à luta dos Movimentos Negros que resultaram na implementação da Lei 10.639/03, porém ao depararmos com gerações que sofreram e ainda sofrem discriminação racial, percebemos que ainda temos muito a enfrentar e conquistar. Portanto, ações como as do Encantarte servem de estímulo e de alerta para lembrarmos que os negros se organizam em grupos, devido a ausência de políticas públicas implementadas pelo estado brasileiro para os moradores das comunidades periféricas compostas, na sua maioria por negros.

Nesse sentido, pensar identidade negra na sociedade brasileira é um dos principais elementos para se estabelecer relações raciais e sociais mais justas e igualitárias e discutir a identidade negra do Grupo Encantarte significa trazer para um contexto social mais amplo o debate a respeito de jovens que lutam e resistem pelo seu pertencimento racial. Para tanto, propõem e executam atividades priorizando a cultura africana e afro-brasileira como uma forma de se autoafirmarem e proporcionar ao outro um sentimento de pertencimento, pois a identidade é algo construído de forma relacional.

Pensar que essas identidades estão em um processo de construção, e para tanto já foram eleitas como elementos que representam a história afro-brasileira, cada vez mais fortalecida pela dimensão positiva, significa pensar em um movimento de troca com outros

jovens, que também terão como exemplo esses integrantes, e todo a sua experiência. E, portanto, poderão também buscar em uma luta cotidiana, a igualdade de condições, o respeito as diferenças, e a indignação perante as injustiças raciais e sociais.

Consideramos que ao pensar no processo identitário destes integrantes, buscamos não só apresentar as suas narrativas como algo recortado para compor a pesquisa, nem ao menos para dar voz aos integrantes do Grupo Encantarte, que por si só já fizeram isso, pois toda a cidade já os reconhece como pessoas que transformam sua realidade. Mas para compreender a construção identitária negra, por meio dos elementos presentes nas ações do Encantarte, que priorizam sujeitos em formação e construção envolvendo trajetórias marcadas por vivências muitas vezes estigmatizadas e introjetadas no processo de socialização, que desencadeou uma cultura de preconceito e discriminação racial, relacionada à cor da pele (raça) e/ou origem social. Entretanto, ao construírem suas narrativas esses sujeitos revisitam a própria história e refletem sob as suas experiências tornando-as fundamentais para o seu processo de fortalecimento identitário e autoafirmação racial.

Quando abordamos o termo construção, não o fazemos como algo feito de fora para dentro, como se alguém o fizesse pelo outro, e sim como alguém que ao conhecer o que quer, estabelece para si características e elementos que possam interagir com suas vivências, e se constituírem mutuamente, em um processo contínuo, entre o *eu* e o *outro*.

Assim, atendendo aos objetivos desta pesquisa, chegamos a compreensão que a construção identitária negra desses/dessas participantes, está relacionada aos elementos históricos e sociais da comunidade do Bairro Maria Pinheiro, como também do cenário brasileiro. Nesse sentido, eles/elas se constroem considerando o entendimento do papel do negro nesta sociedade, revelado em todas as narrativas pela forma como o negro é socialmente visto. Assim, eles observam todos os problemas sociais e econômicos, e assim buscam esse fortalecimento e essa compreensão do ser negro, morando em uma favela, com problemas diversos e mesmo assim fortalecidos e autoafirmados. Não queremos aqui afirmar que basta uma pessoa negra entender a sua história, assumir os seus problemas que ela terá sua identidade negra fortalecida, este não é um movimento sem conflitos e individual, pois cada indivíduo reage os acontecimentos de acordo com as suas experiências, neste caso se trata das vivências provocadas por ações de cinco jovens negros que fez o exercício de narrarem as histórias vividas e transformadas em experiências.

Cabe destacar também o elemento da estética ao assumirem a sua negritude, por meio do cabelo eles/elas se firmam e se reconhecem mesmo sabendo da imposição social que tenta

padronizar um tipo de beleza. Nesse sentido, percebemos durante as entrevistas, não apenas visualmente, pois todos/todas assumem os seus cabelos, mas também no discurso e no fortalecimento, pois revelaram nas suas narrativas as experiências de resistência devido às formas estéticas que adotam e, esse foi sem dúvida um grande desafio apontado por eles/elas em relação ao assumir-se negro.

Destacamos ainda o tipo de oficina desenvolvido por cada um/uma deles/delas com elementos da cultura africana e assim realizam uma educação antirracista, pois trazem sempre referenciais positivos de personalidades negras e também dos aspectos da História da África o que contribui tanto para a construção identitária negra deles/delas como também de seus alunos/alunas.

Assim, os cinco participantes trouxeram vida, ensinamentos e significados para esta pesquisa, mostraram que apesar de serem jovens de uma mesma comunidade e terem os mesmo marcadores que compõem as suas identidades, eles/elas também possuem singularidades e nessas singularidades se complementam e dão forma a um grupo que resiste há quase duas décadas.

Egnaldo com sua oficina de percussão ensina e aprende com os jovens que a poesia e a literatura negra merece ser tocada e encantada, ele busca em sua oficina fazer com que os/as seus/suas alunos/alunas compreendam a importância da cultura africana e afro-brasileira para o seu fortalecimento identitário.

Jaqueline com os seus penteados afros, fortalece meninos e meninas, mulheres e homens a se reconhecerem e perceber a sua beleza sem outros mecanismos que não seja os seus próprios, com isso ela está cada vez mais compreendendo a sua beleza e a sua identidade negra.

Liliane com a sua capoeira ensina os meninos e meninas assim como ela a perceberem que tudo começou com a capoeira. Desse modo, ela ensina a importância da ancestralidade e da compreensão da sua história, ao jogar capoeira ela traz com o som do “timbal” toda uma história que é contada e admirada por outras pessoas, que assim como ela passam a entender que tudo tem um início e isso precisa ser valorizado.

Jackson com seus filmes colabora com uma reflexão mais consciente do ser negro no Brasil e também com a riqueza do ser negro, assim ele se fortalece e percebe que isso ocorre também com os outros jovens, ao exibir e discutir os filmes ele promove debates e consequentemente outras postura frente aos problemas raciais e sociais.

Tâmela a mais nova do grupo traz para a sua dança-afro o poder da mulher negra e da história, demonstra apesar da fragilidade física uma força de uma mulher, que não quer ver mais mulheres negras se curvarem diante do machismo ou mesmo dos seus problemas e que esse enfrentamento requer uma luta diária.

Assim eles/elas se completam e buscam realizar uma educação antirracista diferente da realizada no contexto escolar, porém não menos importante. Dessa forma, fortalecer outros jovens, outras mulheres e consequentemente perpetuar o sentimento de luta e resistência difundido desde o início pelos primeiros moradores do Bairro Maria Pinheiro. Obviamente, não podemos deixar de evidenciar a importância social e cultural do Grupo Encantarte para o município de Itabuna e também os municípios vizinhos.

Em suma, queremos evidenciar que mesmo com esses elementos mencionados bem fortalecidos esses jovens estão em um processo constante de construção identitária negra, que vai se fortalecer diante de cada oficina realizada, cada tema trabalhado e principalmente de cada indivíduo com o qual eles/elas irão se relacionar. Nessa relação, pude também perceber na medida em que, me relacionava com eles/elas a cada entrevista, que a minha identidade branca me confere todos os privilégios que tive e tenho devido a cor da minha pele. Aqui a pesquisadora deu lugar a pessoa e pude junto com eles estabelecer uma relação que vai para além desta pesquisa, a minha admiração pelo grupo e agora pelas pessoas só aumentou a minha responsabilidade ética de combater a opressão racial que ainda persiste na sociedade brasileira.

Desejamos que esta discussão possa ganhar cada vez mais força, e não se limite apenas a alguns espaços universitários. É preciso que o conhecimento acadêmico cumpra a sua finalidade e produza conhecimentos que discuta atitudes, comportamentos e ações organizadas para o enfrentamento do preconceito racial. Que esse debate chegue às escolas, na comunidade, que outras pessoas conheçam o Grupo Encantarte, a história desses jovens e principalmente que o poder público comece a olhar para essas comunidades. Quando pensamos em uma pesquisa acadêmica com o foco na identidade negra, estamos chamando atenção para um debate que problematize a estrutura racial e social do Brasil. Trata-se de conhecimentos que busquem denunciar para modificar a realidade opressora, preconceituosa e discriminatória que ainda inferioriza homens e mulheres pela cor da sua pele.

Nossa intenção aqui é desenvolver uma sistematização dessas narrativas, e compreender seu processo identitário. Não o de desvendar verdades, mas apresentar pessoas que ao se organizarem em seus mundos e em sua comunidade, puderam modificar tanto a sua

realidade, como a de muitas pessoas que reconhecem nesses jovens integrantes do Grupo Encantarte, outras possibilidades ou como apresenta Sergio Vaz em um trecho do seu poema Manifesto da Antropofagia Periférica (2013): "*Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros",*

REFERÊNCIAIS

ANDRADE, Maria Palma; ROCHA, Lurdes Bertol (org.). **De Tabocas a Itabuna: Um estudo histórico-geográfico.** Ilhéus: Editus, 2005.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DE ITABUNA: ano base 2012 / Prefeitura Municipal de Itabuna, Secretaria de Planejamento e Tecnologia – Itabuna, BA: PMI/UESC, 2014. Disponível em:<http://prefeituradeitabuna.com.br/2015/images/Downloads/Anuario-Estatistico-Itabuna2014. pdf>. Acesso em: Jan. 2016.

ARAÚJO, Valmir Henrique de. **Os trançados de Lia:** para que os adultos possam ler com as crianças. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2015.

BACELAR, Jeferson. **A hierarquia das raças: negros e brancos em Salvador**. Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

BENJAMIN, Xavier de Paula. **O Movimento Hip Hop e a Construção da Identidade Negra/Juvenil**. Revista da ABPN • v. 2, n. 5 • jul.-out. 2011 • p. 63-73. Acesso em mai. 2015.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações ÉtnicoRaciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004.

BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana.** 12ª ed. Petrópolis – RJ; Vozes, 1997.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Racismo e anti-racismo na educação. Repensando a escola** – São Paulo: Selo Negro, 2001.

_____ Discriminação racial e pluralismo em escolas de São Paulo. In: **Educação antiracista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Brasil **Mito Fundador e sociedade autoritária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo. 2000.

CONNELLY, Michael F e Jean CLANDINIM. **Pesquisa Narrativa:** Experiência e História em Pesquisa Qualitativa. EDUFU. Minas Gerias, 2011.

COSTA, Omar Santos. **Pobreza e Exclusão Financeira: o caso do bairro Maria Pinheiro no município de Itabuna / Ba** – Salvador, 2012.

DELORY-MOMBERGER, C. Os desafios da pesquisa biográfica em educação. In: SOUZA, E. C. (org.). **Memória, (auto)biografia e diversidade**: questões de método e trabalho docente. Salvador: EDUFBA, 2001.

FERREIRA, Ricardo. F. **Afro-descendente:** Identidade em Construção. São Paulo, EDUC/ Rio de Janeiro, Pallas, 2000.

FRANÇA, Egnaldo F. **Projeto Encantarte**: Movimentos de Juventude na Afirmação e Formação da Identidade Negra no Bairro Maria Pinheiro, Periferia de Itabuna, Bahia (2000–2013). 53f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História)– Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2013. Acesso em 23-05-2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 29ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001. Fundação Casa de Jorge Amado. **Biografia**. Disponível em:< http://www.jorgeamado.org.br/?page_id=75>. Acesso em: Nov. 2016.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 24. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Educação e mudança**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003a.

_____. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GLÓRIA, Priscila Santos da. **Encantarte:** Uma Análise Histórica (2000-2007). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Licenciatura em História)– Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2007. Acesso em mai 2015.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte**. São Paulo:USP, 2002 (tese: doutorado).

_____. **Educação e Identidade Negra**. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado).

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. (Org) **Racismo e anti-racismo na educação; repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 83-96.

_____. Educação e identidade negra. In: **Aletria – revista de estudos de literatura. Alteridades em questão**. Belo Horizonte, POSLIT/CEL, Faculdade de Letras da UFMG, v.6, n.9, dez/2002, p.38-47.

_____. Educação e relações raciais: discutindo algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabengele (Org.) **Superando o racismo na escola**. Brasília: MEC, 1999.

GONÇALVES, Antonio Alves. **O surgimento da favela do Maria Pinheiro em Itabuna**. 56 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 1999.

GUSMÃO, Neusa M. Mendes. Antropologia e Educação: origens de um diálogo. **Caderno Cedes**. vol.18, n.43, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132621997000200002> Acesso em 20 jun. 2014.

_____. **Diversidade**, cultura e educação Olhares cruzados. São Paulo: Editora Biruta, 2010.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

_____ **Da Diáspora: identidades e mediações culturais. Trad**.Adelaine La Guardia Resende –[et.al] 1ª Ed.atualizada – Belo Horizonte: Editora UFMG. 2011.

HENRIQUES Ricardo. **Desigualdade racial no Brasil: evolução das condições de vida na década de 90.** IPEA 2001.

JUNIOR. Jobson F. da Silva. **A construção da Identidade negra a partir de informações disseminadas em blogs de funk.** Universidade Federal da Paraíba – João Pessoa 2014

JOSSO, Marie-Christine. **A experiência de vida formação.** 2. ed. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de S . **Pesquisa Social: método e criatividade**. 27. Ed. – Petropolis, RJ : Vozes, 2008.

MONTEIRO, Artemisa Odila C. **O processo de construção da identidade negra em Teresina**: O caso do grupo Afro-Cultural coisa de nêgo. Universidade Federal da Bahia – Salvador – Ba 2008.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

_____.**Superando o Racismo na Escola.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

_____. **Negritude Usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Diversidade, etnicidade, identidade e cidadania**. [S.l., 2010?]. Disponível em:<www.educacaonacional.com.br/include/dowload.php?arquivo=/home/educacaonacional.com.br/arquivos/biblioteca>. Acesso em: jan. 2016.

OLIVEIRA, Luiz Henrique S. de. "Escrevivência" em Becos da memória, de Conceição Evaristo. **Revista Estudos Femininistas**.vol.17,n.2 .Florianópolis,May/Aug,2009.

Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2009000200019&script=sci_arttext>. Acesso em:Jan. 2016.

PROJETO ENCANTARTE/ Agentes Comunitários de Saúde do bairro Maria Pinheiro. **Diagnóstico geral da comunidade**. 2001.

QUEIROZ, Delcele. M. **Desigualdade no ensino superior: cor, *status* e desempenho. GE:** Grupo de Estudos Afro-brasileiros e Educação /n.21. 2004.

REIS, Maria da C. **Educação, identidade e histórias de vidas de pessoas negras do Brasil** / Maria da Conceição Reis. – Recife: O autor, 2012.

RICUPERO, Bernardo. **Sete Lições sobre as interpretações do Brasil**. Alameda Casa Editorial. São Paulo, 2007.

ROCHA, José Geraldo. **Movimentos Sociais e Negritude no Brasil**, Revista da ABPN • v. 6, n. 12 • nov. 2013–fev. 2014 • p. 24-60. Acesso em: mai.2015.

ROSA, Camila Simões. **Mulheres negras e seus cabelos**: estudo sobre questões estéticas e identitárias. São Carlos: UFSCar. 2014

ROSSATO, C.GESSER, V. **A experiência da branquitude diante de conflito raciais: estudos de realidades brasileiras e estadunidenses.** In: CAVALLERO, E. Racismo e anti-racismo: represando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001, p. 11-38.

SANTOS, Girlene A. **A Invenção do ser negro**. São Paulo Edição 2005.

SANTOS, Joelma Reis. **A enchente de 1967 e seus reflexos sobre o desenvolvimento de Itabuna.** 40 f. Monografia (Graduação em História). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2001.

SANTOS, Maria Rita. **"Quantos além de mim?" narrativas das experiências de acesso à universidade de educadores negros do PREAFRO em Itabuna-Bahia /** Maria Rita Santos. – Feira de Santana, 2014. Orientador: Marco Antonio Leandro Barzano. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana. Acesso em mai 2015.

SANTOS, Sales Augusto A Lei no 10.639/03 como fruto da luta anti-racista do Movimento Negro. In: **Educação anti-racista:** caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03 /Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SANTOS, Alan. Azevedo. P. dos. **Diagnóstico da violência e criminalidade em Itabuna - BA** / Alan Azevedo Pereira dos Santos. – 1. ed. – Itabuna, BA: Instituto - PROSEM, 2012

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Questão Racial no Brasil. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; REIS João José. **Negras Imagens:** ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil. São Paulo: Edusp (Estação Ciência), 1996.

_____. **O espetáculo das raças.** 12º reimpressão. São Paulo. Companhia das Letras, 2014.

_____ .Lilia FONSECA, M. Nazareth SOARES (Org.) **Brasil Afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença**: A PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS/ Tomaz Tadeu da Silva org. Stuart Hall, Kathryn Woodward.15 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

SILVA, Ana. C. **Desconstruindo a Discriminação do Negro no Livro Didático**. Salvador, EDUFBA, 2001.

SCHUCMAN Lia V. **Entre o "encardido", o "branco" e o "branquíssimo" : raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana** / Lia Vainer Schucman. – São Paulo, 2012. Orientadora Leny Sato. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. Acesso em jul. 2015.

SOUZA, Grace K.S. Sobral. **Bloco Afro Akomabu**: Espaço de fortalecimento da identidade e autoestima entre crianças e adolescentes negros. Revista da ABPN v. 3, n. 7 • mar. – jun. 2012 • p. 157-169. Acesso em: mai.2015.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

SOUZA, Elizeu. C. **O Conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores.** Tese (doutorado) UFBA. 2004

_____. **A arte de contar e trocar experiências: reflexões teóricometodológicas sobre história de vida em formação**. In: Revista Educação em Questão, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

_____. **Dossiê (auto) biografia e educação: pesquisa e práticas de** SOUZA, Elizeu C **Dossiê (auto) biografia e educação: pesquisa e práticas de formação** Educação em Revista | Belo Horizonte | v.27 | n.01 | p.327-332 | abr. 2011.

WELLER, Wivian e Otte, Janete. **Análise de narrativas segundo o método documentário:** Exemplificação a partir de um estudo com gestoras de instituições públicas. UnB – Faculdade de Educação Asa Norte - Brasilia, DF. 2014.

APÊNDICES

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Prezado(a) senhor(a) Tâmela Pereira França

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender quais elementos constituem a identidade étnica dos integrantes do Grupo Encantarte. Nesse sentido, será preciso entrevistar os integrantes do grupo que desenvolvem alguma atividade como exemplo as oficinas culturais. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender como se dá esta constituição identitária étnica e como poderemos ampliar essa experiência para outros jovens e comunidades.

Na sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências de vida e com o trabalho desenvolvido no grupo. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Você só será identificado na pesquisa caso seja um desejo seu, não havendo esse desejo utilizaremos nomes fictícios. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua família será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

O risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença ao entrevista-los e a recordar diferentes momentos de sua vida.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Adriana Batista Santos Chachá pessoalmente na cidade de Itabuna-Ba – Bairro São Caetano – Cond Vila das Pedras ou no telefone (73) 98812-4422, a Professor Orientador da Pesquisa Dr. Valmir Henrique de Araújo no telefone ()ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezinho CEP:45.206-510 Jequié – Bahia,**Telefone:**(73)3528-9727.

Endereços eletrônicos:cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Tâmela Pereira França
Assinatura do participante

Data 20 / 01 / 2016

Adriana Batista Santos Chachá
Assinatura do pesquisador

Data 20 / 01 / 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Prezado(a) senhor(a) Jaqueline Paula dos Santos

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender quais element constituem a identidade étnica dos integrantes do Grupo Encantarte. Nesse sentido, será preci entrevistar os integrantes do grupo que desenvolvem alguma atividade como exemplo as oficin culturais. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender como se dá es constituição identitária étnica e como poderemos ampliar essa experiência para outros jovens comunidades.

Na sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências de vida e com trabalho desenvolvido no grupo. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Você será identificado na pesquisa caso seja um desejo seu, não havendo esse desejo utilizaremos nom fictícios. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua famí será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deix de participar da pesquisa a qualquer momento.

O risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença ao entrevista-los recordar diferentes momentos de sua vida.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisad Adriana Batista Santos Chachá pessoalmente na cidade de Itabuna-Ba – Bairro São Caetano – Co Vila das Pedras ou no telefone (73) 98812-4422, a Professor Orientador da Pesquisa Dr. Valr Henrique de Araújo no telefone ()ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual Sudoeste da Bahia CAP -1° andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezin CEP:45.206-510 Jequié – Bahia,**Telefone:**(73)3528-9727.

Endereços eletrônicos:cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jaqueline Paula dos Santos

Assinatura do participante

Data 30 / 04 / 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Assinatura do pesquisador

Data 30 / 04 / 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Prezado(a) senhor(a) Egnaldo Ferreira França

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender quais elementos constituem a identidade étnica dos integrantes do Grupo Encantarte. Nesse sentido, será preciso entrevistar os integrantes do grupo que desenvolvem alguma atividade como exemplo as oficinas culturais. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender como se dá esta constituição identitária étnica e como poderemos ampliar essa experiência para outros jovens e comunidades.

Na sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências de vida e com o trabalho desenvolvido no grupo. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Você só será identificado na pesquisa caso seja um desejo seu, não havendo esse desejo utilizaremos nomes fictícios. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua família será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

O risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença ao entrevista-los e a recordar diferentes momentos de sua vida.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Adriana Batista Santos Chachá pessoalmente na cidade de Itabuna-Ba – Bairro São Caetano – Cond Vila das Pedras ou no telefone (73) 98812-4422, a Professor Orientador da Pesquisa Dr. Valmir Henrique de Araújo no telefone ()ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezinho CEP:45.206-510 Jequié – Bahia,**Telefone:**(73)3528-9727.

Endereços eletrônicos:cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Egnaldo Ferreira França

Assinatura do participante

Data 14 / 01 / 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Assinatura do pesquisador

Data 14 / 01 / 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

'rezado(a) senhor(a) Jackson Santos de Souza

'ocê está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender quais elementos onstituem a identidade étnica dos integrantes do Grupo Encantarte. Nesse sentido, será preciso ntrevistar os integrantes do grupo que desenvolvem alguma atividade como exemplo as oficinas ulturais. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender como se dá esta onstituição identitária étnica e como poderemos ampliar essa experiência para outros jovens e omunidades.

Ia sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências de vida e com o abalho desenvolvido no grupo. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Você só erá identificado na pesquisa caso seja um desejo seu, não havendo esse desejo utilizaremos nomes ictícios. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua família erá preservada.

'ocê não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar e participar da pesquisa a qualquer momento.

) risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença ao entrevista-los e a ecordar diferentes momentos de sua vida.

Ima via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

)ualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Adriana Batista Santos Chachá pessoalmente na cidade de Itabuna-Ba – Bairro São Caetano – Cond 'ila das Pedras ou no telefone (73) 98812-4422, a Professor Orientador da Pesquisa Dr. Valmir Henrique de Araújo no telefone ()ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do udoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezinho EP:45.206-510 Jequié – Bahia,**Telefone:**(73)3528-9727.

ndereços eletrônicos:cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

u aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e sclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jackson Santos de Souza

ssinatura do participante

Data 25 / 05 / 2016

Adriana Batista Santos Chachá

ssinatura do pesquisador

Data 25 / 05 / 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE

Prezado(a) senhor(a) Lailiane da Conceição Santos

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa que busca entender quais elementos constituem a identidade étnica dos integrantes do Grupo Encantarte. Nesse sentido, será preciso entrevistar os integrantes do grupo que desenvolvem alguma atividade como exemplo as oficinas culturais. Nosso desejo é que ao final deste estudo possamos compreender como se dá esta constituição identitária étnica e como poderemos ampliar essa experiência para outros jovens e comunidades.

Na sua participação você irá contar a sua história de vida, suas experiências de vida e com o trabalho desenvolvido no grupo. Caso seja sua vontade uma cópia lhe será entregue e lida. Você só será identificado na pesquisa caso seja um desejo seu, não havendo esse desejo utilizaremos nomes fictícios. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade e da sua família será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa. Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento.

O risco sofrido por você pode ser em relação ao desconforto da minha presença ao entrevista-los e a recordar diferentes momentos de sua vida.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com: a pesquisadora Adriana Batista Santos Chachá pessoalmente na cidade de Itabuna-Ba – Bairro São Caetano – Cond Vila das Pedras ou no telefone (73) 98812-4422, a Professor Orientador da Pesquisa Dr. Valmir Henrique de Araújo no telefone ()ou o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia CAP -1º andar Av. José Moreira Sobrinho, S/N - Bairro:Jequiezinho CEP:45.206-510 Jequié – Bahia,**Telefone:**(73)3528-9727.

Endereços eletrônicos:cepuesb.jq@gmail.com ou cepjq@uesb.edu.br

Eu aceito participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Lailiane da Conceição Santos

Assinatura do participante

Data 30 / 06 / 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Assinatura do pesquisador

Data 30 / 06 / 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
Campus de Jequié

DECLARAÇÃO DE LIBERAÇÃO

Eu, Jaqueline Paula dos Santos , coordenadora do Grupo Encantarte autorizo a pesquisadora Adriana Batista Santos Chachá, Mestranda de Relações Étnicas e Contemporaneidade, pesquisadora responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado "***Ouvidos atentos: o que dizem os integrantes do Encantarte a respeito da sua identidade étnica"***, a realizar as entrevistas e utilizar outros instrumentos necessários para a efetivação do seu trabalho, desde que não comprometa os horários e atividades do grupo.

Itabuna, 06 de janeiro de 2016.

Jaqueline Paula dos Santos
Coordenadora

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
Campus de Jequié

DECLARAÇÃO

Eu, Adriana Batista Santos Chachá, mestranda do Curso Relações Étnicas e Contemporaneidade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, declaro estar participando do projeto de Pesquisa intitulado "***Ouvidos atentos: o que dizem os integrantes do Encantarte a respeito da sua identidade étnica***".

Jequié, 06 de janeiro de 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Adriana Batista Santos Chachá

DECLARAÇÃO

Eu, Adriana Batista Santos Chachá lotada no Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade – PPGREC, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, declaro que a coleta de dados da Pesquisa intitulada "***Ouvidos atentos: o que dizem os integrantes do Encantarte a respeito da sua identidade étnica***", não foi iniciada.

Jequié, 05 de janeiro de 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade -PPGREC

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Autorizada pelo Decreto Estadual nº 7344 de 27.05.98
Campus de Jequié

DECLARAÇÃO DE COMPROMETIMENTO

Eu, Adriana Batista Santos Chachá lotada no Mestrado em Relações Étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, pesquisador responsável pelo Projeto de Pesquisa intitulado "***Ouvidos atentos: o que dizem os integrantes do Encantarte a respeito da sua identidade étnica",*** comprometo-me a observar se as normas da **Resolução 466/2012** estão sendo obedecidas em todas as fases da pesquisa.

Jequié, 06 de janeiro de 2016

Adriana Batista Santos Chachá

Programa de Pós Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade -PPGREC

Elaboração de perguntas para **entrevistas narrativas**

Local da pesquisa: Colégio Estadual Felix Mendonça.

Para abrir o diálogo: Conte-me um pouco de sua trajetória escolar, até o acesso a Universidade da forma que se sentir melhor **(escola que estudou, cidade, lembranças, professores, dificuldades, cursinho, etc)**

Bloco- Trajetória pessoal, experiência pessoal e as ações do Encantarte

1. Quem é você, fale sobre sua história, seus pais, casamento, filhos, onde mora, profissão, você faz o que gosta, quais suas expectativas pessoais e profissionais...?
2. Como era sua vida na escola, houve algo que marcou positivamente e/ou negativamente sua trajetória escolar?
3. De que cor você se declara?
4. O que você acha que contribuiu para sua autoafirmação racial?
5. Quais aspectos da cultura afro-brasileira você conhece? Tem algum desses que você se identifica?
6. O que é o Encantarte para você?
7. Como foi sua trajetória no Encantarte?
8. O que o Encantarte contribuiu em sua vida?
9. Você acredita que outras instituições podem contribuir positivamente com a afirmação racial?
10. Que atividade você desenvolve no Encantarte e porque desenvolve esta atividade?
11. Como você define a escolhas das suas atividades no Encantarte?
12. O que você acha importante ter nas aulas das oficinas e porque considera importante?
13. Você participa ou acompanha os alunos que fazem apresentações em outros espaços?
14. Como é a recepção do público? Positiva ou negativa?
15. Existe algum momento ou ocasião com o público que te marcou?